

**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**PERCURSOS PEDESTRES NO PARQUE NATURAL  
DO VALE DO GUADIANA**

**Contribuição para a sua implementação no âmbito  
do Turismo de Natureza**

**ALEXANDRA JOÃO GONÇALVES SOARES LOPES**

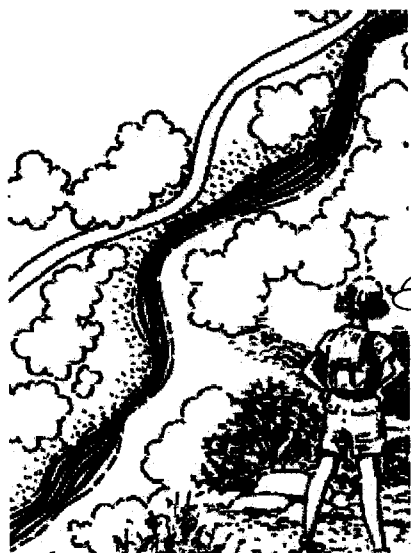
Dissertação apresentada para obtenção do Grau  
de Mestre em Gestão de Recursos Biológicos

Orientador: Prof. Dr. Diogo Francisco Caeiro  
Figueiredo

ÉVORA, 2003

Esta Dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri

## AGRADECIMENTOS



Quero dedicar este trabalho aos meus pais, pois sem a sua ajuda nunca teria encontrado o caminho...  
Um muito, muito obrigada

Quero expressar os meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho, das mais diversas formas:

- ao Prof. Dr. Diogo Figueiredo, por ter aceite ser o orientador desta Dissertação;
- ao pessoal do Parque Natural do Vale do Guadiana: à Ana Cristina Cardoso, um obrigada muito especial por ter sido uma verdadeira "co-orientadora", embora isso não constasse do plano de trabalho; ao Carlos Carrapato, à Ana Zúquete, ao Pedro Colaço, à Teresa, à Célia e à Glória pelo apoio logístico, pelas sugestões aos textos e pelas saídas de campo em busca dos melhores percursos;
- à Associação de Defesa do Património de Mértola (Rosário Oliveira, Natália Henriques, Mariana Oliveira e Sónia Silva), pelas facilidades concedidas ao meu alojamento no Monte do Vento e pela contribuição na metodologia para a selecção dos percursos. Foi através da Rosário Oliveira que surgiu a ideia de fazer o trabalho no PNVG, embora o seu âmbito tenha sido diferente daquele inicialmente previsto;
- À SPEA, por ter permitido as minha ausências sempre que foi necessário dedicar-me a este trabalho;
- Ao Paulo Marques e à Ana Maria Costa, os meus Amigos do coração, que estiveram sempre disponíveis para me ajudar e esclarecer as minhas dúvidas. Agora já tenho tempo para os nossos passeios, e sugiro recomeçarmos pelos percursos deste trabalho;
- ao Dr. Virgílio Lopes, do Campo Arqueológico de Mértola, pela visita às Antas e pelo seu contributo na metodologia para a selecção dos percursos;

- Ao Dr. Guilherme Machado, da Câmara Municipal de Mértola, pela ideia das Vias Verdes e pelo seu contributo na metodologia para a selecção dos percursos;
- ao Sr. Carlos Alcario, pelas sugestões para a selecção dos percursos;
- À Dra. Isabel Campos, da Escola Bento Jesus de Caraças, pela cedência dos textos para o percurso da Água Santa da Morena;
- Ao Helder Costa, pela correcção aos textos dos percursos. As suas sugestões foram muito além da Ornitologia e evitaram que eu cometesse uma série de "gafes";
- à Ana Duque, a minha colega de Mestrado que, mesmo correndo contra o tempo para terminar o seu trabalho, teve tempo para enviar sugestões;
- ao Paulo Cardoso, pela elaboração dos mapas;
- Ao Ricardo Tomé e à Ana Martins, pelas dicas sobre as andorinhas e os peneireiros;
- às Empresas de animação turística que responderam ao questionário, nomeadamente: Adventora, Amigos dos Açores, Aventour, Aventur, Clube Ar Livre, Goisaventura, Inatel, Marca, Mundo de Aventura, Papa-Léguas, Pela Serra, SAL, Serra Aventura, Trans Serrano, Turivema e Turaventur;
- ao Sr. António Manuel, pela companhia durante a minha estadia no Monte do Vento;
- à D<sup>a</sup> Maria Rodrigues e ao Sr. Manuel Barbosa, do Monte do Guizo, pelo passeio que deu origem ao percurso sobre o montado e pelos valiosos conhecimentos sobre flora;
- ao Sr. Cosmo, de Corte Pequena, pelos passeios e esclarecimento sobre a flora da região;
- ao Eng. Carlos Valente, da Associação Rota do Guadiana, pela sugestão sobre o percurso da Ribeira de Limas;
- ao Sr. José Guerreiro, por ter aceite esclarecer as dúvidas do percurso dos Canais;
- ao Sr. Joaquim da Garça, pela visita guiada à região;
- ao Dr. Carlos Pedro, pelas informações sobre o *Road-book*;
- à D. Angelina, de Moreanes, pela história sobre a Nossa Sr.<sup>a</sup> do Amparo;
- ao Dr. José Alho, pelas sugestões feitas à metodologia, na fase inicial do trabalho;
- à Arq.<sup>a</sup> Ana Isabel Correia, do Parque Natural das Serras de Aires e Candeeiros, pela ajuda na fase inicial do trabalho;
- Aos meus Amigos, por estarem sempre ao meu lado.

Por fim, a todos os autores dos inúmeros documentos que consultei. Espero que através deste trabalho essa preciosa informação possa chegar a mais pessoas.

## **RESUMO**

Com este trabalho pretendeu-se contribuir para a implementação de percursos pedestres no Parque Natural do Vale do Guadiana, de acordo com o Enquadramento Estratégico do Turismo de Natureza desta Área Protegida (AP).

A selecção dos percursos baseou-se numa série de critérios e respectivos descritores, que tiveram subjacente a preocupação de conciliar o uso recreativo com a conservação dos valores desta AP e, sempre que possível, promover o desenvolvimento local. Com base nesta metodologia foram propostos oito percursos, tendo-se procedido ao seu enquadramento do ponto de vista da interpretação ambiental. Espera-se que esta informação venha a ser utilizada pelos operadores turísticos que trabalham com este tipo de actividades nessa área, e pelos visitantes que aí ocorrem.

No último capítulo abordam-se alguns aspectos relacionados com a gestão desses percursos, sugerindo-se medidas que visam a operacionalização da sua implementação e monitorização, por parte das diversas entidades envolvidas.

## **ABSTRACT**

With this work we aim to contribute to the implementation of trekking trails at the Vale do Guadiana Natural Park, respecting the Environment Tourism Strategic of this Protected Area (PA). The trails selection was based on several criteria and descriptors which were concerned to handle in harmony both the leisure use and the maintenance of this PA values. Whenever possible the local development should also be promoted. Following this methodology eight trails were proposed, for which we conducted an interpretation approach. We hope that this information will be used by Tourism Operators working locally on this business area; as well as by visitors/tourists.

In the last chapter, we have studied some details of these trails management. We have also presented measures, which aim at its implementation operational viability, to be led by all parties involved.

# ÍNDICE

|  | <b>Pág.</b> |
|--|-------------|
| <b>1. Introdução</b>   | 6           |
| 1.1. Turismo e ambiente                                      | 6           |
| 1.2. Ecoturismo: uma forma de turismo sustentável            | 7           |
| 1.3. O Turismo da Natureza em Portugal                       | 8           |
| 1.4. O Turismo da Natureza no PNVG                           | 9           |
| <b>2. Área de Estudo</b>                                     | 11          |
| <b>3. Definição de percursos pedestres</b>                   | 15          |
| 3.1. Enquadramento   | 15          |
| 3.2. Objectivo   | 15          |
| 3.3. Metodologia   | 16          |
| 3.4. Resultados  | 17          |
| 3.5. Discussão   | 29          |
| <b>4. A interpretação ambiental no Turismo de Natureza</b>   | 31          |
| 4.1. Enquadramento   | 31          |
| 4.2. Objectivo   | 32          |
| 4.3. Metodologia   | 33          |
| 4.4. Resultados  | 35          |
| - Introdução aos percursos                                   | 36          |
| - Percurso 1: Guadiana – o grande rio do sul                 | 41          |
| - Percurso 2: Ao encontro do Vale do Guadiana                | 49          |
| - Percurso 3: à volta do montado                             | 63          |
| - Percurso 4: Ao ritmo das águas do Vascão                   | 73          |
| - Percurso 5: No topo da Serra da Sr. <sup>a</sup> do Amparo | 82          |
| - Percurso 6 – Um percurso ribeirinho                        | 88          |
| - Percurso 7: Na rota do minério                             | 94          |
| 4.5. Discussão   | 101         |
| <b>5. Gestão dos percursos pedestres</b>                     | 103         |
| 5.1. Infra-estruturas  | 103         |
| 5.2. Divulgação  | 105         |
| 5.3. Monitorização   | 106         |
| <b>6. Conclusão</b>  | 109         |
| <b>7. Referências bibliográficas e bibliografia</b>          | 111         |

# **1. INTRODUÇÃO**

## **1.1. Turismo e ambiente**

Vai longe o tempo da conservação dos recursos pelas proibições. Actualmente fala-se antes de gestão sustentada, de conservação activa pelo uso de práticas adequadas de exploração e de utilização racional. A questão que se coloca é saber quais as actividades compatíveis com os interesses da conservação e do desenvolvimento das actividades humanas (Bugalho, s.d.).

O turismo surge hoje, tendo presente os seus potenciais impactos negativos e positivos, como uma actividade económica e social de grande importância, capaz de contribuir para os objectivos de conservação em Áreas Protegidas e em outros locais sensíveis do ponto de vista ecológico e social (Burnay, 2002). Ainda segundo esta autora, o turismo nas áreas naturais é defendido pelo seu potencial em permitir o desenvolvimento sustentável dos ecossistemas e em proporcionar incentivos para a preservação dessas áreas, em lugar de as converter para outros usos menos compatíveis com a protecção do ambiente.

O binómio turismo-ambiente é uma relação biunívoca: por um lado, o turismo enquanto fenómeno que movimenta pessoas é suportado pela existência de um determinado ambiente físico, natural ou construído; por outro lado, na ausência de planeamento e orientação, o turismo pode gerar pressões sobre o ambiente, tornando-o um factor inibidor (Veiga, s.d.). A questão fundamental é, sem dúvida, a de transformar positivamente uma actividade "parasita" e consumidora de espaço, de cultura, de bens e de energia, num instrumento de desenvolvimento sustentável para a região onde se instala o turismo. Assume-se assim que não é a actividade turística em si, mas o modelo de desenvolvimento turístico, que coloca em risco o ambiente (Burnay, 2002).

A Federação dos Parques Nacionais e Naturais da Europa (EUROPARC), defende o desenvolvimento de formas de turismo sustentável em espaços naturais, desde que as mesmas respeitem e preservem a longo prazo os recursos naturais, culturais e sociais, e contribuam de forma positiva e equitativa para o desenvolvimento económico e para o conforto das pessoas que vivam, trabalhem e permaneçam em determinada região (EUROPARC, 1998).

## 1.2. Ecoturismo: uma forma de turismo sustentável

A terminologia usada para descrever a variedade de formas de turismo ditas sustentáveis é diversa, imprecisa e expandiu-se rapidamente nas últimas décadas. Uma variedade de adjetivos e prefixos têm sido usados: verde, científico, correcto, alternativo, responsável, aventura, natural, eco. No âmbito deste trabalho será usado o termo ecoturismo, com a definição proposta pela Sociedade Internacional do Ecoturismo – TIES (UNEP, 2001), e que segundo a qual *“é uma forma responsável de viajar para áreas naturais, que conserva o ambiente e assegura o bem-estar das populações locais”*. Ainda segundo a TIES, *“o ecoturismo é uma forma de turismo sustentável, que teve como base o turismo de natureza, e ao qual foram incluídas as componentes cultural e rural”*.

Defendido como uma alternativa com menor impacto relativamente às outras formas de turismo mais tradicionais, o ecoturismo pretende ser uma actividade económica viável, capaz de minimizar os impactos negativos da actividade humana sobre a vida selvagem e os habitats e, simultaneamente, incentivar para a preservação de áreas naturais (Isaacs, 2000). De acordo com este autor, mais do que um novo segmento do mercado turístico, o ecoturismo assenta numa série de princípios, nomeadamente: contribuir para a conservação da biodiversidade; assegurar o bem-estar das populações locais; incluir experiências de interpretação e aprendizagem; promover acções responsáveis por parte dos turistas e operadores turísticos; incentivar ao consumo mínimo; fornecer incentivos à participação local, através da criação de oportunidade de empregos.

Embora estes princípios sejam louváveis do ponto de vista da conservação da natureza, o ecoturismo também é objecto de críticas. Na realidade, constata-se que muitos operadores turísticos utilizam o termo “eco” por uma questão de *marketing*, sem ter em consideração as questões ambientais, pelo que se defende a necessidade da certificação das empresas que operam neste domínio. Outra crítica apontada prende-se com a dificuldade de cumprimento dos próprios princípios que lhe estão subjacentes. Por exemplo, espera-se que as receitas obtidas a partir do ecoturismo revertam, pelo menos parcialmente, a favor da área natural; no entanto, em muitos países isso não acontece e, mesmo nos países onde tal ocorre, a própria TIES reconhece que ainda não há dados suficientes que comprovem este facto. Outro argumento a favor do ecoturismo defende que os seus impactos negativos são menores quando comparados com os do turismo tradicional, contudo, um olhar mais atento implica também uma avaliação desses impactos, pois alguns dos valores que o ecoturismo devia proteger são afectados

por forma a que esta actividade se mantenha. No entanto, esta análise é dificultada pela escassez de conhecimentos ao nível da avaliação e monitorização desses impactos, dado que estes aspectos raramente são considerados nos programas turísticos.

Com base em Isaac (2000), reconhece-se que o ecoturismo pode ser um contributo para a conservação da natureza, mas a mesma não deve depender desta forma de turismo para sobreviver. Não esqueçamos que o sucesso do ecoturismo depende do mercado de oferta/procura, e fazer depender a salvaguarda dos valores naturais desse mercado é não querer reconhecer o seu próprio valor. O ecoturismo existe porque há áreas naturais e não o inverso, isto é, as áreas naturais existem para sustentar o ecoturismo.

Assim, e face ao exposto, conclui-se que o ecoturismo é uma actividade legítima e que pode contribuir para reunir apoios, de ordem moral e financeiros, para a preservação de áreas naturais. É reconhecido o seu importante papel ao colocar o tema do ambiente na agenda do turismo, alertando muitos agentes para a necessidade de salvaguarda dos valores naturais como base para a sustentabilidade desta indústria. O ecoturismo pode, ainda, criar oportunidades de emprego para as comunidades locais, sendo também um bom aliado em termos de educação ambiental. No entanto, estes benefícios não surgem automaticamente, sendo necessário ocorrer um bom planeamento a vários níveis, nomeadamente, económico, social e ambiental.

### **1.3. O Turismo da Natureza em Portugal**

O ecoturismo é um sector do turismo com um forte crescimento, um pouco por todo o mundo, embora o mesmo esteja maioritariamente associado aos países do hemisfério sul, sobretudo do continente americano, onde existe uma grande diversidade biológica e comunidades locais que mantêm os seus estilos de vida e actividades tradicionais.

Tendo em conta que o continente europeu se encontra fortemente empenhado na implementação de práticas de turismo sustentável, o ecoturismo na sua essência encontra locais privilegiados como áreas protegidas e outras não classificadas, mas nem por isso com menos interesse e vocação para este tipo de turismo (Burnay, 2002). Por forma a definir-se o modelo de desenvolvimento turístico para as Áreas Protegidas (APs) portuguesas, foi criado em 1998 o Programa Nacional de Turismo de Natureza (PNTN) (Resolução do Conselho Ministros n.º 112/98, de 25 de Agosto), no qual se pretende



coniliar a preservação dos valores naturais e culturais com uma actividade turística sustentável. O termo Turismo de Natureza faz assim a ponte do conceito de ecoturismo para o contexto europeu, e em particular para Portugal.

O Turismo de Natureza é assumido como um produto turístico composto por estabelecimentos, actividades e serviços de alojamento e de animação ambiental (animação, interpretação ambiental e desporto de natureza) realizados e prestados em zonas integradas na Rede Nacional de Áreas Protegidas. Espera-se que contribua para potenciar a actividade turística, através da criação de sinergias que promovam o desenvolvimento das populações locais, com respeito pelas suas tradições e aspirações económicas e sociais. Sendo este Programa apenas direccionado para as APs, reconhece-se que esta abordagem deverá ser alargada ao restante território nacional, nomeadamente às áreas classificadas da Rede Natura 2000 e a todo o espaço rural (CMA *et al.*, 2002).

Recentemente, com a aprovação dos Enquadramentos Estratégicos para o Desenvolvimento do Turismo de Natureza, ficou objectivado um conjunto de orientações para iniciativas nas áreas do alojamento turístico e da animação ambiental em cada AP (ICN, s.d.).

#### **1.4. O Turismo da Natureza no Parque Natural do Vale do Guadiana – área de estudo**

No âmbito desse Enquadramento Estratégico, o Parque Natural do Vale do Guadiana definiu já as principais potencialidades para o período 2000-2006 (ICN, s.d.), salvaguardando-se a necessidade das mesmas estarem em conformidade com os objectivos fundamentais consagrados no Plano de Ordenamento do próprio Parque, que se encontra actualmente em fase de aprovação.

Assim, propõe-se com o presente trabalho:

##### **Objectivo geral**

Desenvolver a interpretação ambiental, na componente biológica, nos percursos pedestres do Parque Natural do Vale do Guadiana, contribuindo para a concretização do seu Enquadramento Estratégico do Turismo de Natureza, ao nível das seguintes actividades:

- *estabelecimento de percursos pedestres, incluindo a sua divulgação através da edição de material informativo e da sua divulgação no terreno através de leitores de paisagem e painéis informativos (animação)*
- *estabelecimento de percursos interpretativos (interpretação ambiental)*

Para se atingir esse objectivo, realizaram-se as seguintes acções:

- Definição de percursos pedestres nesta AP, a partir de percursos já existentes ou sugerindo novas propostas;
- Caracterização geral dos percursos pedestres;
- Selecção e aprofundamento de alguns temas do ponto de vista da interpretação ambiental nos percursos considerados;
- Proposta de medidas de gestão para esses percursos.

## 2. ÁREA DE ESTUDO

### Parque Natural do Vale do Guadiana

Pretendeu-se com este capítulo dar uma visão global das características da área de estudo, sem aprofundá-las em demasia, tanto mais que existem outros documentos onde este assunto é abordado com mais exaustão.

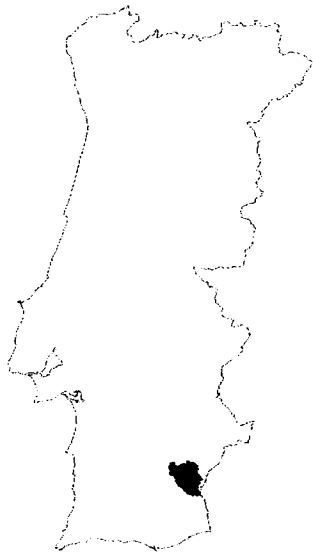


Fig. 1 – Localização do PNVG

O Parque Natural do Vale do Guadiana, adiante designado por PNVG, foi criado em 1995 e integra a rede de Áreas Protegidas do Instituto da Conservação da Natureza (ICN). Possui uma área de 69.773 ha e insere-se no Distrito de Beja (Fig.1), abrangendo parte dos concelhos de Mértola e Serpa, incluindo total ou parcialmente as freguesias de Alcaria Ruiva, Corte Pinto, Espírito Santo, Mértola, Santana de Cambas e S. João dos Caldeireiros, Santa Maria e S. Salvador. A criação deste Parque teve como principais objectivos a conservação do património natural existente e a preservação dos patrimónios paisagístico e cultural, conciliando-se estes interesses com o desenvolvimento sustentado da região (Biodesign *et al.*<sup>1</sup>, 2001).

Esta Área Protegida (AP) insere-se numa região que apresenta um clima tipicamente mediterrânico, com Invernos pouco chuvosos e frescos e Verões quentes e secos, sendo a precipitação uma das mais baixas do país, em oposição aos elevados níveis de insolação e temperatura que, durante os meses de Verão, atinge aqui os seus valores mais elevados (DRAA-Alentejo, 1997; Pena, *et al.*, 1985). Situa-se na Zona Sul Portuguesa e inclui, essencialmente, formações que datam do Devónico e do Carbónico (Biodesign *et al.*<sup>1</sup>, 2001). Ao percorrermos a região, apercebemo-nos de um contraste entre zonas com um forte ondulado, em que a Serra da Alcaria Ruiva é o expoente máximo (com 370m), e zonas mais ou menos planas, onde a altitude ronda os 100m (Pena, *et al.*, 1985). Esta extensa peneplanície é quebrada pelo encaixe do Rio Guadiana, onde ocorrem zonas declivosas em alguns troços do seu vale e de outros cursos de água. O Guadiana é o elemento determinante da paisagem do PNVG, constituindo a 4ª bacia hidrográfica mais importante da Península Ibérica. Das principais

linhas de água contam-se a Ribeira do Vascão, a Rib. de Carreiras, a Rib. de Oeiras, a Rib. de Terge/Cobre e o Rio Chança. Os caudais são reduzidos e apresentam um carácter sazonal, como consequência da fraca pluviosidade associada a um fraco escoamento. Estes constrangimentos atingem também os próprios aquíferos, sendo frequente as situações de esgotamento dos mesmos em períodos de seca prolongada (Biodesign *et al.*<sup>1</sup>, 2001).

A paisagem é, em geral, resultado de uma profunda humanização, onde predominam as áreas agrícolas, destacando-se as culturas arvenses especialmente de Trigo, Aveia e Centeio. A restante área é predominantemente ocupada por montados, em exploração ou abandonados, sendo mesmo a formação mais relevante do ponto de vista biológico, em que o elemento essencial é a Azinheira (*Quercus rotundifolia*) e o Sobreiro (*Quercus suber*) praticamente inexistente (Biodesign *et al.*<sup>1</sup>, 2001). Os matos têm também uma forte expressão na área do Parque, resultantes maioritariamente do abandono das culturas cerealíferas aquando do esgotamento da fertilidade da terra (Matos *et al.*, 1993). De quando em quando a paisagem é salpicada por pequenos aglomerados urbanos, aldeias e montes. A esta diversidade paisagística corresponde uma elevada diversidade faunística, permitindo a existência de áreas de refúgio, de reprodução e de alimentação para diferentes espécies que aí ocorrem (Cruz, 1999).

O grande rio do Sul, como é por vezes apelidado o Guadiana, é palco de uma grande diversidade piscícola que inclui importantes comunidades de endemismos ibéricos, alguns dos quais restringidos à sua bacia hidrográfica. No entanto, vários problemas ameaçam estas comunidades, colocando em risco a sobrevivência de algumas espécies e que já levaram ao provável desaparecimento de outras, nomeadamente o Esturjão (*Acipenser sturio*). Para isso, muito têm contribuído os sucessivos empreendimentos hidráulicos no Guadiana, que fomentaram a introdução e a proliferação de espécies exóticas, especialmente as predadoras, contribuindo significativamente para a diminuição dos efectivos populacionais das espécies nativas (Biodesign, *et al.*<sup>1</sup>, 2001; Oliveira, 1996).

Ao contrário da fauna piscícola que foi alvo de inúmeros estudos, escasseiam as informações referentes aos répteis e anfíbios da região. No entanto, parece confirmar-se a presença de, pelo menos, 13 espécies de anfíbios e 17 espécies de répteis, onde se incluem alguns endemismos ibéricos e espécies raras no contexto nacional. A avifauna constitui um dos grupos mais bem representados do PNVG, estando referenciadas 147 espécies, algumas das quais ameaçadas ou potencialmente ameaçadas em Portugal Continental, onde se incluem várias aves estepárias e rapinas de grande porte. Embora

os mamíferos estejam ainda mal estudado, referenciaram-se para a região 44 espécies, realçando-se a ocorrência de uma importante população de Lontra (*Lutra lutra*), algumas espécies ameaçadas de morcegos e a eventual presença de Lince (*Lynx pardinus*), o que muito contribui para o importante valor de conservação à escala nacional das espécies de mamíferos desta AP (Biodesign, *et al.*<sup>1</sup>, 2001).

A maior parte da área do Parque encontra-se abrangida por zonas de caça turísticas ou associativas, sendo as áreas mais interessantes do ponto de vista cinegético aquelas que correspondem aos habitats mais sensíveis.

Parecem ter sido a agricultura itinerante e a pastorícia as actividades que contribuíram fortemente para a fixação do povoamento nesta região. Após várias oscilações da população ao longo dos anos, a densidade populacional é actualmente das mais baixas do país. Nos últimos anos verificou-se uma estabilização do ritmo de decréscimo da população, com o atenuar da emigração; mas acentuou-se o despovoamento rural, em consequência do envelhecimento populacional e dos movimentos migratórios, provocados pelo encerramento da Mina de São Domingos e pelo abandono dos campos agrícolas devido ao esgotamento dos solos (Biodesign, *et al.*<sup>1</sup>, 2001). Face à fraca produtividade da região, com consequente implicação ao nível sócio-económico, a população sentiu necessidade de desenvolver um conjunto de actividades alternativas, as chamadas actividades tradicionais, que garantissem a sua subsistência (Oliveira, 1994).

Na área do PNVG persistem inúmeros testemunhos arqueológicos representativos de diversas Épocas, desde o início da ocupação do Homem neste território. A visita às várias estações arqueológicas conduz-nos a tempos recuados, desde os acampamentos da pré-história até aos fortes fortificados, passando pelos locais de culto, de enterramento, entre muitos outros (Biodesign, *et al.*<sup>1</sup>, 2001). Mértola é símbolo desse riquíssimo património cultural, tendo sido alvo de inúmeros estudos e projectos de valorização.

Face ao exposto, reconhece-se que o Parque Natural do Vale do Guadiana encerra valores naturais, paisagísticos e culturais que importa preservar e valorizar, mas cuja gestão tem que conjugar os objectivos da conservação da natureza com a promoção da qualidade de vida das populações. Neste contexto, o turismo sustentado, assente na dinamização de diversos segmentos, poderá ser uma solução viável e desejável (ADPM<sup>1</sup>, 2000; Mateus, 2001).

O multifacetado projecto designado por *Mértola Vila Museu*, iniciado em 1978, foi um dos grandes impulsionadores do desenvolvimento do turismo nesta região, assente sobretudo nos aspectos culturais. O trabalho mais relevante foi a criação de espaços museológicos no centro histórico da vila, com projecção a nível nacional e internacional (Mateus, 2001). Esta região deixou de ser um simples local de passagem entre Beja e Castro Marim (Algarve), assumindo-se com uma identidade própria, capaz de atrair visitantes por si só. Contudo, e tal como este último autor reconhece, a cultura não é o único recurso existente, sendo fundamental assentar o desenvolvimento numa perspectiva de interligação de vários sectores. O património natural é um desses sectores!

### **3. DEFINIÇÃO DE PERCURSOS PEDESTRES**

#### **3.1 Enquadramento**

O turismo baseado na componente ambiental não tem uma expressão homogénea na área do Parque, concentrando-se essencialmente em locais como a Mina de S. Domingos, o Pomarão, a Serra de Alcaria Ruiva e o Pulo do Lobo. As belezas cénicas, as calmas e convidativas águas ou a oportunidade para a prática de desportos de natureza são os principais atractivos que estes locais oferecem aos visitantes que aí ocorrem. A visitação a estes pontos mais emblemáticos é complementada com alguns percursos já implementados, embora a maior parte seja vocacionada para veículos motorizados. Os percursos pedestres constituem hoje em dia uma das actividades recreativas mais procuradas, seja de forma individual ou em grupos organizados. A sua implementação nas APs é de todo o interesse, tanto para o visitante como para o próprio Parque, na medida em que proporcionam uma forma agradável de contacto e aprendizagem do meio, sensibilizando os participantes para os problemas e valores nele existentes (Alves, 1990).

Desde que correctamente definidos e geridos, os percursos pedestres podem ser bons instrumentos de ordenamento, pois evitam o uso indiscriminado da área, reduzindo a entrada em zonas de maior sensibilidade ambiental. Por outro lado, espera-se que os mesmos potenciem a valorização do património natural e construído, e contribuam para o desenvolvimento local.

Infelizmente, escasseiam os estudos que permitam tecer considerações sobre a visitação no Parque – a proveniência dos turistas, números, motivações, etc. – facto que dificulta uma análise correcta sobre o interesse neste tipo de actividade. No entanto, consta-te que tem ocorrido uma maior procura por percursos pedestres na área do Parque por parte das empresas de animação turística

#### **3.2. Objectivo**

Esta etapa do trabalho consistiu na apresentação de uma rede de percursos pedestres, focados essencialmente nos valores naturais, para serem implementados na área do

PNVG, e cuja selecção baseou-se nos percursos já existentes ou sugeridos para a área de estudo e, quando oportuno, na apresentação de novas propostas.

### 3.3. Metodologia

Neste trabalho consideram-se os percursos pedestres como uma das actividades contempladas na modalidade de Animação do Programa Nacional de Turismo de Natureza. As normas para a sua realização serão definidas na Carta de Desporto de Natureza do Parque, e a mesma deve estar conformidade com o Plano de Ordenamento desta AP (Anexo I).

A metodologia adoptada baseou-se na que foi utilizada no trabalho intitulado "Zonas de Interesse Ambiental do Alentejo" (Cruz, 1999), sendo dividida em 3 fases distintas, que a seguir se descrevem:

**a) Identificação de locais com potencial interesse para a implementação de percursos pedestres** – procedeu-se ao levantamento bibliográfico dos percursos já implementados na área do Parque, bem como de outros sugeridos em trabalhos diversos. A consulta a agentes locais potencialmente interessados e envolvidos nesta temática, nomeadamente a Câmara Municipal de Mértola, o Campo Arqueológico de Mértola, a Associação de Defesa do Património de Mértola, a empresa Corte Gafo Servi e o próprio Parque, resultou na proposta de mais locais.

**b) Estabelecimento de critérios e respectivos indicadores para avaliação dos percursos pedestres** – definiram-se critérios para a selecção dos percursos, tendo-se para o efeito recorrido aos agentes locais anteriormente contactados e a operadores turísticos que actuam na domínio do turismo de natureza. Em Portugal há cada vez mais empresas que realizam passeios a pé guiados, muitos dos quais decorrem em APs. Assim, sendo este trabalho vocacionado essencialmente para um público turístico, julgou-se pertinente conhecer a opinião dessas empresas relativamente a alguns aspectos inerentes a esta actividade. Recorrendo-se à Internet, seleccionaram-se empresas que promoviam passeios a pé, num total de 65, tendo-se posteriormente enviado um email onde se explicava o objectivo do presente estudo, solicitando-se a colaboração das mesmas para responderem ao seguinte questionário:

i) realizam passeios pedestres?

ii) que tipo de passeios? Interpretativos (qual o tema) e/ou caminhadas (pedestrianismo)?



iii) quais os critérios considerados na escolha do percurso?

Após a análise das respostas elaborou-se uma lista de critérios que serviram de base à selecção dos percursos.

**c) *Seleccção dos percursos com base nos critérios definidos*** - todos os percursos ou locais propostos foram visitados várias vezes, com veículo motorizado e/ou a pé, tendo-se recorrido a cartas militares à escala de 1/25.000 para mapear os percursos existentes e/ou sugeridos. Na ausência de percursos nos locais sugeridos, abordou-se os proprietários, guardas ou pastores dos terrenos em busca de caminhos. Para a escolha final dos percursos tentou-se, sempre que possível, escolher caminhos cujos descritores apresentassem índices com os menores valores da lista definida, na maior parte da sua extensão. Após a exclusão dos percursos inapropriados, procedeu-se ao diagnóstico das restantes propostas de percursos, com base na qual se definiu a lista final sobre a qual incidiu as restantes etapas do presente trabalho.

### **3.4. Resultados**

#### **a) *Lista de percursos pedestres já definidos, implementados ou sugeridos, ou de locais com potencialidade para a sua implementação***

A tabela 1 resume os percursos que estão implementados na área do Parque, bem como outros sugeridos em diversos trabalhos. É de salientar o facto de praticamente todos aos locais propostos já terem sido alvo de trabalhos sobre percursos, e alguns deles serem mencionados em folhetos, nomeadamente do Parque. A excepção contempla as povoações de Corte Pequena, Corte de Sines, as várias Antas, a Tapada Grande e a Serra da Sr.<sup>a</sup> do Amparo. O grau de pormenor das características dos percursos divulgados difere entre as várias fontes, variando desde simples referência aos locais de passagem até descrições mais exaustivas do que pode ser observado.

Tabela 1 - Compilação da informação disponível sobre percursos nos locais propostos

| <b>N.º</b> | <b>Locais propostos</b>                          | <b>Tipo de percurso</b>  | <b>Nome do percurso</b>                               | <b>Descrição do percurso</b>   | <b>Fonte</b>   |
|------------|--|--|---|--|--|
| 1          | Ribeira de Limas                                 | Pedestre   | Ribeira de Limas – Pulo do Lobo                       | Percurso circular que permite acompanhar a Rib. de Limas na última fase do seu trajecto, até à confluência com o Rio Guadiana, perto do Pulo do Lobo. O regresso ao ponto de partida poderá ser feito pela N514.   | com. pess. Eng. Carlos Valente (Assoc. Rota do Guadiana) |
| 2          | Pulo do Lobo                                     | Automóvel  | Entre o rio e o montado                               | Percurso de Mértola até ao Pulo do Lobo, que dá a conhecer o sistema agro-silvo-pastoril de uma área de montado e que pretende demonstrar a inter-relação que existia no passado entre o Homem e o Rio Guadiana.   | DRAA-Alentejo (1997); ADPM <sup>1</sup> (2000)           |
| 3          | Anta das Pias, Anta do Carrapato, Vale das Antas | Inexistente  | -   | -  | -  |
| 4          | Canais, Corte Pequena, Corte Sines               | Inexistente  | -   | -  | -  |
| 5          | Perímetro Florestal                              | Pedestre ou de bicicleta (excepto na opção do percurso ribeirinho) | Percurso Florestal (com opção de percurso ribeirinho) | Com este percurso pretende-se observar a fauna e a flora dos arredores de Mértola, assim como alguns vestígios patrimoniais. Com início na rotunda de Mértola, prossegue-se até às Azenhas desta vila, seguindo-se pelo pinhal até à intercepção com a N122. Daqui pode-se seguir até ao Porto de Alcácer ou regressar a Mértola pelo moinho do vento. Na primeira opção, segue-se pela estrada do perímetro florestal até ao convento de S. Francisco e regressa-se a Mértola. A variante ribeirinha permite, a partir do Porto de Alcácer, regressar a Mértola ao longo da Rib. de Oeiras. | Romba (1996); Romba <i>et al.</i> (1999)                 |

Tabela 1 (cont.) - Compilação da informação disponível sobre percursos nos locais propostos

| <b>N.º</b> | <b>Locais propostos</b>       | <b>Tipo de percurso</b>                               | <b>Nome do percurso</b>  | <b>Descrição do percurso</b>   | <b>Fonte</b>  |
|------------|-------------------------------|---|--|--|---|
| 6          | Herdade da Bombeira           | Pedestre, de bicicleta ou de automóvel                | Vários nomes:<br>À volta de Mértola;<br>No Convento de S. Francisco;<br>Bombeira | Percurso sugerido em vários trabalhos, com algumas variantes mas que correspondem basicamente ao mesmo trajecto. A variante mais completa tem início em Mértola, segue até ao convento de S. Francisco, entra no perímetro florestal até à Herdade da Bombeira, daqui segue até às Neves e depois intercepta a N122, regressando a Mértola ao longo dessa estrada.               | DRAA-Alentejo (1997), ADPM <sup>1</sup> , (2000); Romba et al. (1999); Cruz, (1999); ICN (2001) |
| 7          | Via Romana perto de Além Rios | Pedestre ou de bicicleta                              | Vários nomes: à volta de Mértola;<br>Nas vias romanas;<br>Vias Romanas           | Este percurso transporta-nos para a Época Romana, através de um pequeno troço da via romana que ligava Mértola à Mina de S. Domingos. O percurso mais completo começa em Além-Rios, passa pela Horta da Malhadinha e regressa a Além-Rios.   | EPBCJC (s.d.); ADPM <sup>1</sup> (2000); Romba et al. (1999); Cruz (1999)                       |
| 8          | Azenhas de Mértola            | a) Pedestre ou de bicicleta<br>b) Pedestre            | a) À volta de Mértola<br>b) Entre o rio e o montado                              | a) Percurso que liga as Azenhas a Mértola, podendo conciliar-se com o percurso n.º 5. Interessante do ponto de vista do património edificado.<br>b) Percurso ao longo da margem direita do rio Guadiana, entre as Azenhas de Mértola e o Moinho dos Canais. Para além de testemunhos do património edificado, tem interesse do ponto de vista dos recursos piscícolas deste rio. | a) DRAA-Alentejo (1997);<br>b) ADPM <sup>1</sup> (2000)   |
| 9          | Serra de S. Barão             | Automóvel ou de bicicleta, com pequeno troço pedestre | Entre serras   | Percurso à volta desta Serra, que proporciona vistas de considerável beleza.   | ADPM <sup>1</sup> (2000)  |
| 10         | Serra de Alcaria Ruiva        | Incluído no percurso n.º 9                            | Entre serras   | Incluído no percurso n.º 9.  | ADPM <sup>1</sup> (2000)  |

Tabela 1 (cont.) - Compilação da informação disponível sobre percursos nos locais propostos

| <b>N.º</b> | <b>Locais propostos</b>                           | <b>Tipo de percurso</b>                                   | <b>Nome do percurso</b>  | <b>Descrição do percurso</b>  | <b>Fonte</b>  |
|------------|---|---|--|---|---|
| 11         | Água Santa da Morena                              | Inexistente   | -  | -   | -   |
| 12         | Tapada Grande                                     | Inexistente   | -  | -   | -   |
| 13         | Mina de S. Domingos                               | Automóvel (em alguns troços), de bicicleta ou pedestre    | Vários nomes:<br>Percurso mineiro;<br>Da Mina ao Pomarão;<br>Mina de S. Domingos – antigo caminho de ferro | Percurso que liga a Mina de S. Domingos ao Pomarão, cujo principal atractivo é a utilização do trilho do antigo caminho de ferro,   | Road-book (por publicar); ADPM (1994); Cruz, (1999)                                 |
| 14         | Serra da Sr.ª do Amparo                           | Inexistente   | -  | -   | -   |
| 15         | Mesquita  | De automóvel, de bicicleta ou pedestre                    | Mesquita   | Trajecto que liga a povoação da Mesquita até ao cais de embarque, localizado em frente à povoação do Pomarão.   | Palma da Cruz, (1999)   |
| 16         | Mértola, Corte Gafo de Cima e Corte Gafo de Baixo | a) Automóvel<br>b) Pedestre, de bicicleta ou de automóvel | a) Entre o rio e o montado<br>c) Carvoeiro, Água Alta e Canais   | a) Percurso que dá a conhecer o sistema agro-silvo-pastoril de uma área de montado e que pretende demonstrar a inter-relação que existia no passado entre o Homem e o Rio Guadiana. Estende-se de Mértola até ao Pulo do Lobo, passando por Corte Gafo de Baixo e Corte gafo de Cima.<br>b) Percurso linear entre a povoação de Corte Gafo de Baixo e o Carvoeiro. Ao longo deste trajecto pode-se observar algumas manifestações geológicas e acompanhar o rio na sua margem direita, passando por locais com relevância para a actividade piscatória. | a) DRAA-Alentejo (1997); ADPM <sup>1</sup> (2000);<br>b) Cruz (1999);<br>ICN (2001) |

Tabela 1 (cont.) - Compilação da informação disponível sobre percursos nos locais propostos

| <b>N.º</b> | <b>Locais propostos</b>   | <b>Tipo de percurso</b> | <b>Nome do percurso</b> | <b>Descrição do percurso</b>   | <b>Fonte</b>             |
|------------|---|-------------------------|-------------------------|--|--------------------------|
| 17         | Monte do Vento  | Pedestre                | Monte do Vento          | Decorre na propriedade do Monte do Vento, pertencente à Associação de Defesa do Património de Mértola (ADPM) e desenvolve-se ao longo de um gradiente biofísico, paisagístico e de uso do solo bem demarcado. É realizado com o acompanhamento de técnicos desta associação. | ADPM <sup>2</sup> (2000) |
| 18         | Moinho dos Canais   | Pedestre                | Entre o rio e o montado | Incluído no percurso n.º 8b.   | ADPM <sup>1</sup> (2000) |
| 19         | Corte Gafo de Baixo (Portugal) –<br>– Valverde del Camino (Espanha) | Pedestre                | Noites na Raia          | Grande percurso que pretende recriar o trajecto dos contrabandistas entre Corte Gafo de Baixo e Espanha.   | Bernardo (1996)          |

**b) Estabelecimento de critérios e respectivos indicadores para a avaliação dos percursos nas áreas propostas**

*Reunião com entidades locais*

No âmbito da reunião referida anteriormente, teve-se oportunidade de colocar a questão sobre os aspectos considerados importantes por cada entidade na escolha de percursos pedestres, tendo as opiniões convergido para os seguintes grupos de critérios: segurança, vulnerabilidade, dificuldade, infra-estruturas de apoio, propriedade e valores naturais e culturais (possibilidade de interligação).

*Inquérito a empresas de animação turística*

Das empresas contactadas, 17 responderam às questões colocadas.

Constatou-se existir alguma confusão entre os termos caminhadas e percursos interpretativos. Muitas das empresas realizam passeios pedestres guiados, onde se procede a um enquadramento paisagístico/cultural/ecológico dos locais. Relativamente aos critérios adoptados pelas empresas na escolha dos percursos (sem distinção clara do tipo de percurso), salientam-se: existência de trilhos; possibilidade de abordagens temáticas; trilhos pouco conhecidos do público; possibilidade de interligação com outras actividades; beleza dos locais; riqueza em termos de património geológico, cultural, arqueológico, natural e histórico; distância do percurso; estado de conservação dos locais; proximidade de água; dificuldade; acessibilidade; segurança; decorrerem fora de estradas alcatroadas; sensibilidade da zona; diversidade da paisagem; duração; apoio ao desenvolvimento local; existência de pontos de elevado interesse; conhecimento prévio da área por parte dos organizadores; procura pelos visitantes; morfologia do terreno (plano, preferencialmente); interesse dos órgãos decisores (ex. Câmara) e acessível ao público em geral.

Aos resultados da reunião e do inquérito foram incorporados outros aspectos mencionados em trabalhos do género e considerados igualmente relevantes (Alves, 1990; FCP, 2001), tendo-se chegado à lista final que se passa a descrever:

Critérios e respectivos descritores<sup>1</sup> adoptados para a exclusão de percursos (ou troços de percursos) inapropriados:

a) *Propriedade*

- 1 - Área livre
- 2 - Área livre mas com acesso condicionado (ex. terrenos de caça)
- 3 - Área privada sem oposição ao acesso
- 4 - Área privada com oposição ao acesso (exclusão)

b) *Segurança*

- 1 - Seguro
- 2 - Relativamente seguro (sazonalmente – caça; crianças necessitam de acompanhamento)
- 3 - Relativamente perigoso (carece de medidas de gestão)
- 4 - Muito perigoso (exclusão)

c) *Vulnerabilidade* (fauna e flora prioritárias)

- 1 - Habitat resistente à pressão humana
- 2 - Alguns pontos vulneráveis, mas salvaguardáveis com *designs* apropriados dos percursos
- 3 - Vulnerável, mas salvaguardável com medidas de gestão
- 4 - Muito vulnerável (exclusão)

d) *Caminhos* (acessos)

- 1 - Caminhos, carreiros ou estradas de terra batida ou empedradas, em boas condições
- 2 - Caminhos, carreiros ou estradas de terra batida ou empedradas já utilizados, que actualmente se encontram em más condições ou já não existem, mas com possibilidade de recuperação
- 3 - Sem caminhos<sup>2</sup>
- 4 - Caminhos muito acidentados ou estradas asfaltadas (exclusão)<sup>3</sup>, salvo durante pequenos troços ou para aceder ao percurso principal

<sup>1</sup> Os descritores são enumerados por ordem decrescente do seu interesse

<sup>2</sup> Embora a inexistência de caminho não seja, por si só, razão para excluir o percurso, é desejável que se evite ter que abrir mais caminhos. Isto não inviabiliza a possibilidade de se recuperar caminhos já existentes, mas que apresentem más condições de manutenção.

<sup>3</sup> Caminhar em estrada asfaltada é, de acordo com as normas da Federação Portuguesa de Campismo, incómodo, monótono e às vezes perigoso.

e) *Cooperação*

- 1 – Importância do projecto reconhecida/apoiada
- 2 – Desconhecimento de eventuais conflitos
- 3 – Existem outros planos para a zona mas são compatíveis com a implementação do percurso
- 4 – Outros interesses prioritários para a zona (exclusão)

Outros critérios a ter em consideração na escolha dos percursos:

f) *Diversidade da paisagem* (ambiente urbano/industrial, agrícola, florestal/matagal, ribeirinho)

- 1 – Ocorrência de 4 tipos de habitats
- 2 – Ocorrência de 3 tipos de habitats
- 3 – Ocorrência de 2 tipos de habitat
- 4 – Ocorrência de 1 tipo de habitat

g) *Património* (cultural<sup>4</sup>, natural – biológico, natural – geológico; construído)

- 1 – Ocorrência de 4 tipos de património
- 2 – Ocorrência de 3 tipos de património
- 3 – Ocorrência de 2 tipos de património
- 4 – Ocorrência de 1 tipo de património

h) *Visitação do local*

- 1 – Sem visitação
- 2 - Pouco visitado
- 3 - Visitado temporariamente
- 4 - Visitado frequentemente

i) *Declive*<sup>5</sup>

- 1 – Fácil (plano ou suave)
- 2 – Moderado (suave a moderado)
- 3 – Difícil (moderado a acentuado)
- 4 – Extenuante (íngreme)

---

<sup>4</sup> Entende-se por património cultural as tradições locais, as festas e romarias, as lendas, etc.

<sup>5</sup> Sendo na maior parte das vezes difícil estimar com rigor o declive do terreno, por falta de instrumentos adequados, optou-se por adoptar uma classificação qualitativa.



j) *Perturbação*

- 1 - Ausente
- 2 - Moderada (temporária)
- 3 - Localizado perto de áreas com perturbação
- 4 - Localizado em áreas com muita perturbação

l) *Infra-estruturas<sup>6</sup>*

- 1 - Infra-estruturas adequadas
- 2 - Infra-estruturas insuficientes, mas com possibilidade de serem melhoradas
- 3 - Infra-estruturas inexistentes, mas o local oferece condições para a sua implementação
- 4 - Infra-estruturas insuficientes ou inexistentes e o local não oferece condições para o seu melhoramento

m) *Interligação com outras actividades*

- 1 - Já ocorrem actividades na área com possibilidade de interligação
- 2 - Não existem actividades na área mas é possível a sua implementação
- 3 - Ocorrem actividades na área, mas de âmbitos distintos do turismo de natureza
- 4 - Sem interesse para outras actividades

n) *Desenvolvimento local*

- 1 - O percurso passa por zonas com condições para se contribuir para o desenvolvimento local
- 2 - O percurso localiza-se nos arredores de locais onde é possível a adopção de medidas que contribuam para o desenvolvimento local
- 3 - Os locais perto do percurso não dispõem de condições para que se possa contribuir para o desenvolvimento local
- 4 - O percurso não passa por locais onde seja possível contribuir-se para o desenvolvimento local

Nota: o factor distância não foi considerado como critério de selecção, pois considera-se uma mais valia disponibilizar percursos com diferentes extensões.

---

<sup>6</sup> Infra-estruturas de acolhimento e restauração: hotéis, restaurantes, etc.; Infra-estruturas de apoio: postos de turismo e informação, transportes, sanitários, parques de estacionamento, sinalização, etc.; Infra-estruturas de animação e interpretação: observatórios, centros de interpretação, zonas para descanso, Parque de merendas, etc. ; Infra-estruturas de segurança: passadiços, barreiras, etc.



### **c) Seleção de percursos**

A selecção dos percursos foi feita com base nos critérios definidos anteriormente, tendo-se elaborado uma ficha de diagnóstico para cada uma delas (Anexo II).

#### **1ª parte – Exclusão de percursos inapropriados**

a) Ribeira de Limas – de acordo com o Parque, este local ainda não está suficientemente estudado, desconhecendo-se a importância dos valores que aí ocorrem. Assim, e por uma questão de precaução, sugere-se que o percurso não seja implementado enquanto não se finalizarem os respectivos estudo (critério Vulnerabilidade), tanto mais que é considerado um local de Protecção Parcial I, segundo o Relatório do POPNVG. Contudo, e no caso de haver interesse na sua implementação, sugere-se o percurso entre a ponte da Ribeira de Limas, ao longo da margem esquerda, até ao Pulo do Lobo. Nalguns troços do percursos ocorrem afloramentos rochosos, que implicam a sua transposição em condições pouco seguras.

b) Pulo do Lobo – pode-se chegar até este local quer pelo lado de Serpa quer por Mértola. Em ambas as situações os caminhos correspondem a estradões, muito utilizados por veículos motorizados, o que torna desagradável a sua utilização para percursos pedestres. Como não existem caminhos alternativos, esta proposta foi rejeitada.

c) Anta das Pias, Anta do Carrapato, Vale das Antas - Estes locais têm um elevado interesse arqueológico, sendo desejável abordá-los em conjunto. O único caminho que possibilita a sua interligação é, na maior parte da sua extensão, feito por estrada asfaltada (ou por estradão), considerando-se que em termos de passeios a pé não tem muito interesse (critério Caminhos); Contudo, sugere-se a implementação de um percurso, para veículos motorizados ou bicicletas, que ligue estas e outras Antas da região. Outra razão para a exclusão desta proposta tem a ver com o facto da Anta do Carrapato ainda não estar suficientemente estudada, pelo que não se aconselha para já a sua divulgação (*com. pess.* Dr. Virgílio Lopes).

d) Canais, Corte Pequena, Corte Sines - o percurso prospectado que faz a ligação entre os três locais apresenta várias dificuldades, nomeadamente a falta de caminho em grande parte da sua extensão (critério Caminhos) e a necessidade de se atravessar terrenos privados com clara oposição ao seu acesso, nomeadamente na Herdade da

Brava (critério Propriedade). Deste modo, sugere-se encurtar o percurso ao troço dos Canais a Corte Pequena.

e) Perímetro Florestal - percurso com interesse para ser implementado face à proximidade a Mértola. Contudo, a sua exclusão teve por base o critério Cooperação, pois há interesse da Câmara Municipal e da Direcção Geral de Florestas em dinamizar a zona com actividades diversas (*com. pess.* Técnicos do PNVG). No caso de ser implementado algum percurso, sugere-se que se tenha em consideração as propostas já contempladas em alguns trabalhos desenvolvidos no âmbito das Provas de Aptidão Profissional da Escola Bento Jesus de Caraças (Romba, 1996; Romba, *et al.*, 1999), nomeadamente:

- Ermida de S. Sebastião – Azenhas de Mértola – Quinta da carocha – Horta do Sr. José Baiôa – N122 (santinha) – Hortas das canas – Portinho de Alcácer – Lixeira – Convento de São Francisco – Mértola;

- Ermida de S. Sebastião – Azenhas de Mértola – Quinta da carocha – Horta do Sr. José Baiôa – N122 (santinha) – Hortas das canas – Portinho de Alcácer – Moinho do Vento – Mértola.

Não se aconselha a adopção do percurso ribeirinho entre o Portinho de Alcácer e Mértola, pela perigosidade, dificuldade e inexistência de caminho em vários troços do trajecto.

f) Serras de S. Barão e Alcaria Ruiva – desfrutar o horizonte a partir dos pontos dominantes destes dois locais é o principal atractivo para a inclusão dos mesmos em percursos pedestres. Contudo, esta hipótese foi rejeitada para ambas as serras devido ao critério Vulnerabilidade. De acordo com o Relatório do Plano de Ordenamento do Parque (POPNVG), estes locais apresentam uma grande vulnerabilidade ecológica devido à presença de zonas muito sensíveis e à presença de fauna com elevado valor conservacionista (Biodesign *et al.*<sup>2</sup>, 2001). O Regulamento do POPNVG não coloca qualquer restrição ao nível do estabelecimento de percursos a pé nesses locais (Biodesign *et al.*<sup>3</sup>), no entanto, considera-se que, por precaução, não se deve incentivar a afluência de pessoas aos mesmos, tanto mais que existe outra alternativa viável que oferece uma experiência semelhante, concretamente o percurso da Serra da Sr.<sup>a</sup> do Amparo. Chama-se contudo a atenção para a contradição desta sugestão com as actividades actualmente praticadas nestes locais, nomeadamente parapente.

g) O percurso entre Corte Gafo de Baixo e Ververde del Camino, que pretende recriar um dos caminhos mais usados pelos contrabandistas que actuavam entre Portugal e

Espanha, foi rejeitado pelo critério Propriedade, pois alguns dos troços passam por propriedades privadas, em que pelo menos na Herdade da Brava há uma clara oposição à sua implementação .

### *2ª parte – Lista final de percursos propostos*

Todas as propostas de percursos não excluídas na fase anterior foram consideradas com potencial interesse para serem implementadas. Contudo, duas das propostas não foram incluídas nas restantes fases do trabalho, nomeadamente:

a) O percurso das Vias Romanas (Além Rios) - tem como principal interesse o património construído, nomeadamente as antigas Vias Romanas. Embora tenha sido alvo de vários trabalhos de recuperação não há uma manutenção periódica do mesmo, apresentando actualmente sinais de degradação. Para além disso, a delimitação do trajecto depende da autorização do proprietário do terreno da primeira parte do percurso, sendo igualmente necessário desobstruir a última etapa, pois culmina num galinheiro. Assim, e lamentavelmente, considera-se que perante estas condições este percurso não está apto a ser dinamizado para fins turísticos, e portanto não se incentiva a sua implementação para já. No entanto, defende-se a sua recuperação e dinamização num futuro próximo.

b) O percurso do Monte do Vento - está a ser dinamizado por uma associação de desenvolvimento local, a Associação de Defesa do Património de Mértola, decorrendo numa propriedade adquirida por esta associação no âmbito dum Projecto LIFE. Tem como principal objectivo a educação ambiental e é complementado com acções e meios adequados para o efeito (ADPM<sup>2</sup>, 2000).

Assim, das propostas iniciais resultaram oito percursos finais, cuja localização está representada na figura 2.



Fig. 2 – Localização dos oito percursos seleccionados

### 3.5. Discussão

A rede de percursos pedestres proposta teve como princípio o seu potencial turístico e a sua utilização por parte das entidades envolvidas e interessadas nesta actividade. A sua implementação irá promover a afluência dos visitantes a certos locais, pelo que é necessário que sejam tomadas, desde o início, as devidas precauções por forma a evitar ou minimizar eventuais impactos negativos no meio envolvente. O Plano de Ordenamento do Parque não condiciona a realização de percursos pedestres em nenhuma zona, embora esta condicionante possa vir a ser aplicada na futura Carta de Desporto de Natureza desta AP. Contudo, esta preocupação esteve subjacente à escolha feita, salvaguardando-se os locais considerados mais sensíveis de acordo com esse Plano e a opinião de funcionários do Parque.

A metodologia utilizada foi ajustada aos objectivos e à área de estudo do presente trabalho. Para além da escolha de diferentes critérios e respectivos indicadores, relativamente a Cruz (1999), a análise baseou-se num método qualitativo e não quantitativo, essencialmente pelo reduzido número de percursos considerados, ao contrário desse trabalho, e por se pretender que a metodologia fosse facilmente aplicável em outras situações, sem estar limitada à utilização de programas de software específicos para a sua análise. Os descritores utilizados devem ser vistos como indicadores de situações preferenciais vs. prejudiciais e, sempre que possível, escolhem-se os percursos que apresentem as melhores condições. Optou-se por um

número de descritores igual em todos os critérios, para facilitar a comparação entre os vários percursos.

Para a avaliação e a selecção dos percursos identificaram-se alguns parâmetros considerados primordiais e condicionantes para o sucesso deste género de actividade, nomeadamente a segurança, a propriedade, a vulnerabilidade, a acessibilidade e a cooperação (institucional e particular). Além disso, a delimitação dos próprios trajectos dos percursos pretendeu conjugar uma série de critérios relevantes para várias empresas que operam neste domínio. Por último, e tal como referido, pretendeu-se também que esta metodologia fosse simples e facilmente utilizável, nomeadamente por operadores turísticos na escolha de percursos pedestres.

Como principais constrangimentos, aponta-se a dificuldade em avaliar os troços que apresentam diferentes descritores ao longo da sua extensão, a incapacidade de, por vezes, se seleccionar os melhores troços face a limitações dos próprios locais e, por último, a necessidade de se conhecer muito bem a zona por forma a proceder-se à sua correcta avaliação.

Os percursos propostos apresentam características distintas, nomeadamente ao nível da sua localização, dos valores contemplados e do grau de dificuldade. Por se pretender que a sua implementação seja enquadrada no âmbito do Programa de Turismo de Natureza, e por se considerar que qualquer actividade deve promover os valores locais e envolver a própria população, deu-se especial atenção à possibilidade dos percursos passarem por zonas onde fosse possível haver algum contributo para o desenvolvimento local, nomeadamente ao nível do comércio e a interligação com outras actividades aí decorrentes. No entanto, nem sempre foi possível concretizar-se esta intenção pois vários locais não estão preparados para o efeito, apresentado falta de infra-estruturas capazes de corresponder a este propósito.

Relativamente ao interesse dos valores considerados, tem-se consciência que este ponto apresenta alguma subjectividade, dependendo do propósito da própria visita. Contudo, considera-se que os valores da zona e, concretamente, a mensagem que se quer transmitir aos visitantes depende essencialmente dos objectivos e da eficácia das entidades gestoras e dinamizadoras, e não dos condicionalismos dos locais. Por isso, defende-se a importância da interpretação ambiental, nomeadamente em percursos pedestres, a qual será desenvolvida no capítulo seguinte para os oito percursos propostos.

## **4. A INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL NO TURISMO DE NATUREZA**

### **4.1. Enquadramento**

Para Strasdas (2002), a informação e a interpretação são duas formas de transmitir aos turistas conhecimentos acerca da área que irão visitar, mas que diferem entre si em termos de contexto e objectivos. Enquanto que através da informação se pretende fornecer aos visitantes orientações úteis à sua visita (onde ir, como chegar, como comportar-se, entre outros), a interpretação está relacionada com a compreensão e o conhecimento de determinados tópicos da área.

A informação é uma ferramenta prática e uma componente essencial em qualquer tipo de turismo, tanto mais importante quando os turistas não estão familiarizados com o local. Por outro lado, a interpretação pode ser encarada como um serviço adicional, dispensável para o turista convencional que, provavelmente, pretende apenas desfrutar da paisagem. Contudo, é um importante elemento utilizado nalgumas formas de turismo, como o ecoturismo ou o turismo de natureza, no caso das APs em Portugal, e defendido no PNTN (*Decreto-Lei* nº47/99, de 16 de Fevereiro). Aí, a interpretação é mencionada como uma actividade que permite ao visitante o conhecimento global do património que caracteriza a área protegida, através da observação, no local, das formações geológicas, da flora, fauna e respectivos habitats, bem como de aspectos ligados aos usos e costumes das populações, com recurso às instalações, sistemas e equipamentos do turismo de natureza.

No caso do PNVG, e de acordo com o seu Enquadramento Estratégico para 2000-2006 (ICN, s.d), pretende-se com uma estratégia de interpretação dotar a região de um conjunto de estruturas que, de alguma forma, contribuam para a ordenação do turismo, para o desenvolvimento regional e para a sensibilização dos visitantes e da população residente para a conservação do património natural e cultural, salientado a importância desse património no contexto actual e numa perspectiva futura.

Relativamente ao património natural, as APs proporcionam ingredientes com grande sucesso para a interpretação ambiental, pois oferecem a oportunidade de se observar processos naturais, de se compreender o funcionamento e a interligação dos ecossistemas, assim como os efeitos da acção humana na degradação dos habitats (Wearing *et al.*, 2000). Ainda segundo este autor, um adequado programa de

interpretação ambiental pode trazer benefícios para a AP (através da promoção de valores, de locais e dos objectivos da sua gestão), para o visitante (a visita torna-se mais agradável e proveitosa) e, em última análise, contribui para o desenvolvimento local (cria oportunidades directas e indirectas de emprego).

Muitas definições limitam a interpretação a um despir de factos, usualmente a simples traduções de termos técnicos para uma linguagem facilmente compreensível. Se isto é parte do que se pretende, falta acrescentar que esta é uma actividade na qual se revelam os significados, relações ou fenómenos naturais por intermédio de experiências práticas e meios interpretativos. A interpretação ambiental pode ser feita de diversas formas, de acordo com as necessidades de protecção da área, a sua capacidade de gestão, as características do público visitante e os objectivos de uso recreativo estabelecidos (WWF-Brasil, 2001).

As várias técnicas de interpretação ambiental podem ser agrupadas em função dos meios utilizados, isto é, personalizados e não personalizados. Dos primeiros, os exemplos mais conhecidos são os passeios guiados e as palestras; nos segundos constam os passeios auto-guiados, os meios audiovisuais e as exposições.

Em Portugal, as APs recorrem habitualmente às exposições, aos painéis e aos folhetos informativos como formas de transmitir as suas mensagens. Por outro lado, cada vez mais empresas incluem nos seus serviços percursos pedestres guiados, em que mais do que um simples passeio pretende-se proceder ao enquadramento dos locais visitados. Para isso, torna-se necessário um amplo conhecimento dos valores locais por parte dos guias, o que implica uma preparação prévia dos mesmos ao nível do reconhecimento dos percursos e da recolha de informação necessária.

#### **4.2. Objectivo**

O PNVG tem sido alvo de inúmeros trabalhos, sobretudo de índole cultural e patrimonial, dos quais resultaram documentos que são preciosos auxiliares para qualquer guia ou visitante que pretenda obter informações sobre o Parque, salientando-se os que foram elaborados pela Associação de Defesa do Património de Mértola (ADPM). Contudo, considera-se que ainda há "nichos" para os quais não será supérfluo nem repetitivo a elaboração de materiais, sobretudo que tenham em vista a interpretação ambiental.



Assim, nesta fase do trabalho pretendeu-se desenvolver alguns dos temas contemplados nos percursos pedestres propostos anteriormente, especialmente os que estão relacionados com aspectos biológicos, numa perspectiva de interpretação ambiental, por forma a serem utilizados por guias de visitas organizadas e pelos visitantes desta AP.

### **4.3. Metodologia**

Tal como referido anteriormente, pretende-se que a interpretação ambiental seja uma tradução da linguagem da "natureza" para a linguagem comum, levando as pessoas a perceber e, se possível, valorizar o meio que as rodeia. Para isso, deve estimular a observação, a reflexão e a acção.

Geralmente nos percursos pedestres há um acompanhamento no local, quer personalizado através da presença de um guia, quer não personalizado por folhetos ou painéis, em que se explica com pormenor aquilo que se está a observar. Para tal, selecciona-se um tema e a mensagem é, sempre que possível, adequada ao público alvo, pressupondo-se que haja tempo para a apreensão da informação. As características gerais de um percurso interpretativo são a sua pequena extensão (geralmente não ultrapassa os 1,5 km), o tempo de cadência (demora entre 30 a 60 min.), ser circular e conter vários pontos de paragem (WTO/UNEP, 1994).

Se estas características são as mais desejáveis, a verdade é que nem sempre é possível concretizá-las, quer por restrições físicas do local quer pelos objectivos que se propõem atingir. No caso concreto dos percursos propostos no capítulo anterior, os mesmos têm extensões muito superiores às aconselhadas para a interpretação. Contudo, são percursos já divulgados e habitualmente utilizados, ou com interesse para serem implementados. Se por um lado não é viável a sua interpretação nos moldes habituais, por outro é desejável que quem os utilize possa ter uma percepção mais clara do espaço envolvente. Deste modo, e no caso actual, optou-se por adaptar a metodologia aconselhada à realidade local.

Assim, com base no diagnóstico efectuado para cada percurso seleccionaram-se os temas centrais a abordar, que incidiram nos aspectos biológicos presentes nos mesmos. Para cada tema foram identificados tópicos de interesse para serem desenvolvidos e,

sempre que possível, fez-se referência a outros aspectos presentes no percurso e cuja relevância justificam a sua inclusão.

Por forma a facilitar a elaboração dos textos e a sua posterior divulgação e utilização (por exemplo sob a forma de brochuras), seguiu-se uma estrutura comum nos vários percursos, tendo-se para o efeito criado a seguinte ficha:

**a) Introdução** (comum a todos os percursos)

- Breve descrição do Parque;
- Indicações de como chegar ao Parque;
- Indicações sobre a utilização da brochura;
- Recomendações: boas práticas ecológicas;
- Conselhos: material de apoio ;
- Contactos gerais.

**b) Detalhes do percurso**

- Nome do percurso: frase pequena e sugestiva;
- Resumo: pequeno texto introdutório relativo ao que é possível observar ao longo do percurso;
- Cartografia: carta militar à escala de 1/25.000, com a sinalização do percurso;
- Características do percurso: localização (a partir de Mértola e com base no mapa de estradas nacional e pontos de referência), locais de partida e chegada, extensão total/ida e volta (estimado com o auxílio de um conta-quilómetros de uma viatura motorizada), duração (cadência de 3.5km/h<sup>7</sup>), declive (plano, suave, moderado e acentuado), principais acessos, piso, tipo de percurso (circular ou linear);
- Descrição do percurso: texto descritivo sobre o percurso com chamadas de atenção numeradas, que remetem para pequenos textos temáticos incluídos nos sub-temas considerados (ver abaixo).

**c) Interpretação**

A informação que esteve na base da interpretação proveio de visitas aos locais, mas essencialmente de recolha bibliográfica. Seleccionaram-se sub-temas comuns para todos os percursos, que focam aspectos para os quais se pretende despertar o interesse dos participantes, nomeadamente:

- Histórias para contar: enquadramento do percurso no meio envolvente; histórias interessantes relacionadas com o local;

---

<sup>7</sup> A duração média dos percursos deve ter em consideração os momentos de descanso (5 minutos de descanso por cada 25 minutos de marcha), propondo-se uma cadência de 3,5 km/h (FA, 2001; Travassos *et al.*, 2000)

- Habitat a explorar: explicar com algum detalhe as interações que ocorrem num determinado habitat presente no percurso, e que pela sua relevância merece ser destacado;
- Curiosidades para desvendar: pequenos detalhes próprios do local;
- Descobertas a fazer: ensinar algo através de um jogo de descoberta;
- Informações a reter: pormenores relevantes que se pretende que os participantes conheçam (espécies prioritárias, estatutos de conservação, ameaças, etc.);
- Pensamentos para meditar: alusão a determinado aspecto relacionado com o tema, pretendendo-se que os visitantes pensem sobre o assunto e, se possível, discutam entre si;
- “Dizeres” populares para divulgar: ditados e contos populares, lendas, tradições, anedotas, etc.

#### d) Informações

- Recomendações: período do ano, zonas de caça, etc.;
- Sugestões: culturais e de lazer (articular com outras actividades que ocorrem na área envolvente ao percurso);
- Contactos locais: alojamento e restauração.

#### e) Lista das espécies de fauna e de flora mencionadas no texto

#### f) Bibliografia consultada

### **4.4. Resultados**

- Introdução (comum a todos os percursos)
- Percurso 1: Guadiana – o grande rio do sul
- Percurso 2: Ao encontro do Vale do Guadiana (com início em Corte Pequena)
- Percurso 3: Ao encontro do Vale do Guadiana (com início em Corte Gafo de Baixo)
- Percurso 4: À volta do montado
- Percurso 5: Ao ritmo das águas do Vascão
- Percurso 6: No topo da serra da Sr.<sup>a</sup> do Amparo
- Percurso 7: Um percursos ribeirinho
- Percurso 8: Na rota do minério

## Introdução

### 1. Breve descrição do Parque Natural do Vale do Guadiana

#### - O Vale do Guadiana

Este Parque Natural (PNVG) está situado no vale médio do Rio Guadiana, e ocupa uma superfície de 69.773 ha que se estende pelos concelhos de Mértola e Serpa.

#### - porque foi classificado como Área Protegida

*A zona denominada "troço médio do Vale do Guadiana" tem vindo desde há alguns anos a ser objecto de diversos estudos que revelam o seu elevado interesse faunístico, florístico, geomorfológico, paisagístico e histórico-cultural. Estes factores conjugados com a circunstância da identidade da paisagem desta zona se encontrar ameaçada pelo progressivo desaparecimento dos sistemas tradicionais de utilização do solo, justificam plenamente a sua classificação, por forma a salvaguardar os valores naturais e culturais aí existentes e, simultaneamente, promover o desenvolvimento sustentado da região e a qualidade de vida das populações.*

#### - a legislação

Esta Área Protegida foi criada através do Decreto-Lei nº28/95, de 18 de Novembro. Parte da superfície do Parque é abrangido pela Zona de Protecção Especial (ZPE) do "Vale do Guadiana" (criada através do Decreto-Lei nº384-B/99, de 23 de Setembro) e pelo Sítio "Guadiana" incluído na Lista Nacional de Sítios estabelecida através da Resolução do Conselho de Ministros nº142/97, de 28 de Agosto.

#### - características biofísicas

##### Altitude

Máxima: 370 m; Mínima: 9 m

##### Clima

Tipicamente mediterrânico, com verões quentes e secos e invernos pouco chuvosos e frios. É aqui que se verificam as mais baixas precipitações do país e os mais elevados níveis de insolação e temperatura.

##### Valor natural

No PNVG ocorrem três grandes estruturas geomorfológicas: as planícies com ligeira ondulação, e que dominam na área; as elevações quartzíticas das serras de Alcária

Ruiva e São Barão; e os vales encaixados do Rio Guadiana e seus afluentes. É a presença nessas estruturas de numerosos biótopos – margens e leitos dos cursos de água, matagal mediterrânico, afloramentos rochosos, montados, matos, estepes cerealíferas, pousios e alqueives – que conferem a toda a área do PNVG uma diversidade que merece ser preservada.

## **2. Como chegar ao PNVG**

### Aeroportos:

Lisboa – distante 230 km de Mértola

Porto - distante 530 km de Mértola

Faro - distante 130 kms de Mértola

### Transporte próprio:

a) Do Porto: siga pela A1 até Lisboa.

b) De Lisboa: sair pela Ponte Vasco da Gama ou pela Ponte 25 de Abril e seguir pela A2 até Beja, passando por Ferreira do Alentejo (IP8 e N121). Em Beja, seguir pela IP2 e virar à esquerda no cruzamento para Mértola/Vila Real de St. António (N122).

De Lisboa - Pode ainda chegar ao PNVG, passando por Évora (Património Mundial). Quando chegar a esta cidade prossiga o caminho até Beja e depois siga as instruções anteriores.

### Transportes Públicos:

Há uma estação de caminhos de ferro na cidade de Beja (cerca de 50 Km de Mértola), e pode fazer a ligação com a rodoviária para Mértola.

## **3. Como utilizar esta brochura**

Este “livrinho” faz parte de uma colecção de oito brochuras que descrevem os vários percursos implementados no PNVG, e foram elaboradas para todos aqueles que gostam de passear pela natureza e descobrir os seus encantos. Para complementar o passeio, pensamos que o visitante deste Parque tem interesse em descobrir alguns pormenores sobre o meio que está à sua volta; por isso, para além da descrição do trajecto, estas

brochuras focam alguns aspectos de interesse encontrados ao longo dos vários percursos.

Para cada percurso foram definidas 4 caixas, comuns aos vários percursos:

#### Caixa com as características do percurso

Compreende a sua localização (a partir de Mértola), os locais de partida e chegada, a extensão total (ida/volta), a duração, o declive, o piso e o tipo de percurso (circular ou linear). A duração teve por base uma cadência de 3,5km/hora, à qual se deve acrescentar os tempos de permanência nos locais de maior interesse, bem como as pausas para as refeições. O declive foi agrupado em 4 níveis: plano, suave, moderado e acentuado.

#### Caixa de interpretação

Os percursos têm um tema central à volta do qual são feitas várias chamadas de atenção, agrupadas pelas seguintes categorias:

- Histórias para contar; Habitat a explorar; Curiosidades para desvendar; Descobertas a fazer; Informações a reter; Pensamentos para meditar e "Dizeres" populares para divulgar.

#### Caixa das informações

- Recomendações; Sugestões; Contactos

#### Caixa das espécies

Lista das espécies de fauna e de flora mencionadas no texto.

**Nota:** Não se esqueça que a observação da fauna nunca é uma certeza, e portanto não fique desanimado se não encontrar algumas das espécies referidas.

### **4. A não esquecer**

Quem gosta de fazer caminhadas pela natureza, por mais pequenas que elas sejam, tem interesse em salvaguardar os locais por onde passa e as riquezas que eles encerram, pois de contrário deixará de poder usufruir desses espaços. Se isso é uma preocupação presente em todos os participantes que, de forma mais ou menos regular, dedicam-se a esta actividade, nunca é demais recomendar algumas regras de ouro para quem está agora a iniciar-se:

- a melhor forma de observar a vida selvagem é manter-se silenciosamente à distância, pois de contrário esta acabará por fugir ou ficar incomodada (por exemplo nos ninhos);
- por princípio é preferível não colher plantas, mesmo que estas abundem, pois será um mau exemplo para os outros visitantes;
- os percursos realizam-se em caminhos públicos, e portanto não há necessidade de entrar nas propriedades privadas;
- feche sempre as cancelas atrás de si;
- os trajectos foram desenhados em troços suficientemente largos, para não se pisar desnecessariamente a vegetação em redor;
- se não conseguir evitar de fumar durante o percurso tenha cuidado onde lança as beatas, pois as elevadas temperaturas desta região e a vegetação seca propiciam a ocorrência de fogos;
- leve um saco plástico consigo para transportar o lixo, pois não encontrará recipientes para o efeito nos percursos.

## **5. Conselhos antes de partir**

Deixamos aqui alguns dicas para que a sua visita seja um sucesso, sem imprevistos indesejáveis:

- antes de iniciar o percurso confirme a duração do mesmo, para se certificar que irá terminá-lo antes do cair da noite;
- é provável que os telemóveis não apanhem rede, por isso combine tudo antecipadamente;
- se tiver binóculos e guias de campo não se esqueça de levá-los, pois serão um valioso contributo;
- o chapéu e o protector solar são fundamentais para os dias de sol, e os óculos escuros também podem ajudar;
- leve água e alguns viveres;
- passear com chuva é pouco agradável, e por isso não deve confiar apenas nas nuvens;
- os passeios em grupo, desde que este não seja muito grande, são mais agradáveis e seguros;
- muitos percursos atravessam ou passam perto de zonas de caça de regime ordenado (associativas e turísticas). Para além de ser desagradável andar no campo a ouvir tiros, também pode ser perigoso. Assim, tente sempre telefonar antecipadamente para as respectivas entidades gestoras das zonas de caça para confirmar os dias de caça.

## 6. Contactos gerais

Parque Natural do Vale do Guadiana - Tel.: 286 611 084

Posto de Informação Turística de Mértola - Tel.: 286 612 573

Câmara Municipal de Mértola – Tel.: 286 611 045

Associação de Defesa do Património de Mértola – Tel.: 286 610 000

Campo Arqueológico de Mértola (CAM) – Tel.: 286 612 443

Corte Gafo Servi (animação e lazer) – Tel.: 286 611 059 ou 966 159 985

Clube Náutico de Mértola – Tel.: 286 612 044

Táxis de Mértola – Tel.: 286 611 117

Guarda Nacional Republicana de Mértola – Tel.: 286 612 127

Guarda Nacional Republicana de S. Domingos – Tel. 286 647 123

Bombeiros Voluntários de Mértola – Tel.: 286 610 010

Centro de Saúde de Mértola – 286 611 048

Farmácia Pancada – 286 612 176

Emergências: 112



**Guia:** E agora vamos dar início à nossa caminhada aqui no PNVG!

**Turista:** Tem a certeza que vamos aguentar? É que são 8h00 e já estão 30°C?



## PERCURSO 1

**Nome: Guadiana –o grande rio do sul**


**Resumo:** À volta de Mértola, onde o nosso olhar nos levará para tempos recuados, quando o Guadiana fazia jus a quem o apelidava do mais navegável dos rios portugueses.

### **Características do percurso:**

- localização: Nos arredores de Mértola. Seguir pela N122 em direcção a Vila Real. A cerca de 1,5 km encontra a Horta dos Dois Irmãos, onde tem que virar à esquerda e continuar o percurso em terra batida.
- locais de partida e chegada: Mértola – Herdade da Bombeira – Mértola
- tipo de percurso: linear
- extensão: 9 km (ida e volta)
- duração: cerca de 2h30 (ida e volta)
- declive: suave
- piso: alcatrão e terra batida

### **Descrição do percurso:**

Este percurso inicia-se em Mértola, vulgarmente conhecida por Vila Museu, o que reflecte bem o valor das riquezas patrimoniais que encerra e que lhe concederam um lugar especial no panorama nacional e internacional, como testemunho imemorial de tempos remotos. Uma visita aos locais mais emblemáticos, ou a descoberta de pequenos pormenores que escapam à vista dos mais atentos, são bons motivos para desfrutar do nosso tempo nesta pacata e tão característica vila alentejana. Ao descer até à ponte que permite a ligação para terras algarvias, apercebemo-nos facilmente da estratégica localização de Mértola que, do alto dum cerro, rodeada pelo Guadiana e pela ribeira de Oeiras, foi em épocas distantes uma poderosa fortaleza.

Atravessamos a ponte da ribeira de Oeiras e temos já um bom motivo para parar! Do lado esquerdo, podemos observar umas caixas de ninho colocadas nos pilares da ponte e, se tivermos sorte, seremos contemplados com o seu principal utilizador, o Peneireiro-das-torres , para além de ser comum a observação de Galhas-de-nuca-cinzenta.

Após esta breve pausa, continuamos ao longo da estrada e passamos por um portão, que pertence ao Convento de S. Francisco, antiga igreja de finais do século XVII erguida para prestar culto a S. Francisco, e que actualmente é a sede de uma associação

cultural com o mesmo nome. Para além do património edificado, este é também um bom local para se observar aves, algumas das quais nocturnas como a Coruja-das-torres, que utiliza as reentrâncias dos edifícios e muros para fazer o ninho. Esta ave é uma boa aliada no combate à praga de ratos, pois os micromamíferos são a base da sua alimentação.

O nosso caminho prossegue ao longo da estrada até ao local conhecido como a Horta dos Dois Irmãos ④, onde o alcatrão será substituído por terra batida. Esta mudança implica também a entrada numa área de utilidade pública, o perímetro florestal de Mértola ④, onde podemos encontrar um vasto pinhal plantado há cerca de 40 a 50 anos, formado essencialmente por Pinheiros-mansos. Na bifurcação prosseguimos pelo caminho da esquerda. Neste local encontramos com alguma facilidade Estevas, Coelhos e Pegas-azuis, as quais dificilmente passarão despercebidas pelas suas longas caudas em tons de azul e pelo barulho que produzem.

Mais à frente o nosso horizonte começa a alargar-se e não ficaremos indiferentes à espectacular vista sobre Mértola e do rio Guadiana que podemos contemplar. É o sítio ideal para tentarmos perceber a importância deste rio na vida das pessoas desta remota vila ao longo dos tempos ④. Ao olharmos para a tranquilidade deste troço, nada nos leva a supor que é um rio fortemente dependente das águas das chuvas, o que o torna muito irregular, originando inesperadas tragédias. O ano de 1876 ficará para sempre marcado na história da vila, pelas grandes cheias que ocorreram em consequência da subida, de mais de 25 metros, das águas do rio, que alagaram a praça e inundaram inúmeras lojas e fazendas.

Perto deste ponto podemos visualizar, embora com alguma dificuldade, o Moinho do Vau, composto por duas azenhas de cobertura temporária situadas na margem direita do Guadiana, junto ao Vau da Pedra.

A composição florística da paisagem começa a mudar e os pinheiros dão lugar a terrenos com vegetação mais rasteira. É curioso saber que neste local existem orquídeas, tanto mais que, provavelmente, muitos de nós apenas as conhecemos de floristas. Na verdade, as orquídeas encontradas nesta região são mais modestas em tamanho, quando comparadas com as suas parentes tropicais e as de viveiro, mas são igualmente detentoras de impressionantes belezas. Das espécies mais características temos o Serapião-de-língua-pequena, o Testículo-de-cão ④, a *Neotinea maculata* e a *Ophrys tenthredinifera* (as espécies do género *Ophrys* têm a particularidade de se

assemelharem aos insectos que as polinizam) - estas últimas espécies não têm nomes comuns em português.

Concentrando a nossa atenção no rio, reparamos que o seu vale se alarga e passa a surgir um cordão de espécies espontâneas associadas a zonas ribeirinhas como os Choupos, os Salgueiros e os Freixos. Estes últimos possuem uma biologia floral interessante, em que as flores aparecem na Primavera antes das folhas e são apenas distinguíveis individualmente, pois falta-lhes o cálice (conjunto de sépalas) e a corola (conjunto de pétalas). Esta é uma zona mais aberta e por isso exposta a ventos, que são úteis para a polinização desta última espécie.

Estamo-nos a aproximar do fim do percurso, mas ainda há tempo para observar uma casa em ruínas, do lado esquerdo do caminho, ocupada por um casal de Cegonhas-brancas que aí construiu o seu ninho. E do lado direito, encontramos três Oliveiras centenários, cuja idade justifica o estatuto de árvores com interesse público ☉/☉.

Na Bombeira podemos constatar a ligação do Homem em relação ao rio, iniciada pela proximidade de antigas hortas, outrora cultivadas com produções hortícolas e frutícolas, que abasteciam Mértola e outras localidades mais distantes. Encontramos aqui os melhores solos de aluvião da região, com grande aptidão agrícola, em que alguns deles estão actualmente plantados com vinhas.

O percurso termina nos portões da Herdade da Bombeira, mas ainda há tempo para um pensamento sobre o destino do elemento principal deste percurso – o rio Guadiana ☉. O regresso a Mértola pode ser feito pelo caminho inverso ou pelo percurso alternativo.

-----

### **Caixa de interpretação**

#### **☉ *Informações a reter***

O Peneireiro-das-torres está em regressão a nível mundial, sendo considerada uma das aves mais ameaçadas na Europa, ocorrendo no nosso país apenas cerca de 250 casais. Entre os meses de Fevereiro e Agosto, Mértola transforma-se num privilegiado observatório natural para a observação desta espécie, pois é quando este Peneireiro migra de África para Portugal para nidificar. É tolerante à presença humana e faz o ninho em casas abandonadas, edifícios, cavidades de torres e muralhas e em frestas rochosas. Para se alimentar procura locais com pouca vegetação, onde ocorram preferencialmente áreas com sistemas agrícolas tradicionais, características facilmente

encontradas no Alentejo e que tornam esta região num dos locais de eleição para a ocorrência desta espécie.

O Peneireiro-das-torres caça geralmente em grupo e ambos os sexos participam na captura de presas, essencialmente insectos como os gafanhotos e os coleópteros, que constituem a base da sua alimentação, e que encontram facilmente em campos de cereal ceifados e em pousios. Contudo, a alteração das práticas agrícolas e o abandono de muitas terras, obrigam as aves a percorrer longas distâncias para encontrar os locais mais adequados para caçar, deslocando-se em média cerca de 6 kms, no caso da população de Mértola. Este facto afecta a alimentação das crias, e tem repercussões na sobrevivência das mesmas. Infelizmente, este não é o único problema que paira sobre esta espécie! As intervenções nos edifícios, a predação por ratos e a competição por Gralhas-de-nuca-cinzenta pelos locais de nidificação, são factores que causam distúrbios na reprodução desta ave e ensombram as possibilidades da sua recuperação. Para se evitar que o Peneireiro-das-torres se extinga no nosso país é necessário implementarem-se medidas de conservação urgentes, e é nesse sentido que o Parque tem actuado ao longo dos últimos anos, por exemplo com a colocação de caixas de ninho nos pilares da ponte.

### ● **"Dizeres" populares para divulgar**

Em tempos habitaram neste local dois irmãos que tinham como pertences apenas uma casa e um poço. Num dia de tempestade a sua casa foi destruída ficando os dois irmãos debaixo dos escombros. Na Primavera seguinte, e quando começaram a aparecer as primeiras flores, surgiram duas pedras no sítio onde se situava a casa, contando o povo que elas representam os dois irmãos. Como testemunho desta história ainda existe o poço, com as duas pedras ao lado, o qual é conhecido em Mértola como o "Poço dos Dois Irmãos".

### ● **Habitats a explorar**

#### *Pinhal*

O pinhal não é um tipo de vegetação típica desta região, e a sua ocorrência justifica-se pelos incentivos comunitários à florestação, que conduziram à plantação de extensas áreas de pinhal, destinadas à produção da madeira para fins múltiplos e à produção de pinhão.

Considerada uma espécie com elevada plasticidade e rusticidade, e de fácil manutenção, o Pinheiro-manso teve no entanto grandes problemas de instalação devido às condições ambientais extremamente difíceis desta região. Mesmo assim, a sua plantação continua

e ser feita, quer em zonas onde previamente se destruiu toda a vegetação arbustiva e arbórea, bem como em terrenos outrora utilizados para a prática da agricultura tradicional. Este facto veio introduzir alterações profundas na paisagem, com consequências ao nível do próprio equilíbrio ecológico. A sua plantação implica a substituição das comunidades existentes, vegetais e animais, por outras. Isso significa que as espécies que aí ocorriam, nomeadamente da fauna, tenham que procurar outros locais; acontece que muitas dessas espécies são específicas dos habitats que foram destruídos e, por isso, não têm capacidade para se adaptar a outras condições, acabando por desaparecer. Por outro lado, constata-se que as comunidades que surgem no pinhal são muito mais pobres em termos de diversidade, comparativamente por exemplo aos matagais.

### 🕒 **Histórias para contar**

O rio Guadiana (cuja denominação actual provém da junção do vocábulo árabe para rio, “uádi” e do nome dado ao rio pelos romanos “Ana”), nasce na província espanhola de Albacete e percorre cerca de 820 kms até à foz, em Vila Real de Santo António. Considerado o mais navegável dos rios portugueses, possibilita a circulação de navios entre Vila Real de Santo António e o Pomarão, e de embarcações de pequeno calado até Mértola. A navegabilidade deste rio permitiu a existência, desde tempos muito recuados, dum intenso tráfego fluvial, sendo por vezes apelidado de auto-estrada da Antiguidade, ao permitir a ligação das civilizações mediterrânicas.

O Rio Guadiana continuava a ser, no século XVIII, a melhor opção para quem vinha do Sul de Espanha ou de Itália e se dirigia às cidades alentejanas, e mesmo Lisboa. De Castro Marim, os barcos subiam até Mértola e, a partir deste ponto, o resto da viagem era feita por terra. Devido à sua localização estratégica esta vila afirmou-se como um importante entreposto comercial. Pelas águas do grande rio subiam produtos vindos de longínquos lugares do mediterrâneo, mas também outros oriundos de terras algarvias que contribuía com peixe, sal e frutas para a vida das gentes do interior. Mértola só não recebia os produtos perecíveis, bem como a carne e o leite por serem abundantes na região. Daqui partiam também produtos essenciais como os cereais, a lã e o tão requisitado minério, já explorado deste o período romano.

O transporte regular de passageiros parece ter-se iniciado com o navio a vapor. tendo continuado até meados do século passado. O trajecto que ligava Mértola a Vila Real de Santo António demorava cerca de 5 horas, e os horários dependiam das marés, pois só com a maré-alta era possível transpor os vaus<sup>8</sup> que ocorrem no rio. Este meio de transporte, amplamente usado durante muitos anos, só foi abandonado com o

<sup>8</sup> Locais onde o fundo do leito se encontra a menos profundidade

incremento da ligação rodoviária que liga estas localidades. Actualmente o rio continua a ter a sua história ligada aos pescadores e, mais recentemente, à prática de actividades lúdicas e recreativas.

### 🕒 **Curiosidades para desvendar**

As orquídeas foram mencionadas pela primeira vez no Ocidente por Teofrasto (amigo e aluno de Aristóteles) em 370 a.C., em “A história e a causa das plantas”, sendo-lhe dado o nome de *Orchys* (que em grego quer dizer testículos) por causa dos tubérculos subterrâneos de certas espécies que cresciam nas margens do Mediterrâneo. Hoje, sabe-se que esses tubérculos contêm substâncias de reserva que permitem a estas plantas sobreviver em épocas menos favoráveis. Actualmente, *Orchys* é um dos muitos géneros de orquídeas.

### 🕒 **Curiosidades para desvendar**

A Oliveira é comum na bacia mediterrânica, sendo considerada a árvore europeia de maior longevidade. Possui uma série de mecanismos que lhe permitem sobreviver com condições adversas do meio, particularmente a alta luminosidade e os períodos de seca. Ao contrário de outras árvores, a Oliveira não possui uma raiz mestra na idade adulta. Logo na sua fase jovem surgem raízes formadas no tronco, que crescem e atingem o solo, continuando a alongar-se em profundidade. Estas raízes, conhecidas como cordas, permitem, aos poucos, a independência de “novas” árvores em relação ao tronco inicial, o que justifica a aparente longevidade das Oliveiras, mas que quando seculares já pouco têm da planta primitiva.

### 🕒 **Descobertas a fazer**

Descubra a diferença entre a Oliveira e o Zambujeiro! O Zambujeiro é a forma silvestre da Oliveira, e possui um porte geralmente mais pequeno, com folhas mais pequenas, frutos esféricos e ramos espinhosos.

### 🕒 **Pensamentos para meditar**

A influência do Alqueva neste rio e no modo de vida das populações!

### 🕒 **Histórias para contar** (percurso alternativo)

Quando as searas de Trigo começaram a apresentar produções muito baixas, foi necessário procurar outras formas de sustento, tendo-se para o efeito recorrido à produção de gado, especialmente ovelhas. Para isso alargaram-se os terrenos de pousio

e aumentou-se o número de cabeças de gado, o que por vezes originou a degradação dos solos e das pastagens.

Das várias raças de ovinos utilizadas na área do Parque, a campaniça é provavelmente a mais generalizada. Com ascendentes na Bacia do Loire, em França, o seu nome proveio da região de Campo Branco, distrito de Beja, onde se encontra o maior número destes animais. Comparativamente a outras raças, apresenta uma estatura pequena e modestas produções. Contudo está bem adaptada a climas secos e com pouco pasto, factores característicos desta região. Há quem afirme que a campaniça consegue tirar proveito de um pasto pobre e transformá-lo em produtos de alta qualidade e valor, nomeadamente carne, lã e leite, este último utilizado como matéria prima para, por exemplo, o fabrico do tão famoso Queijo de Serpa. E que sabor!

-----

### **Caixa das informações**

#### - Recomendações

a) Período do ano aconselhado: de meados de Setembro a meados de Maio. São de evitar os dias de Verão e os mais quentes da Primavera.

#### - Sugestões

a) Percurso alternativo (cerca de 5 km)

A partir dos portões da Herdade da Bombeira, seguir pela direita sempre pela estrada de terra batida que passa perto da povoação das Neves e continuar até interceptar a N122 que faz a ligação a Mértola. Seguir ao longo desta estrada até ao local onde se encontra um placa de sinalização. Neste ponto encontrará um corta fogo do lado direito que o conduzirá à Horta dos Dois Irmãos e daqui a Mértola, pelo caminho inicial. Ao longo deste percurso poderá observar grandes rebanhos de ovelhas a pastarem em áreas abertas ☺;

b) Ir buscar os participantes num veículo motorizado aos portões da Herdade da Bombeira, encurtando o percurso para metade da sua extensão. Para chegar a este ponto a partir de Mértola deve seguir pela N122 em direcção a Vila Real de S.<sup>to</sup> António e virar para a povoação das Neves;

c) Visita ao Convento de São Francisco: galeria de arte, jardim botânico, refúgio ornitológico. Aberto todos os dias excepto às Segundas-feiras. Horário: 14h00-18h00. Entradas pagas;

d) Actividades náuticas no rio Guadiana. Ver contactos;

e) Visitar as azenhas de Mértola: local onde se encontram duas azenhas e três moinhos de rodete distribuídos ao longo de um açude;

f) Festas e feiras em Mértola: Feira de Abril (último Domingo de Abril); Feira de S. Mateus (último Domingo de Setembro); Mercado Municipal (1ª Quinta-feira do mês); Festa de Nosso Senhor dos Passos (Domingo de Ramos); Festa da N.ª. Sr.ª. das Neves (último fim-de-semana de Maio); Festa tradicional de Espírito Santo (3º fim-de-semana de Julho)

- Contactos locais

- Alojamento em Mértola: Casa de Hóspedes Beira Rio (Tel.: 286 612 340); Apartamentos Oásis (Tel.: 286 612 701); Café Campaniço (Tel.: 286 612 285); Casa das Janelas Verdes (Tel.: 286 612 145); Casa Rosmaninho (Tel.: 286 612 005); Convento S. Francisco (Tel.: 286 612 119); Residencial San Remo (Tel.: 286 612 132).

- Restauração: vários

-----

**Caixas das espécies**

**Flora**

|                            |                                     |
|----------------------------|-------------------------------------|
| -                          | <i>Neotinea maculata</i>            |
| -                          | <i>Ophrys tenthredinifera</i>       |
| Testículo-de-cão           | <i>Orchys morio</i>                 |
| Serapião-de-língua-pequena | <i>Serapia parviflora</i>           |
| Choupo                     | <i>Populus sp.</i>                  |
| Esteva                     | <i>Cistus ladanifer</i>             |
| Freixo                     | <i>Fraxinus angustifolia</i>        |
| Oliveira                   | <i>Olea europaea var. europaea</i>  |
| Pinheiro-manso             | <i>Pinus pinea</i>                  |
| Salgueiro                  | <i>Salix sp.</i>                    |
| Zambujeiro                 | <i>Olea europea var. sylvestris</i> |

**Fauna**

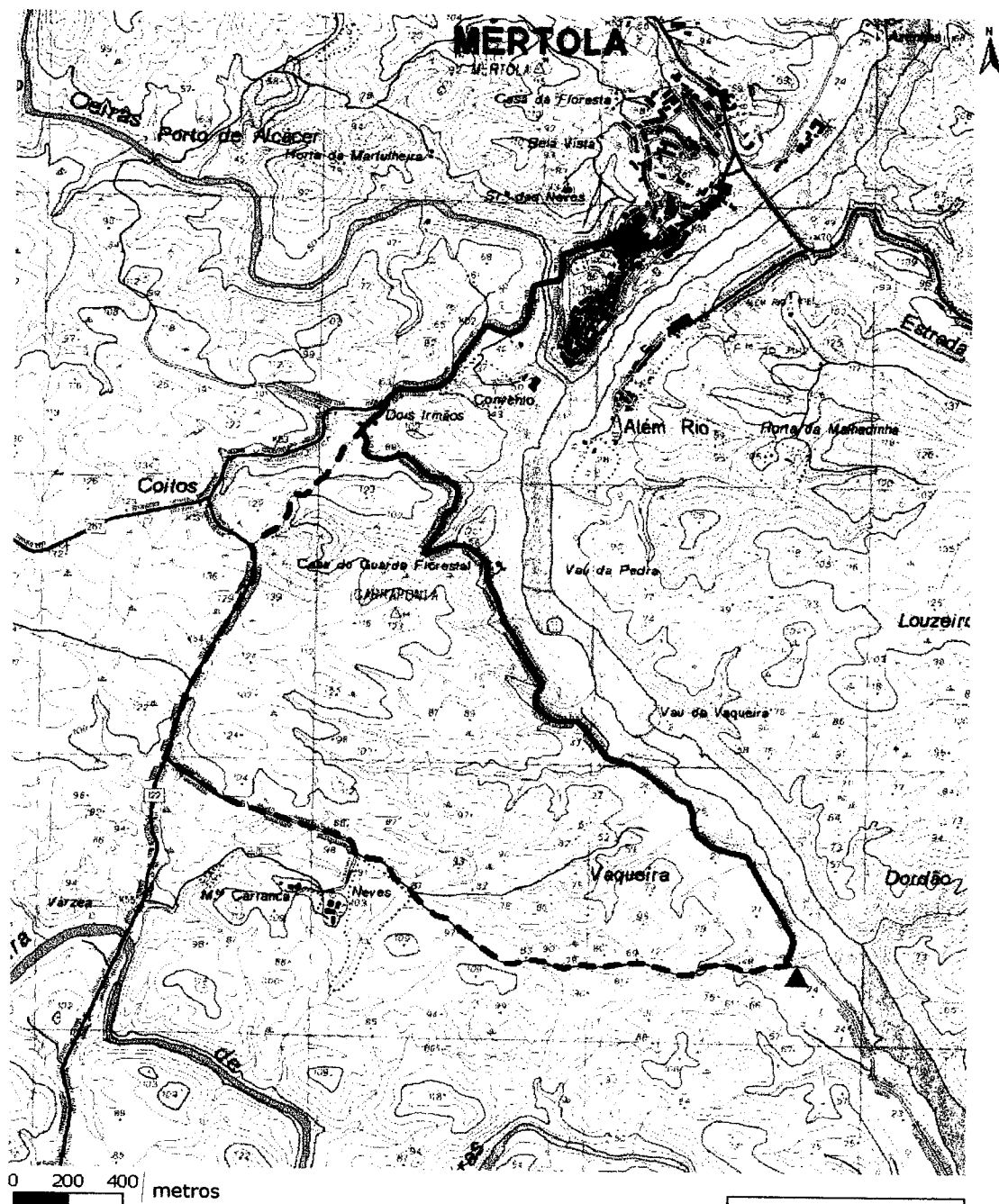
|                         |                        |
|-------------------------|------------------------|
| <b>Aves</b>             |                        |
| Cegonha-branca          | <i>Ciconia ciconia</i> |
| Coruja-das-torres       | <i>Tyto alba</i>       |
| Gralha-de-nuca-cinzenta | <i>Corvus monedula</i> |
| Pega-azul               | <i>Cyanopica cyana</i> |
| Peneireiro-das-torres   | <i>Falco naumanni</i>  |

**Mamíferos**

|        |                              |
|--------|------------------------------|
| Coelho | <i>Oryctolagus cuniculus</i> |
|--------|------------------------------|



# Guadiana - O grande rio do sul



- Percurso principal
- Percurso alternativo
- Início do percurso
- Fim do percurso

## PERCURSOS 2 e 3

**Nome:** Ao encontro do Vale do Guadiana

**Resumo:** Dois percursos que nos conduzem até ao Vale do Guadiana, a coluna vertebral do Parque Natural criado em seu redor. Os caminhos, de características diferentes, levam-nos a descobrir os valores que este rio encerra, seja pela fauna e flora ou pela sua importância na vida daqueles que dele dependem, e cujas águas formam a 4ª maior bacia hidrográfica da Península Ibérica.

## **Percurso 2 – Corte Pequena**

### **Características do percurso:**

- localização: Corte Pequena está situada a cerca de 15,5 kms de Mértola, na margem esquerda do Guadiana. A partir de Mértola deverá atravessar a ponte na direcção de Serpa e, após 4,5 kms, virar à esquerda para Corte de Sines. Seguir por esta estrada até encontrar ver uma placa para Corte Pequena, do seu lado esquerdo. A partir daqui a estrada é de terra batida, mas está em boas condições. Pode estacionar o carro na povoação.
- locais de partida e chegada: Corte Pequena – Canais – Corte Pequena
- extensão: 4 km (ida e volta)
- duração: 1h10 (ida e volta)
- declive: moderado
- piso: terra batida
- tipo de percurso: linear

### **Descrição do percurso:**

O percurso inicia-se em Corte Pequena, um pequeno povoado da época medieval, entregue a si mesmo pela distância que o separa de outras povoações e pelo abandono a que foi sujeito ao longo dos tempos, desde que os mais novos partiram em busca de melhores oportunidades. Com um reduzido número de casas, poucas delas ainda habitadas por aqueles que optaram por ficar, Corte Pequena é um daqueles locais onde a tranquilidade e a beleza se aliam à simpatia dos mais velhos, sempre dispostos a ajudar todos os que, como nós, exploram os seus recantos. É, em pouca palavras, uma aldeia com pouca gente mas com muita vida.

Daqui, vários caminhos conduzem-nos ao rio, mas como muitos se encontram obstruídos escolhemos a estrada de terra batida mesmo sabendo que teremos que partilhá-la com um ou outro veículo automóvel. Deixando para trás a povoação, e apenas a alguns metros do início, encontramos do lado esquerdo um lavadouro e um fontanário, testemunhos de tempos não muito longínquos que faziam parte do dia-a-dia desta gente.

Apercebemo-nos do chocalhar das ovelhas, a pastar em terrenos outrora utilizados para a agricultura, mas agora transformados em matos. Os que não tiveram este destino, conservam a sua utilidade e são cultivados com Trigo ou Cevada para alimentar o gado em alturas mais críticas.

Nestas paragens é comum a presença de Perdizes, uma das aves mais amplamente distribuídas no Parque, o que denota a sua facilidade de adaptação a diversos tipos de habitats. O seu elevado número em alguns locais pode resultar dos repovoamentos feitos nas zonas de caça, por forma a aumentar os efectivos disponíveis para esta actividade.

A vedação que teima em acompanhar-nos limita a Herdade da Brava, não sendo de espantar se, do outro lado, encontrarmos animais oriundos de terras bem longínquas e que contrastam largamente com as espécies desta região

À medida que nos aproximamos do rio nota-se a alteração da diversidade florística. Surgem tufos de Estevas e uma panóplia de outras espécies indígenas deste local, que um dia a acção do Homem substituiu por culturas e que agora têm oportunidade de crescer e retomar o lugar que lhes pertence. Às Estevas começam a juntar-se outros arbustos, como o Sargaço, o Rosmaninho, o Alecrim, a Roselha, o Zimbro, o Tamujo, a Cebola-albarrã, a Erva-ursa e o Gaimão, plantas que provavelmente são desconhecidas para a maioria de nós, mas comumente utilizadas na região para diversos fins ❶. A multiplicidade das cores das suas flores, observáveis na sua maioria entre Março e Junho, associada aos seus aromas atraem uma variedade de insectos que assim asseguram a polinização. As aves são também comuns nestas paragens, mas provavelmente não será tarefa fácil a distinção das várias toutinegras que aqui podem ocorrer.

O nosso caminho irá interceptar um desvio, que ignoramos para continuar a descida. Aos poucos começamos a ver o rio, mas provavelmente não nos apercebemos da movimentação das águas que seguem o seu trajecto até à foz, em Vila Real de Santo António, distante deste ponto cerca de 70 km ❷. Nos seus fundos vive uma diversidade piscícola própria de águas doces (espécies dulciaquícolas), como o Boga do Guadiana, o Escalo-do-sul e várias espécies de barbos, e que todos os anos partilham estas águas com peixes provenientes dos mais longínquos lugares, que se deslocam até aqui para se reproduzir ❸.

Numa das curvas, já na última fase do percurso, a paisagem convida-nos a uma breve paragem, e podemos aproveitar para recuar até aos tempos em que o rio era um dos muitos obstáculos para uma actividade arriscada mas muito aliciante - o contrabando ❹. Deste ponto é possível ver a torre do que parece ter sido um medidor do nível da água.

As encostas declivosas das margens do vale encontram-se cobertas por uma vegetação diferente daquela que tivemos oportunidade de observar ao longo do percurso, num cruzamento de espécies e habitats, característicos de zonas rupícolas, ripícolas e do mosaico do matagal mediterrânico ⑤. Nota-se a presença de arbustos com porte arbóreo e de árvores, como a Azinheira, o Zambujeiro, o Lentisco-bastardo e a Aroeira ⑥, constatando-se que a maior diversidade florística ocorre, principalmente, em locais menos utilizados pelo Homem.

É tempo de percorrermos os últimos metros do trajecto e, após uma breve leitura do painel interpretativo, deparamo-nos como uma inesperada, mas apetecível, “praia” com cascalho branco que retarda os nossos passos. Depois de habituados a este novo piso, mas sempre com cuidado, já podemos explorar a zona e sentarmo-nos para prestar atenção à história que liga o rio à pesca e às estruturas que deram nome a este local – o Moinho dos Canais ⑦. Enquanto aqui estamos, e se tivermos sorte, podemos ser contemplados com os voos em círculo da Águia de Bonelli. Uma oportunidade única, e certamente inesquecível, de observar esta ave de rapina, que corre o risco de desaparecer para sempre deste local e do nosso país se não forem tomadas medidas de conservação urgentes que impeçam a perturbação e a destruição dos locais onde constrói os seus ninhos.

É tempo de regressar a Corte Pequena pelo mesmo caminho por onde viemos, mas com uma passada pausada devido ao peso das lembranças deste magnífico local ⑧

### **Percurso 3 – Corte Gafo de Baixo**

#### **Características do percurso:**

- localização: Margem direita do Guadiana. A partir de Mértola deve-se seguir pela N122 que liga esta vila a Beja. Após cerca de 3 km encontra uma placa com indicação de Corte Gafo de Cima. Siga por essa estrada, mas não é necessário atravessar esta povoação pois há um desvio para Corte Gafo de Baixo.
- locais de partida e chegada: Corte Gafo de Baixo – Carvoeiro – Corte Gafo de Baixo
- extensão: 16 kms (ida e volta)
- duração: cerca de 4h30 (ida e volta)
- declive: moderado, excepto nos canais que é acentuado
- piso: terra batida
- tipo de percurso: linear

#### **Descrição do percurso:**

Deixando para trás a povoação de Corte Gafo de Baixo, seguimos pelo caminho de terra batida que nos conduzirá até aos portões da zona de caça turística, a qual teremos que atravessar para chegar ao rio. À nossa frente vislumbramos as árvores que irão acompanhar-nos durante uma boa parte do percurso, e que mais não são do que Azinheiras, personagens principais dos montados de azinho tão comuns nesta zona do Parque. Provavelmente passarão despercebidos os Chapins-rabilongos que esvoaçam incansavelmente nas sua folhas, mas isso não deve ser motivo para desanimar pois mais à frente, já perto da água, é muito provável que voltemos a ter oportunidade de observá-los na vegetação densa.

A menos de 1 km do início encontramos a primeira bifurcação, e não teremos dúvida em optar pela direita pois o outro caminho é privado. A partir daqui iremos encontrar outras bifurcações, mas que não constituem problema pois o nosso percurso está bem assinalado. Sem retardar o passo, podemos observar a paisagem que nos rodeia e, se for a altura própria, cheirar o aroma que brota das inúmeras flores campestres, onde o amarelo e o branco são as cores dominantes, pinceladas pontualmente com tons rosas e violetas.

Os nossos pés caminham sobre um relevo suavemente ondulado, que se torna mais acidentado à medida que nos dirigimos para o interior, em direcção ao rio. Mais à frente encontramos uma vedação com uma placa a indicar uma nova zona de caça, e a partir daqui o caminho desvia-se para a esquerda. A nossa atenção será redobrada se nos apercebermos da presença de Gamos, espécie cinegética aqui introduzida, que não

hesitarão em fugir ao mínimo sinal da nossa presença ⑨. Aos poucos a vegetação começa a mudar, facto assinalável pelo aumento do número de Estevas que teimam em colar-se à nossa roupa. A estas plantas associam-se outras plantas aromáticas, como o inconfundível Rosmaninho ⑩. De tempos a tempos interceptamos outros caminhos, mas o nosso percurso prossegue sempre para a esquerda.

As toutinegras são algumas das aves que reinam neste local, sendo a sua observação relativamente fácil. De hábitos mais secretivos, o Saca-rabos também utiliza estes caminhos em busca de presas como insectos, coelhos e cobras. Estes animais comunicam entre si através de assobios perceptíveis aos nossos ouvidos, mas provavelmente teremos que contentar-nos com meros vestígios da sua presença, tarefa apenas fácil para os mais experientes. Passo a passo vamos somando quilómetros e aumenta a ansiedade à medida que nos aproximamos do rio. Este trajecto já foi percorrido por muita gente, como turistas, pescadores, pastores e caçadores. Aqui perto passaram também aqueles que, pela calada da noite e sempre por caminhos pouco conhecidos, tentavam a sua sorte com uma actividade ilegal mas cujo risco compensava, os contrabandistas ⑪. Nem mesmo o facto da vegetação se tornar cada vez mais cerrada à medida que o rio fica mais próximo, nem a presença de espécies espinhosas como o Tojo, impediam estes homens e mulheres de tentar sua sorte.

Se espreitarmos para as encostas do vale, reparamos que, para além das espécies encontradas ao longo do nosso caminho, aparecem outras como a Aroeira ⑫ e a Murta, sendo o estrato arbóreo também representado, embora de forma mais dispersa, por árvores como a Azinheira e o Zambujeiro, cujos troncos servem de poleiros ao Pisco-de-peito-ruivo, ao Chapim-real e ao Chapim-azul. E finalmente vislumbramos o rio Guadiana em todo o seu esplendor ⑬!

Do alto da margem direita temos a percepção da paisagem envolvente deste local, com a água aos nossos pés, os vales cobertos de matagal e de vegetação ribeirinha, numa perfeita associação com zonas rochosas, e onde a intervenção humana pouco se faz sentir ⑭. A esta beleza aliam-se importantes valores cuja preservação esteve na base da criação desta área protegida que, como sabemos, foi dado o nome de Parque Natural do Vale do Guadiana. Sob estas águas nadam peixes característicos de ambientes dulciaquícolas (águas doces), alguns dos quais só ocorrem na bacia deste rio. Mas estas águas são também partilhadas por muitos outros peixes, como os migradores que chegam a percorrer milhares de quilómetros para virem aqui desovar ⑮, ou aqueles que, embora não sejam típicos desta região, chegaram até aqui pela mão do Homem.

O painel interpretativo descreve os aspectos mais relevantes deste local. Após a sua leitura, provavelmente seremos tentados a aventurar-nos pela ladeira abaixo, ao encontro do rio e dos famosos Moinhos dos Canais ⑨, com a consciência que a subida não será fácil. Se o cansaço começar a pesar e o desejo de continuar o percurso for insaciável é preferível prosseguirmos o nosso caminho, para jusante ⑩, protegidos pelas paredes rochosas do lado direito.

Do leito do rio emerge um impressionante afloramento rochoso, localmente conhecido por Rocha da Galé, e cuja presença demonstra bem a riqueza geológica desta zona. O Melro-azul, com a inconfundível coloração do macho, coabita aqui com espécies de maior porte como o Bufo-real, a Cegonha-preta e a Águia de Bonelli. A Andorinha-das-rochas também procura estes locais em busca de abrigo durante as intempéries do Inverno e para fazer o ninho na Primavera. Provavelmente teremos que esperar pouco tempo para ver esta ave a sobrevoar as nossas cabeças e, com um pouco de sorte, seremos contemplados com as suas acrobacias para capturar os insectos em pleno voo.

O serpentear do caminho leva-nos até à Água-Alta, onde podemos visualizar uma pequena queda de água na Ribeira do Freixial, um dos afluentes do Guadiana. É um dos locais onde é possível observar Cias, uma ave residente típica dos vales ribeirinhos com Estevas. Deixamos este lugar para, mais à frente, encontrarmos uma subida e, após uma série de pequenas curvas, interceptarmos uma outra estrada de terra batida. Os Carvoeiros situam-se à esquerda e já estão próximos. Por fim, alcançamos a descida que nos conduzirá à desejada meta, e que corresponde ao lugar onde os pescadores das localidades mais próximas deixam os seus barcos a pernoitar ⑪⑫. É também um local de descanso, onde um bom banho vem mesmo a calhar!

-----



## Caixa da interpretação

### ❶ **Descobertas a fazer**

Através de um jogo simples, veja se descobre para que são utilizadas algumas das plantas encontradas nesta zona. A cada planta corresponde uma utilidade. Para que não tenha desculpa para falhar, pode espreitar as soluções na página XX.

- a) Esteva – lenha de boa qualidade
- b) Rosmaninho - produção de mel
- c) Alecrim - aromatizar pratos tradicionais
- d) Cebola-albarrã – para as picadelas de bichos e arranhões de plantas
- e) Erva-ursa – temperar e conservar as azeitonas
- f) Gaimão – os seus longos caules servem para fazer brinquedos

### ❷ **"Dizeres" populares para divulgar**

Guadiana tem muitos peixes

Peixes com muita ova

Mértola cercada de cerros

E situada numa cova

Situada numa cova

Vê o Guadiana passar

Que nasce em terras de Espanha

E em Vila Real vai desaguar

Em Vila Real vai desaguar

O nosso Guadiana

É um dos rios mais importantes

De Portugal e de Espanha

### ❸ **Informações a reter**

*Peixes Migradores*

A Primavera trás com ela os peixes migradores que, após muitos quilómetros percorridos no mar, chegam finalmente à foz do Guadiana, onde sobem o rio em busca de bons locais para se reproduzir. Peixes como o Sável, a Savelha (ou Saboga) e a Lampreia encontram nestas águas os fundos de pedra ou de gravilha adequados para aí depositarem os seus ovos. Durante esta fase é frequente os progenitores não se

alimentarem, e para muitos a viagem será terminal pois morrem após a desova. São histórias da natureza, se calhar estranhas e mesmo cruéis para alguns de nós, e que se repetem todos os anos. Nelas podemos encontrar situações interessantes, como o caso do barulho provocado pelo rodopiar da fêmea do Sável durante a desova, sendo nessa altura seguida por um ou dois machos. Após a eclosão, a maioria das larvas permanece em água doce ou salobra bastante tempo, embora a sua duração seja variável entre as espécies, podendo chegar aos 5 anos no caso da Lampreia. Quando atingem a fase juvenil dirigem-se para o mar, onde permanecem até atingirem a maturação sexual, e então a história repete-se quando chega a altura da reprodução.

Embora muitos dos peixes migradores encontrados no Guadiana sejam anádromos, (sobem os rios para desovar), há excepções, como por exemplo a Enguia, que vive no rio e migra para o mar para se reproduzir, sendo por isso uma espécie catádroma. A desova ocorre no Mar dos Sargaços, na costa americana, e logo após a eclosão as larvas iniciam a sua migração para o continente europeu, que dura cerca de 3 anos, atingindo os rios sob a forma de Meixão (ou Enguia-de-vidro). À medida que sobem o rio a sua coloração vai escurecendo.

Há fenómenos impressionantes, mais marcantes numa espécie que noutras, como no caso do Sável e da Savelha, em que os indivíduos regressam sempre ao local de origem, comportamento conhecido por "homing", e que significa que os adultos que aqui chegam para se reproduzir são as larvas que há uns anos partiram destas águas em direcção ao mar para aí crescerem. Para além disso, estes peixes conseguem resistir às diferenças de salinidade encontradas no rio e no mar, sofrendo transformações fisiológicas antes de transitarem de um meio para outro!

No passado, os migradores existiam em quase todas as bacias hidrográficas portuguesas, mas ao longo dos anos o seu percurso tem sido dificultado pelo crescente número de barreiras. A construção de barragens, cujos paredões impedem a subida do rio, a poluição que teme em diminuir e a perturbação do leito do rio, são alguns dos problemas actuais e para os quais o Homem tem que encontrar uma solução, pois de contrário estas espécies desaparecerão dos nossos rios, como aconteceu com o Esturjão.

#### ● **Curiosidades para desvendar**

O contrabando foi uma actividade que teve uma grande expressão nesta região, durante a Guerra Civil de Espanha e no período que lhe seguiu, até aos anos 1960. A

dificuldade de obtenção de alguns produtos básicos, como a farinha, o arroz e algumas leguminosas, e também de outros que mais não eram do que o contributo para alimentar pequenos vícios como o tabaco e o café, fizeram com que homens e mulheres se envolvessem nesta actividade arriscada. Viviam-se tempos de crise em ambos os lados da fronteira e qualquer dinheiro que se conseguisse era um importante complemento para a escassa economia doméstica. Mas para a concretização desta árdua tarefa era necessário ultrapassar uma série de barreiras e perigos, e toda a destreza e determinação constituíam requisitos fundamentais para o sucesso. O Rio Guadiana e a Ribeira de Chança (em Espanha) eram algumas dessas barreiras, de ordem natural, mas cuja travessia era facilitada pela tranquilidade das suas águas. Não longe deste local ocorria um dos mais utilizados circuitos, que ligava estes dois povos. Com início em Corte Gafo de Baixo, o percurso transpunha o Guadiana perto da Brava, seguia por várias povoações dos arredores e alcançava o seu destino em Valverde del Camino (Espanha), após 3 a 4 dias de uma viagem inesquecível.

### ● **Habitats a explorar**

As encostas declivosas do Vale do Guadiana, e também de alguns dos seus principais afluentes, apresentam características que possibilitam a existência de ambientes multifacetados, e que encerram enormes valores, tanto do ponto de vista da geologia e geomorfologia, como da riqueza biológica que acolhem. As suas águas são ricas em espécies dulciaquícolas, algumas das quais confinadas apenas à bacia do Guadiana, mas quase todas em perigo de extinção. A vegetação ripícola associada aos cursos de água favorece o aparecimento de espécies de aves próprias destes habitats, como o Rouxinol-do-mato. Para além disso, o coberto vegetal presente nas margens reduz a entrada na água dos sedimentos transportados pela escorrência das chuvas ao longo das encostas, impedindo a destruição dos locais utilizados para as posturas de muitos peixes, essencialmente os migradores. Os afloramentos rochosos sob a forma de escarpas, com as suas numerosas cavidades e saliências, servem de refúgio para a nidificação de várias aves de rapina, onde se destacam algumas das mais ameaçadas de Portugal e mesmo da Europa, com a Águia de Bonelli e o Bufo-real, injustamente perseguidas por quem não compreende o importante papel que têm no controle de predadores, pois ao alimentarem-se de pequenos mamíferos e répteis, especialmente os mais fracos, são excelentes aliados no combate às doenças por vezes transmitidas por esses animais.

AS encostas, densamente cobertas por matagais, permitem a coexistência de espécies diversas de forma equilibrada. Neste habitat vivem mamíferos como o Texugo e apresenta potencialidades para a ocorrência do tão emblemático Lince-Ibérico. Também

aqui a vegetação tem um importante papel na manutenção dos solos, ao constituir uma barreira para a escorrência das águas pluviais e diminuindo os riscos de erosão. Estes vales suportam assim uma das maiores riquezas biológicas do Baixo Alentejo, o que justifica a necessidade da sua conservação.

### ⑥ **Curiosidades para desvendar**

Se lhe dissermos que o nome científico da Aroeira é *Pistacia lentiscus* é provável que lhe venha à memória o pistacho, esse fruto seco tão amplamente comercializado. Ora, esta semelhança não é apenas coincidência, pois a Aroeira é parente da árvore que dá os pistachos (a Alfofista). Os primeiros fósseis do género *Pistacia* foram encontrados na Ilha da Madeira e datam da Era Terciária.

### ⑦ **Histórias para contar**

Numa terra em que o cultivo de cereal constituiu, até há pouco tempo, a base da exploração agrícola, os moinhos ocorrem na paisagem como testemunhos dos tempos em que o Homem ainda não dispunha de meios mecânicos e recorria à força da natureza e dos animais. O PNVG é rico em estruturas moageiras, estando a maior parte concentrados a sul de Mértola.

À fase da produção do cereal seguia-se a da moagem, realizada maioritariamente em moinhos localizados perto de linhas de água com corrente para fazer funcionar os engenhos. O moleiro permanecia nestes locais enquanto o caudal permitisse a utilização da sua força motriz, geralmente de meados da Primavera a meados do Outono. Muitas vezes isolado dos aglomerados populacionais, a sua subsistência provinha do meio que o rodeava. A partir destas água retirava o peixe e mantinha pequenas hortas, de onde obtinha os produtos que constituíam a base da sua alimentação. Mas as encostas dos rios e ribeiras também proporcionavam a manutenção de uma actividade complementar, a apicultura, sustentada a partir das plantas melíferas que aparecem nesta vegetação.

Os Moinho dos Canais têm o seu nome associado a uma arte de pesca artesanal praticada neste local, o caneiro (destinado a capturar lampreias). Consistia numa armadilha do tipo barreira feita a partir de matérias vegetais, como as canas e os loendros, e colocada junto às represas de água (açudes) dos moinhos. Quando o caudal do rio era menor, e não conseguia galgar o açude, a única passagem possível para os peixes era através dos canais que levavam a água às noras, mas que se encontrava bloqueada pelo caneiro. Era um tipo de pesca que, após implementada, não exigia

muito esforço por parte do pescador para apanhar o peixe que aí ficava retido. Para isso deslocava-se de barco ou, quando possível, a pé. A legislação em vigor proíbe a utilização de várias artes de pesca, entre as quais os caneiros, tendo a armadilha dos canais sido desmantelada na década de 1990.

### ⑥ **Pensamentos para meditar**

Como conservar um local como este, cuja importância se estende para lá do âmbito regional?

### ⑦ **Curiosidades para desvendar**

#### *Diferença entre Veado e Gamo*

Como cervídeos apresentam características que os aproximam, em que as mais emblemáticas são, provavelmente, as armações presentes nos machos destas espécies. Contudo, há várias diferenças que permitem a fácil distinção entre elas. O Veado supera em altura o Gamo, sendo mesmo o segundo maior cervídeo da Europa. As armações do Veado são pontiagudas, ao contrário das do Gamo que as apresenta espalmadas. Também a pelagem é um bom elemento identificativo, em que o castanho do Veado aparece no Gamo salpicado de pintas brancas (tão características do famoso "bambi"). Muitas vezes temos apenas oportunidade de observar estes animais fugazmente, quando já deram pela nossa presença e afastam-se rapidamente para longe. Nestas alturas, a visualização da cauda será uma forte aliada, pois se possuir um desenho com três listras verticais pretas, é bastante provável que estejamos na presença de um Gamo. Se esse pormenor não for nítido, então era um Veado.

### ⑩ **Curiosidades para desvendar**

Sabe que o efeito da maré se faz sentir até às Azenhas de Mértola, distantes cerca de 70 kms da foz do rio?

### ⑪ **Pensamentos para meditar**

Será que a pesca tradicional é uma actividade que irá desaparecer?

---

### **Caixa das informações**

#### - Recomendações

a) Período recomendado: De meados de Setembro a meados de Maio. São de evitar os dias de Verão e os mais quentes da Primavera.

- b) O percurso "A" passa pela zona de caça turística e nº312;  
 c) O percurso "B" atravessa as zonas de caça turísticas nº171 e nº173.

- Sugestões

a) Percurso "B"- a partir dos Carvoeiros é possível realizarem-se actividades náuticas, como por exemplo a descida de rio até Mértola. Se quiser continuar a caminhar, pode seguir pela estrada de onde veio, mas sem fazer qualquer desvio e chegará à intercepção com a EM510 (cerca de 3,5 km). Esta é uma boa opção para visitas organizadas, que disponham de autocarro para o transporte dos visitantes;

b) Festas: Nossa Senhora do Amparo (Corvos, Maio – sem data fixa); Festa Tradicional dos Corvos (Corvos, 15 de Agosto); Festa Tradicional de Corte Gafo (Corte Gafo de Cima, último fim-de-semana de Agosto).

- Contactos locais

- Alojamento: Monte do Vento, perto da Amendoeira da Serra (Tel.: 286 610 000); Centro de acolhimento, na Amendoeira da Serra (286 610 000)

- Restauração: Café Correia, em Corte Gafo de Cima ((sem telefone); Café O Romão", nos Corvos (Tel.: 286 616 891); Café-Restaurante "A Paragem", nos Corvos (Tel.: 286 616 140)

-----  
**Caixas das espécies**

**Flora**

|                   |                                     |
|-------------------|-------------------------------------|
| Alecrim           | <i>Rosmarinus officinalis</i>       |
| Alfostiga         | <i>Pistacia vera</i>                |
| Aroeira           | <i>Pistacia lentiscus</i>           |
| Azinheira         | <i>Quercus rotundifolia</i>         |
| Cebola-albarrã    | <i>Urginea maritima</i>             |
| Cevada            | <i>Hordeum vulgare</i>              |
| Erva-ursa         | <i>Thymus mastichina</i>            |
| Esteva            | <i>Cistus ladanifer</i>             |
| Gaimão            | <i>Asphodelus ramosus</i>           |
| Lentisco-bastardo | <i>Phillyrea angustifolia</i>       |
| Murta             | <i>Myrtus communis</i>              |
| Roselha           | <i>Cistus crispus</i>               |
| Rosmaninho        | <i>Lavandula stoechas</i>           |
| Sargaços          | <i>Cistus monspeliensis</i>         |
| Tamujo            | <i>Securinega tinctoria</i>         |
| Tojo              | <i>Genista sp.</i>                  |
| Trigo             | <i>Triticum aestivo</i>             |
| Zambujeiro        | <i>Olea europea var. sylvestris</i> |
| Zimbro            | <i>Juniperus communis</i>           |

**Fauna**

**Peixes**

|                  |                                |
|------------------|--------------------------------|
| Boga do Guadiana | <i>Chondrostoma willkommii</i> |
| Enguia           | <i>Anguilla anguilla</i>       |
| Escalo-do-sul    | <i>Leuciscus pyrenaicus</i>    |
| Esturjão         | <i>Acipenser sturio</i>        |
| Lampreia         | <i>Petromyzon marinus</i>      |
| Sável            | <i>Alosa alosa</i>             |
| Savelha (Saboga) | <i>Alosa falax</i>             |

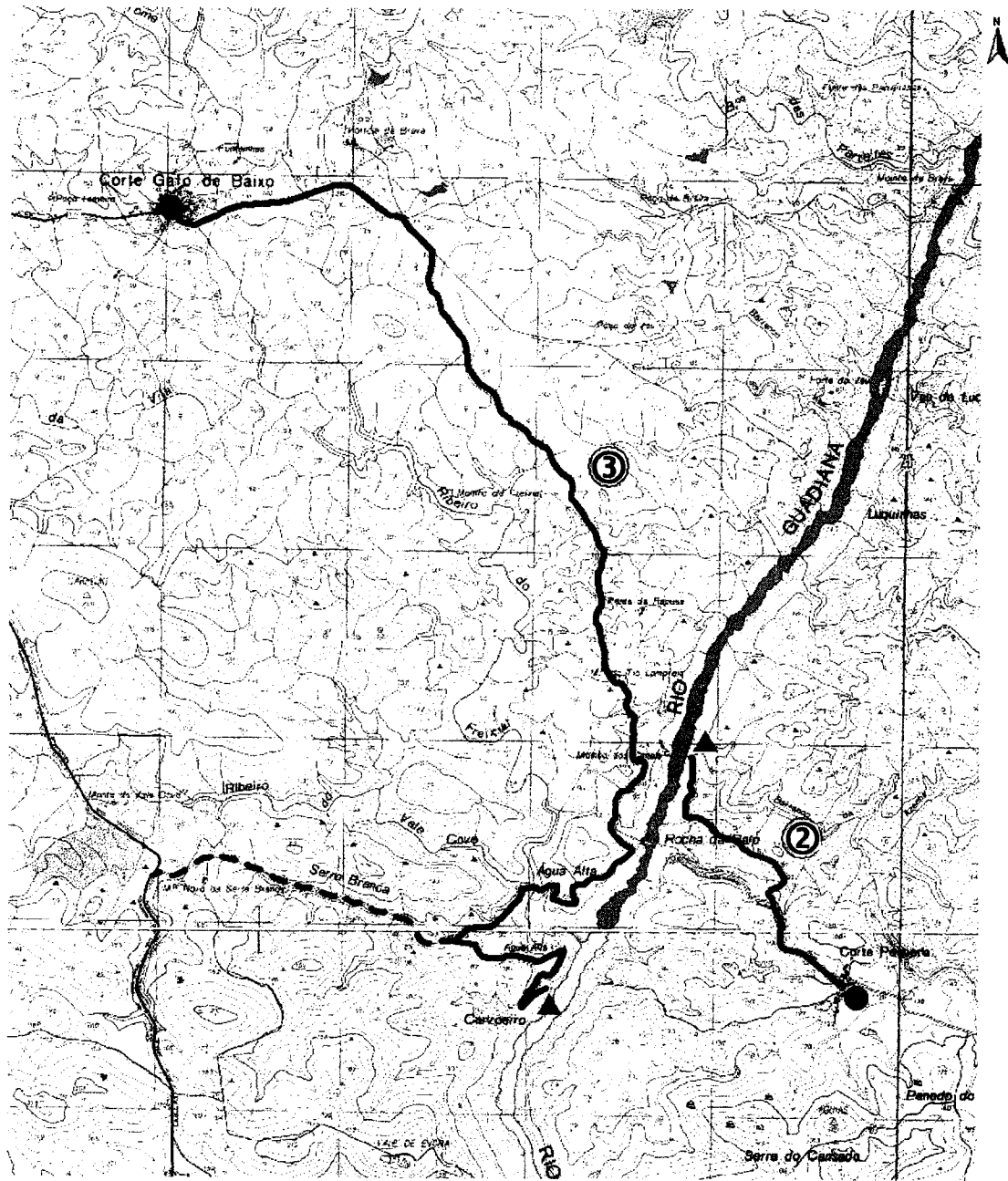
**Aves**

|                      |                                |
|----------------------|--------------------------------|
| Águia de Bonelli     | <i>Hieraaetus fasciatus</i>    |
| Andorinha-das-rochas | <i>Ptyonoprogne rupestris</i>  |
| Bufo-real            | <i>Bubo bubo</i>               |
| Cegonha-preta        | <i>Ciconia nigra</i>           |
| Chapim-azul          | <i>Parus caeruleus</i>         |
| Chapim-rabilongo     | <i>Aegithalos caudatus</i>     |
| Chapim-real          | <i>Parus major</i>             |
| Cia                  | <i>Emberiza cia</i>            |
| Melro-azul           | <i>Monticola solitarius</i>    |
| Perdiz               | <i>Alectoris rufa</i>          |
| Pisco-de-peito-ruivo | <i>Erithacus rubecula</i>      |
| Rouxinol-bravo       | <i>Cettia cetti</i>            |
| Rouxinol-do-mato     | <i>Cercotrichas galactotes</i> |
| Toutinegras          | <i>Sylvia sp.</i>              |

**Mamíferos**





|            |                              |
|------------|------------------------------|
| Coelho     | <i>Oryctolagus cuniculus</i> |
| Gamo       | <i>Dama dama</i>             |
| Saca-rabos | <i>Herpestes ichneumon</i>   |
| Texugo     | <i>Meles meles</i>           |

# Ao encontro do Vale do Guadiana



0 200 400 metros



-  Percurso principal
-  Percurso alternativo
-  Início do percurso
-  Fim do percurso



## PERCURSO 4

### **Nome: À volta do montado**

**Resumo:** Por entre Azinheiras, bolotas, cereais e varas de Porcos, iremos atravessar uma das paisagens mais típicas da Península Ibérica, o montado, fruto da manipulação do homem desde tempos remotos. Para contrastar aguarda-nos a maior albufeira do Parque, a Tapada Grande, ladeada por uma das espécies de árvores mais problemáticas que ocorre no nosso país, o Eucalipto.

### **Características do percurso:**

- localização: tem duas opções para iniciar o percurso:

a) Monte do Guizo - de Mértola deve seguir em direcção à Mina de S. Domingos e quando chegar a Moreanes dirija-se até à povoação de Serralhas e depois ao Monte do Guizo.

- locais de partida e chegada: Monte do Guizo – Vale Travesso - Tapada Grande – Monte da Malhadinha – Monte do Guizo;

b) Tapada Grande - quem vier de Mértola, deve dirigir-se até São Domingos, e o percurso começa na estrada de alcatrão localizada atrás da praia fluvial;

- extensão: 17 km (total)

- duração: cerca de 5h

- desnível: suave

- piso: terra batida e alcatrão, perto da Tapada Grande

- tipo de percurso: circular

### **Descrição do percurso:**

*A partir do Monte do Guizo*

Depois de bem equipados e fornecidos de água é tempo de colocar o chapéu e besuntar a cara com protector solar para evitar queimaduras desagradáveis. Passo a passo damos início a este passeio, sabendo que vamos demorar algum tempo até regressarmos a este local. O caminho é fácil e não oferece enganços, embora por vezes sejamos surpreendidos com algum lamaçal que colocará à prova o nosso calçado.

À nossa frente encontra-se uma paisagem tipicamente alentejana - os montados ❶, neste caso de azinho❷. Aqui vivem espécies típicas deste habitat, mas também outras comuns aos matagais, matos e mesmo zonas urbanas, como as Perdizes, as Poupas, as Rolas-bravas e as Cegonhas-brancas. Mas não são apenas as aves os frequentadores

habituais deste local! Um dos seus ocupantes mais emblemáticos, e que esteve na base do crescimento deste sistema, é o Porco-de-montanheira, cujo odor é capaz de afastar mesmo os visitantes mais curiosos ❸.

Ao longo do caminho vão surgindo extensas áreas cultivadas com Trigo, Cevada ou o Tritical (híbrido do Trigo com o Centeio). No meio destes campos aparecem as flores brancas do Saramago, que ocorrem apenas durante os primeiros estádios de crescimento do cereal, cedendo-lhe lugar à medida que este vai crescendo. Outros terrenos adquirem uma tonalidade amarela resultante das flores da Tremocilha e que espalham no ar o seu agradável perfume ❹. Aqui e ali, somos sobressaltados pelo agitar da vegetação provocada pela corrida de um Coelho ou Lebre.

As Azinheiras são uma presença constante ao longo do percurso e, se permanecermos imóveis e atentos por uns instantes, apercebemo-nos da agitação que decorre à volta destas árvores, desde a copa até à base do tronco, reflexo das suas múltiplas utilizações, que até às anedotas não escapou ❺/❻!. Por cima das nossas cabeças esvoaçam pequenas aves como os Chapins, cuja base da alimentação são os insectos e as larvas que a Azinheira suporta. Outras espécies encontram aqui os locais adequados para fazer os ninhos, como por exemplo o Pica-paus, o Mocho-galego, o Estorninho-preto e as Trepadeiras-comuns. Alguns mamífero, como as Doninhas e os Ratos-dos-pomares, movimentam-se na base dos troncos em busca de presas, sendo provável que encontrem lagartixas e Sardões. Também as aves de rapina, como a Águia-cobreira e a Águia-de-asa-redonda podem escolher as Azinheiras mais altas para construir os ninhos nas suas copas.

À medida que nos afastamos do ponto de partida, o estrato arbustivo torna-se mais proeminente e variado, aparecendo os Tojos, com os seus indesejáveis picos, as várias "Estevas", cujas diferenças podem servir de base para um pequeno jogo ❷ e, em zonas mais rochosas, o Trovisco. Mas a variação também ocorre ao nível do estrato arbóreo, com o aparecimento dos primeiros Eucaliptos e, ocasionalmente, de Medronheiros. Significa que estamos a aproximarmo-nos da Tapada Grande, onde os Eucaliptos são reis.

Aqui, toda a área é dominada por estas árvores oriundas da Austrália, embora perto do rio possamos observar outras espécies, como os arbustos de Montraste, com o seu odor semelhante ao da menta. Quem gosta de aves aquáticas encontra aqui alguns locais para a sua observação, pois a Tapada Grande, sendo a maior albufeira do Parque, atrai

até si Galeirões, Galinhas-d'água, Mergulhões-pequenos, Patos-reais e Frisadas, e nas suas margens saltitam Alvéolas-brancas e Borrelhos-pequenos-de-coleira. Embora longe da vista, podemos-nos contentar com a certeza que esta é uma zona de passagem de Grifos, e aqueles que preferem animais de quatro patas ficarão satisfeitos por saber que neste local ocorrem Lontras, Toirões e, mesmo Veados; contudo o entusiasmo tem que ser refreado pois a sua observação é extremamente difícil.

Por esta altura, o cansaço e o calor já se fazem sentir e, portanto, nada melhor do que uma pausa perto deste espelho de água. Se quisermos algo refrescante, como uma bebida ou mesmo um gelado, temos apenas que seguir pela estrada até ao café mais próximo, de preferência ao ar livre para observarmos os voos ágeis das várias espécies de andorinha que por aqui passam, se for a altura do ano adequada.

Após este merecido descanso, é altura de regressarmos! As pernas resistem a acompanhar-nos mas, com o entusiasmo, lá vão retomando a passada habitual. Deixando para trás os Eucaliptos, sabe bem começar a ver novamente espécies nativas. A presença de Loendros assinala a proximidade de linhas de água, cuja transposição não é difícil. Em locais mais pedregosos e secos, aparecem arbustos de Arruda, cujo intenso odor desagradável afasta insectos, roedores, répteis e, provavelmente, nós próprios. Os sons dos Pintassilgos despertam a nossa atenção e, se formos rápidos, ainda conseguiremos ver as suas inconfundíveis cores matizadas.

Perto das antigas hortas encontramos algumas Figueiras da Índia, cujos saborosos frutos são uma tentação facilmente acessível, mas a sua colheita requer perícia e precaução devido à presença de fortes espinhos.

Algumas casa abandonadas transportam a nossa imaginação para tempos passados, quando a exploração do montado ainda era rentável. Os seus antigos ocupantes deixaram estes locais em busca de actividades alternativas, muitas delas realizadas longe daqui. Mas outros persistem em ficar, quer pelas raízes a este local, quer por acreditarem que melhores dias virão. E são estas determinações que ainda mantêm lugares como este, e que permitem a sobrevivência de tão grande riqueza biológica, onde se incluem espécies ameaçadas a nível europeu, como é o caso do Grou.

Quase no fim do nosso percurso, ainda há tempo para apreciar a técnica de caça do Picanço-barreteiro, que captura os insectos em voo, espetando-os de seguida em estruturas afiadas para, facilmente, despedaçá-las com o seu bico em forma de gancho.

E a melhor maneira de terminarmos este passeio é sentarmo-nos à sombra da sua personagem principal: a Azinheira 🌳!

---

### Caixa da interpretação

#### 🌳 *Habitats a explorar*

O montado é um dos melhores exemplos da manipulação do Homem sobre os ecossistemas florestais, por forma a obter deles os produtos desejados. Tendo como denominador comum as árvores do género *Quercus* (sobretudo a Azinheira e o Sobreiro), caracteriza-se por possibilitar uma exploração múltipla - por exemplo de culturas agrícolas, de pecuária, de cortiça, de madeira - conseguida através da abertura do bosque mediterrânico.

É uma paisagem tipicamente ibérica, de grande expressão em Portugal e, concretamente, nas planícies alentejanas. É possível distinguirem-se dois tipos de montado, manipulados para diferentes fins: os de azinho (dominados pela Azinheira), mais abertos e utilizados para a agricultura e os de sobreiro (dominados pelo Sobreiro), mais fechados para a maximização da produção da cortiça (Portugal é o primeiro produtor mundial de cortiça). Na área do Parque dominam os montados de azinho, sendo que a Azinheira é uma das espécies mais bem adaptadas à secura e à pobreza dos solos que caracterizam esta região.

Dependendo da exploração a que estão sujeitos, podemos encontrar nos montados vários estratos: um estrato arbóreo, constituído pela Azinheira ou pelo sobreiro, embora também possam ocorrer as duas árvores em simultâneo; um segundo estrato, constituído por um tapete herbáceo de cereais ou por pastagens; e um terceiro estrato, arbustivo, que surge durante o pousio que ocorre entre as rotação das culturas. Este último estrato constitui um sub-bosque rico em espécies vegetais mediterrânicas.

Uma das principais fontes de nutrientes deste ecossistema provém da mineralização das folhas mortas que se vão acumulando sobre o solo, a chamada folhada. Esta folhada é a porta de entrada da energia na cadeia de nutrientes dos organismos decompositores, como os fungos e as bactérias. Acontece que uma folhada constituída por várias espécies vegetais, de árvores e arbustos, é mais rica em termos de componentes, tornando-se assim uma boa fonte de fertilidade do solo. Para além disso, estes arbustos (como as Estevas, os Tojos, etc.), desempenham um importante papel no equilíbrio

hidrológico, pois protegem o solo contra a erosão hídrica. A acrescentar a tudo isto, tem-se ainda que o montado permite o desenvolvimento da vida selvagem, sendo um dos ecossistemas com maior biodiversidade da Europa.

### 🕒 **Descobertas a fazer**

Para aqueles que ainda não conseguem diferenciar a Azinheira do Sobreiro, aqui ficam algumas dicas que poderão ajudar:

Folhas – são semelhantes, mas as do sobreiro são mais espinhosas

Tronco – a casca do sobreiro é mais grossa e rugosa (cortiça)

Bolota – ambos produzem frutos do tipo glande, conhecidos como bolotas. A cápsula da bolota da Azinheira é quase lisa quando comparada com a do sobreiro, que é escamosa.

### 📖 **Histórias para contar**

O Porco preto alentejano de montado (Porco-de-montanheira) tem a sua fama associada ao extraordinário sabor da carne, resultante da alimentação à base de bolota e erva, livremente pastadas nos montados de sobreiro e azinho. As porcas começam a criar a partir de 1 ano de idade e têm 5 criações em 3 anos. A gestação dura 3 meses e 20 dias, ao fim dos quais nascem, normalmente, entre 6 a 8 leitões (regionalmente chamados de farroupos). O nascimento dá-se sob o abrigo de cabanas, designadas por maternidades, que são visíveis neste percurso, e a alimentação dos leitões é efectuada através do leite materno, durante cerca de 45 dias. Após o desmame, os animais são alimentados à base de cereais, num processo denominado de recria. Esta fase dura cerca de 14 meses, ao fim da qual se entra no regime de montanheira, que se caracteriza por os animais pastarem ao ar livre no montado. Os Porcos são abatidos por volta dos 20 meses, guardando-se os melhores animais para reprodução. Da sua carne e vísceras obtém-se uma panóplia de produtos de salsicharia, muito utilizados na nossa gastronomia.

### 🔍 **Curiosidades para desvendar**

A Tremocilha, para além de muito apreciada pelo gado quando está seca, pode contribuir para aumentar a fertilidade dos solos e, assim, melhorar as pastagens de sequeiro. As leguminosas, como é o caso desta planta, possuem nas suas raízes uma bactéria denominada *Rhizobium*, que tem a particularidade de ajudar a fixar o azoto atmosférico no solo.

### ● **Curiosidades para desvendar**

#### *As múltiplas utilizações da Azinheira*

É incrível como uma “simples” árvore pode ser explorada de várias formas, por diversos animais, onde se inclui o Homem. Os ramos da Azinheira servem de pouso a muitas aves e os seus buracos oferecem bons refúgios e locais de nidificação para outras, podendo também ser utilizados pelas aranhas que, estrategicamente, aí colocam as teias para capturarem as suas presas. As folhas mais baixas, ou deixadas no chão na altura da poda, são um complemento alimentar para o gado. Na altura da frutificação, as suas doces bolotas entram na dieta de espécies como o Javali, o Porco-de-montanheira, o Pombo-torcaz, o Gaio, e mesmo o Homem é apreciador deste fruto. Utilizada durante muito tempo na alimentação humana, a bolota era um dos ingredientes que entrava no fabrico do pão, tão importante em alturas de escassez. Outra utilização para esta árvore é a sua madeira, considerada com boa qualidade calorífera e, por isso, aproveitada como lenha e carvão. Por fim, a medicina popular atribui ao fruto e às flores propriedades curativas para problemas intestinais e constipações.

### ● **Dizeres populares para divulgar**

- Como é que um Elefante vai parar à copa de uma Azinheira?  
Coloca-se o Elefante em cima de uma bolota e espera-se cinquenta anos!

### ● **Descobertas a fazer**

As “Estevas” são plantas amplamente distribuídas pelo Parque. O seu nome científico é *Cistus*, que deriva da palavra grega “ciste” e significa caixa ou cesto, tendo sido escolhido para designar o género a que estas plantas pertencem pois as mesmas possuem frutos em forma de cápsula com 7 a 10 compartimentos. Neste percurso podemos encontrar quatro espécies pertencentes a este género. Veja se as descobre!

1. Roselha (*Cistus crispus*) - flor rosa, com folha ondulada nas bordas e rugosa, de pequeno porte;
2. Sargaços (*Cistus monspeliensis*) - flor branca, com folha pegajosa e quase linear (i.e. estreita, quase como se fosse uma lança), de médio porte;
3. Sargaço (*Cistus salvifolius*) - flor branca, com folhas ovais, de pequeno porte;
4. Esteva (*Cistus ladanifer*) - flor branca, geralmente com 5 pintas vermelhas nas pétalas, com folhas estreitas e pegajosas, de grande porte.

### ● **Curiosidades para desvendar**

#### *As andorinha*

Existe a convicção que dá azar destruir os ninhos das andorinha. Na sabedoria popular encontra-se a resposta para a empatia, generalizada, dos homens para com estas aves: esta ligação foi fruto de um pacto de paz, ocorrido há muito tempo, a partir do qual as andorinhas passaram a utilizar as casas dos homens para se protegerem e fazerem os ninhos. Mesmo que estas histórias não sejam suficientemente convincentes, ninguém ficará indiferente ao árduo trabalho que a construção de um ninho implica, e no qual colaboram o macho e a fêmea. Nesta zona podemos observar quatro das cinco espécies de andorinhas que ocorrem no nosso país, nomeadamente, a Andorinha-dos-beirais, a Andorinha-dáurica, a Andorinha-das-rochas e a Andorinha-das-chaminés. Com requisitos ecológicos distintos, os seus ninhos são construídos de forma diferente e em locais diversos. Agora só tem que encontrá-los!

### ● **Histórias para contar**

#### *A exploração dos montados ao longo dos tempos...*

O crescimento dos montados de azinho ocorreu no séc. XVI com o aumento da procura de gorduras de Porco (banha e toucinho) para abastecer as armadas das Índias, e mesmo depois do desaparecimento das armadas a carne e a gordura destes animais continuaram a ser muito procuradas, especialmente nos mercados de Lisboa, a partir dos finais do século XIX. Após a segunda Guerra Mundial, a melhoria dos níveis de vida das populações possibilitou a substituição da gordura de Porco por outros produtos, mas a grande quebra no seu consumo ocorreu em 1957, com o aparecimento da peste suína africana, uma virose de propagação e evolução rápidas que dizimou centenas de varas de Porcos. Como medida preventiva, proibiu-se o pastoreio livre nos montados, o que arruinou a economia do montado de azinho, que se baseava na exploração do Porco-de-montanheira. Entretanto, começaram a intensificar-se as culturas cerealíferas de sequeiro, através das campanhas de Trigo levadas a cabo pelo Estado Novo, por volta de 1930, pelo que foi necessário o desbaste do arvoredado mais denso. Com a descida do preço do Trigo, a produção foi orientada para a produção de ruminantes como ovinos, bovinos e caprinos, mas cujos resultados económicos eram muito inferiores aos conseguidos pelos suínos, para além de causarem um pastoreio intensivo. Por outro lado, o aumento do preço e da procura de lenha e carvão para a fundição mineira, levaram à degradação e delapidação destas formações em favor de árvores de crescimento mais rápido. A este cenário vieram ainda juntar-se pragas e doenças que aceleraram o processo de desvalorização deste importante sistema de usos múltiplo.

### 10 **Pensamentos para meditar**

Por definição, o montado é um sistema de uso múltiplo. Será que já se esgotaram todas as formas de torná-lo rentável e, assim, assegurar a sua manutenção?

### 11 **Informações a reter**

O Grou é uma espécie que nidifica do Norte da Europa até à Sibéria Central. É uma ave migradora que, no Outono, deixa o seu local de nidificação e desloca-se para boas áreas de alimentação, onde permanece até ao início da Primavera. Portugal é um desses locais! Após cerca de 3.000 kms de viagem, perto de 2.000 aves chegam ao nosso país e instalam-se no interior do Alentejo.

O pescoço comprido e as pernas longas contribuem para o seu aspecto elegante que, aliado à sua inconfundível coloração cinzenta prateada, tornam-na numa das aves mais belas do Alentejo. Contudo, é também uma das mais barulhentas, sendo responsável por ensurdecedoras algazaras provocadas pelos típicos "krrau" que emitem, tanto em voo como no solo.

É em terras alentejanas que os Grous encontram boas áreas de alimentação, especialmente as cultura extensiva de cereais e as zonas de montado de azinho, onde as bolotas são muito apreciadas. Ao nascer do dia, as aves dispersam-se em bandos pelos campos de alimentação e, ao crepúsculo, voltam a reunir-se nos locais de dormitório, onde a existência de água e boa visibilidade são requisitos essenciais. Embora não o encontremos neste percurso, esta espécie ocorre na área do Parque.

O Grou é protagonista de mitos e lendas, alguns deles associados à famosa dança que ocorre na altura do acasalamento, na qual o casal realiza vénias e saltos altos esvoaçantes, acompanhados por um dueto de sons agudos. Embora mais raramente, também é possível observar-se este ritual no Inverno, havendo mesmo quem afirme que a dança pode ser induzida pelo Homem, ao imitar estes movimentos.

Infelizmente, a tranquilidade e o alimento que esta ave encontra no Alentejo podem ter os seus dias contados. Para isso, muito contribuem a acelerada transformação da paisagem agrícola, em que a agricultura extensiva de sequeiro está a dar lugar à agricultura intensiva de regadio, e a florestação com espécies de crescimento rápido, com eliminação de montados de Azinho.



## 100 Dizeres populares para divulgar

À sombra da Azinheira  
 Nos dias de sol bem quente  
 Custa mais lá estar sentado  
 Que o trabalho a certa gente

---

### Caixa das informações

#### - Recomendações

- a) Período recomendado: De meados de Setembro a meados de Maio. São de evitar os dias de Verão e os mais quentes da Primavera;
- b) Atravessa a zona de caça turística nº33.

#### - Sugestões

- a) Programar o percurso para chegar à Tapada Grande por volta da hora do almoço e regressar à tarde;
- b) Começar o percurso na Tapada Grande;
- c) Festas e feiras: Mercado "O Pago" (Mina de S. Domingos, 4º dia de cada mês); Festa Tradicional de S. Domingos (S. Domingos, 15 de Agosto).

#### - Contactos locais

- Alojamento: Casa do Guizo, no Monte do Guizo (Tel.: 286 655 171); Pensão S. Domingos, em S. Domingos (Tel.: 286 647 187)
- Restauração: Café-Restaurante "S. Domingos"

---

### Caixas das espécies

#### Flora

Arruda  
 Azinheira  
 Cevada  
 Estevas  
 Eucalipto  
 Figueira da Índia  
 Loendro  
 Medronheiro  
 Montraste  
 Saramago  
 Sobreiro  
 Tojo  
 Tremocilha-amarela  
 Trevo

*Ruta lentiscus*  
*Quercus rotundifolia*  
*Hordeum vulgare*  
*Cistus sp.*  
*Eucalyptus globulus*  
*Opuntia ficus-indica*  
*Nerium oleander*  
*Arbutus unedo*  
*Menta rotundifolia*  
*Raphanus raphanistrum*  
*Quercus suber*  
*Genista sp.*  
*Lupinus luteus*  
*Trifolium sp.*

Trigo  
Trovisco

*Triticum aestivo*  
*Daphne gnidium*

### Fauna

#### Aves

Águia-cobreira  
Águia-d'asa-redonda  
Alvéola-branca  
Andorinha-das-chaminés  
Andorinha-das-rochas  
Andorinha-dáurica  
Andorinha-dos-beirais  
Borelho-pequeno-de-coleira  
Cegonha-branca  
Chapins  
Estorninho-preto  
Frisada  
Gaio  
Galeirão  
Galinha-d'água  
Grifo  
Grou  
Mergulhão-pequeno  
Mocho-galego  
Pato-real  
Perdiz  
Picanço-barreteiro  
Pica-paus  
Pintassilgo  
Pombo-torcaz  
Poupa  
Rola-brava  
Trepadeira-comum

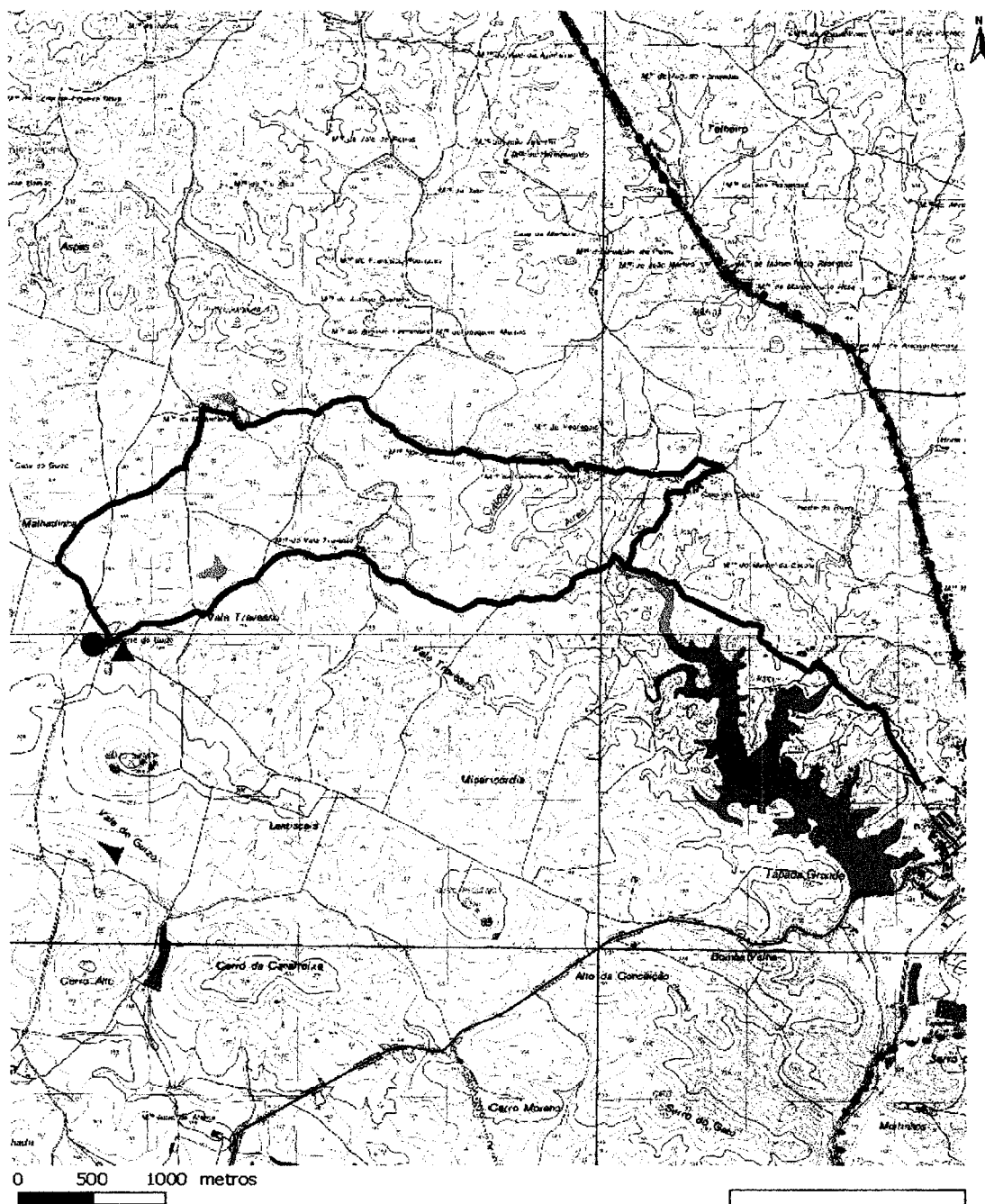
*Circaetus gallicus*  
*Buteo buteo*  
*Motacilla alba*  
*Hirundo rustica*  
*Ptyonoprogne rupestris*  
*Hirundo daurica*  
*Delichon urbica*  
*Charadrius dubius*  
*Ciconia ciconia*  
*Parus sp.*  
*Sturnus unicolor*  
*Anas strepera*  
*Garrulus glandarius*  
*Fulica atra*  
*Gallinula chloropus*  
*Gyps fulvus*  
*Grus grus*  
*Tachybaptus ruficollis*  
*Athene noctua*  
*Anas platyrhynchos*  
*Alectoris rufa*  
*Lanius senator*  
*Dendrocopos sp.*  
*Carduelis carduelis*  
*Columba palumbus*  
*Upupa epops*  
*Streptopelia turtur*  
*Certhia brachydactyla*




#### Mamíferos

Coelho  
Doninha  
Javali  
Lebre  
Lontra  
Rato-dos-pomares  
Sardão  
Toirão  
Veado

*Oryctolagus cuniculus*  
*Mustela nivalis*  
*Sus scrofa*  
*Lepus europaeus*  
*Lutra lutra*  
*Eliomys quercinus*  
*Lacerda lepida*  
*Mustela putorius*  
*Cervus elaphus*

# À volta do montado



-  Percurso
-  Início do percurso
-  Fim do percurso

## PERCURSO 5

### **Nome: Ao ritmo das águas do Vascão**

**Resumo:** Acompanhados por um denso coberto arbustivo, em que as Estevas predominam, vamos caminhar ao encontro daquela que é a ribeira por excelência das espécies piscícolas – o Vascão. O cheiro das flores melíferas é apenas um dos muitos atributos deste pequeno passeio, onde as vistas não têm fronteiras.

### **Características do percurso:**

- localização: Este percurso decorre na parte sul do Parque. A partir de Mértola devemos seguir pela N122 em direcção a Vila Real de Santo António. Após 18,5 kms viramos à esquerda para a aldeia da Mesquita, distante de Mértola cerca de 25 kms.
- locais de partida e chegada: Fontanário da aldeia da Mesquita – Ribeira do Vascão - retorno
- extensão: 4,5 km (ida e volta)
- duração: cerca de 1h20 (ida e volta)
- desnível: moderado
- piso: terra batida
- tipo de percurso: linear

### **Descrição do percurso:**

Antes ou depois do percurso, a nossa passagem por este local não pode passar sem uma visita à aldeia da Mesquita onde, segundo palavras poéticas, “os ventos da modernidade ainda sopram ligeiros”. A história desta povoação está intimamente ligada à sua estratégica localização, situada nas proximidades da confluência da Ribeira do Vascão com o Rio Guadiana. Lugar de pequenos lavradores, pastores e mercadores, esta povoação conserva ainda algumas casas com a arquitectura característica desta região. A não perder é a igreja da Nossa Senhora das Neves, embora a visita tenha, provavelmente, que se limitar ao exterior.

Depois de decidida a hora da partida, o ponto de encontro é no fontanário, onde os mais previdentes podem encher as suas garrafas. É então tempo de partir! Convém apenas lembrar que nas bifurcações tomaremos sempre o caminho da direita.

A paisagem inicial é dominada por uma vasta área de vegetação rasteira, fruto da intensa utilização agrícola, e que contrasta com as Oliveiras dispersas que aqui

encontramos. Os muros de pedra revelam a influência da proximidade das serras Algarvias e são os únicos indícios que recordam os tempos férteis destes terreno, num passado não muito longínquo.

Mais adiante, começamo-nos a aperceber da mudança da vegetação, com o aparecimento de vastas zonas de mato ❶, e onde uma planta se distingue das outras pela sua abundância: a Esteva ❷! A dominância desta planta e a sua semelhança com outras do mesmo género, podem ofuscar a presença da Roselha e do Sargaço. Se tivermos a sorte de passar por aqui na altura da floração, então a sua identificação será facilitada pelas respectivas flores. Na Primavera, o nosso olhar irá deliciar-se com as vastas encostas verdes cobertas por um manto de flores brancas ❸, que libertam um agradável aroma e atraem uma série de seres alados. Num vaivém incessante, os insectos mergulham nos estames tornando-se autênticos agentes polinizadores. Mas o ar não é apenas perfumado pelas Estevas, e não é necessário um nariz muito apurado para sentir o cheiro tão característico do Rosmaninho ❹, e que nos traz à boca o sabor do produto mais apreciado desta planta - o mel ❺/❻. E é com este desejo não concretizado que prosseguimos o caminho.

Ao longe já se vislumbram as águas da Ribeira do Vascão e no horizonte as hélices do Parque eólico, situado em terras espanholas. Pelo caminho vamos descobrindo, aqui e ali, outras espécies que irrompem no meio das Estevas ou mesmo no nosso caminho. O Gaimão (Abrótea) ❶ reconhece-se pela sua comprida inflorescência, com cerca de um metro de altura, e que pode ser vista no fim do Inverno e durante a Primavera. Foi esta singular inflorescência que lhe valeu o epíteto de "filho da Abrótea" dado pela população local, que diferencia a parte verde (Abrótea) da flor (Gaimão). As Azinheiras também estão presentes, com troncos cobertos por líquenes que confirmam a pureza do ar. Há também lugar para plantações recentes de Pinheiro-manso, cujo futuro não é promissor por se revelarem inadaptados ao tipo de solo e clima da região.

A fauna que aqui ocorre é pouco diversificada mas típica destas zonas. Nas aves, o grupo das toutinegras é característico dos matos, tendo desenvolvido algumas adaptações, como a sua reduzida dimensão, as asas curtas e arredondadas e uma dieta essencialmente insectívora, que lhes permite tirar o máximo proveito deste meio. Aqui podemos encontrar a Toutinegra-de-cabeça-preta e a esquiva Felosa-do-mato, que partilha com o Cartaxo-comum os "poleiros" das Estevas. Também a Perdiz encontra refúgio para ela e para os seus perdigotos sob esta vegetação, que assim ficam menos

expostos aos olhos dos predadores. No Inverno, podemos aqui observar Tordos-comuns, Estorninhos-malhados e Pombos-torcazes, todas elas espécies cinegéticas ☉.

Os mais atentos apercebem-se que o solo é pedregoso, facto que para nós não tem muita importância, mas que se torna crucial para as espécies que, como o Coelho, necessitam de escavar túneis para aí construir as suas tocas. Essa dificuldade condiciona o aumento dos seus efectivos mas, mesmos assim, é provável que tenhamos a sorte de ver um destes animais, ou uma parente próxima – a Lebre - embora a sua detecção seja mais difícil. Casualmente, os Saca-rabos também aqui aparecem, provavelmente à procura de insectos que são atraídos pelos odores florais. Considerados sagrados pelos antigos egípcios, em Portugal são, genericamente, indesejáveis e injustamente perseguidos ☉.

Saber que esta zona é frequentada por Veados poderá provocar algum entusiasmo, mas rapidamente moderado pois dificilmente teremos oportunidade de vê-los. Os sentimentos não acabam por aqui, pois os nervos podem vir à flor da pele se encontrarmos tiras de plástico vermelhas, utilizadas pelos caçadores para assinalar os locais de montaria para os Javalis.

Se os mamíferos de médio e grande porte não encontram aqui condições muito vantajosas, os micromamíferos e os répteis possuem uma grande vantagem devido à quantidade de alimento disponível e à relativa facilidade com que se movimentam entre a vegetação.

Depois desta breve incursão pelo mundo da fauna, a nossa atenção volta-se novamente para o percurso, pois o caminho estreitou ligeiramente e temos que evitar que as Estevas se colem à nossa roupa ☉.

À medida que avançamos, torna-se evidente o aumento da diversidade florística, com o aparecimento da Aroeira e do Tojo, que conferem novos odores e cores ao percurso. A dada altura, já quase no final da descida, o caminho torna-se mais pedregoso, sinal que estamos quase a chegar ao rio, o que é comprovado pelo aparecimento de Loendros, que servem de pouso ao raro Rouxinol-do-mato. À nossa frente surge um pomar com Oliveiras, Figueiras e Amendoeiras, provavelmente plantadas na altura em que os moinhos construídos ao longo da Ribeira do Vascão ainda funcionavam. Perto deste local, podemos observar as ruínas de duas dessas estruturas moageiras, os moinhos Novo e o de Melão, cujos pormenores só são perceptíveis aos olhos de quem conheceu este ofício.

O local convida a uma pausa e, se o tempo permitir, talvez um mergulho pela altura do joelho. Depois sentamo-nos a desfrutar a paisagem e a ver a água do Vascão ❶❶ correr aos nossos pés, envoltos num completo silêncio que faz esquecer as horas.

-----

## **Caixa da interpretação**

### **❶ Informações a reter**

#### *Importância dos matos*

A vegetação que cobre esta zona corresponde ao que vulgarmente se chama mato e tem como característica a presença de Estevas. Com formações mais ou menos cerradas, estes matos surgem durante os últimos anos de pousio ou, como parece ser o caso, em terras votadas ao abandono, após terem sido intensamente utilizadas para a agricultura. Os arados deixaram para trás solos despídos de vegetação e expostos à impiedosa acção dos agentes erosivos, como a chuva e o vento. Resistindo a estas dificuldades, a Esteva conseguiu sobreviver, instalar-se e expandir-se. A sua presença diminui a erosão dos solos e, aos poucos, proporcionam a ocorrência de outras espécies como o Rosmaninho, a Roselha e o Sargaço. É uma vegetação pouco diversificada, mas essencial para a ocorrência de outras formas de vida à sua volta. O odor das flores atrai os insectos que, por sua vez, constituem um chamariz para aranhas e aves insectívoras, criando-se assim condições para o aparecimento de outros animais em busca de alimento e refúgio. A partir deste ponto espera-se que a vegetação possa evoluir para formas mais complexas, como o matagal.

### **❷ Curiosidades para desvendar**

Era usual colocar-se um pau de Esteva (barbilho) na boca dos animais que estavam a ser amamentados, para que estes não conseguissem fazê-lo e, mais rapidamente, começassem a alimentar-se do pasto.

### **❸ Curiosidades para desvendar**

Algumas Estevas possuem pétalas marcadas de vermelho, conhecidas como “cinco chagas”, alusão às chagas de Cristo. Há uma variante menos frequente, sem marcas nas pétalas, por isso designada de imaculada.

### **❹ Descobertas a fazer**

Faça corresponder o nome comum ao respectivo nome científico!

1) Rosmaninho

## 2) Lavandula

a) *Rosmarinus officinalis*b) *Lavandula stoechas*

🕒 **Histórias para contar**

*As abelhas e o homem*

A flora existente no Parque é muito rica em plantas melíferas, sendo a apicultura uma actividade com grande potencialidade. A tradição local assenta em apiários fixos, estrategicamente colocados em zonas de matos e matagais, com predominância de Esteva e Rosmaninho. O mel obtido é de cores predominantemente claras, com aromas e sabores únicos. Prove!

Mas o mel não é a único produto obtido das colmeias. Desde tempo remotos que o Homem vem utilizando as várias substâncias produzidas pelas abelhas - cera, mel, propólis e geleia real - mesmo antes de ter descoberto a apicultura. Actualmente estas substâncias entram na composição de uma série de artigos que fazem parte do nosso dia-a-dia.

| <b>Nome</b> | <b>Como se obtém?</b>   | <b>Utilização pelas abelhas</b>                                   | <b>Utilização pelo Homem</b>                                     |
|-------------|---|---|--|
| Cera        | Segregada pelas abelhas operárias   | Construção dos favos de mel                                       | Cosméticos, fabrico de velas, cremes para calçado                |
| Mel         | Produzido a partir do néctar das flores                                   | Alimentação e matéria-prima para a produção de cera e geleia real | Adoçante   |
| Propólis    | Produzida a partir de resinas, ceras e pólen                              | Vedar as frestas da colmeia e embalsamar as presas                | Desinfectante local, inflamações, febre                          |
| Geleia real | Segregada apenas pelas abelhas jovens, até ao 15 <sup>o</sup> dia de vida | Alimentação da rainha e das larvas                                | Alívio da asma, rejuvenescimento da pele, complemento energético |

🕒 **Descobertas a fazer**

Quais as plantas com valor apícola?

Alecrim, Poejo, Tojo, Esteva, Azinheira e Eucalipto



### ⑨ **Dizeres populares para divulgar**

“Colhe-se entre a Primavera e o Verão mas diz-se que um dia especial para se colher é no dia da espiga, ou seja, Quinta-feira da Ascensão”

### ⑩ **Descobertas a fazer**

Quais destas espécies são cinegéticas?

Rola-brava, Codorniz, Milhafre-preto, Coruja-das-torres, Pato-real, Geneta, Lebre, Saca-rabos, Javali, Veado e Texugo

### ⑪ **Pensamentos para meditar**

O que acontece se retirarmos um dos elos da seguinte cadeia alimentar: planta – insecto – ave – mamífero?

### ⑫ **Curiosidades para desvendar**

A disponibilidade de água desempenha um papel essencial na vida das plantas. As que vivem em lugares secos desenvolveram dispositivos especiais (xerofitismo), que reduzem a sua transpiração e, com isso, a evaporação de água. É usual associarmos os ambientes secos aos desertos, contudo não é apenas nestes meios que ocorrem as plantas xerófitas, pois também a vegetação dos climas mediterrânicos teve que se adaptar às variações sazonais de secura, temperatura e insolação.

As Estevas, tal como muitas outras plantas, desenvolveram uma série de mecanismos para suportar as condições naturais a que estão sujeitas. Se quisermos passar algum tempo a observá-las, podemos focar a nossa atenção nas folhas e reparar que são estreitas e possuem pêlos, o que diminui a superfície de transpiração, evitando as perdas de água; para além disso são inclinadas, reduzindo a radiação solar incidente; por último, as secreções viscosas (cola) reflectem as radiações solares, diminuindo a evaporação.

### ⑬ **Habitats a explorar**

#### *A Ribeira do Vascão*

A riqueza do Parque assenta na bacia hidrográfica do rio Guadiana, em cujo caudal confluem as águas de inúmeros riachos e ribeiras, repletas de vida. E é precisamente numa dessas ribeiras que a nossa atenção será focada – o Vascão.

Com origem na serra Algarvia, inicia timidamente a sua viagem com um caudal muito reduzido, mas que teima em abrir caminho por entre rochas e calhaus. Aqui e ali, as suas águas quase que param, como que a dar oportunidade para muitos invertebrados colonizarem essas zonas e alimentarem-se dos detritos arrastados. Outros juntam-se a

minúsculos vermes, caracóis e larvas de insectos e continuam a sua viagem na boleia das águas. A perseverança desta ribeira é forçosamente retardada nos meses de Verão, quando o caudal se reduz a pequenos fios de água, um "fardo pesado" característico do clima mediterrânico. A chegada do Inverno trás uma nova dinâmica ao Vascão, que tenta recuperar o atraso dos meses de estiagem. Na sua progressão, vai interceptando outros riachos e ribeiras, e o caudal ganha mais volume e começa a ter pressa de chegar à foz. Mesmo sem muita força, a corrente é suficiente para garantir a oxigenação das águas e a distribuição dos nutrientes, abrindo caminho por entre o vale.

As suas encostas encontram-se revestidas por Estevas, associadas aos solos pobres e degradados resultantes da intensa exploração agrícola a que foram sujeitos durante largos anos. Perto das margens, a vegetação é tipicamente ribeirinha, destacando-se o Loendro e o Tamujo, e é aqui que muitos animais encontram alimento e abrigo para se esconderem dos olhares dos predadores e de simples curiosos, como nós. Os seus vestígios denunciam no entanto a sua presença e esclarecem-nos acerca dos seus habitantes, onde se incluem espécies ameaçadas, como a Lontra.

A Ribeira do Vascão é, por excelência, a eleita das espécies piscícolas, estando aqui representadas praticamente todas as que ocorrem no Parque. O reduzido caudal, a pouca profundidade, a presença de zonas bem oxigenadas com alguma corrente e a ocorrência de fundos pedregosos, são algumas das características que mantêm esta diversidade piscícola, composta essencialmente por espécies dulciaquícolas. A maior partes só existe na Península Ibérica ou, como é o caso do Sarumugo, apenas na Bacia do Guadiana, tornando-o uma das espécies mais emblemáticas do Parque e aumentando a nossa responsabilidade para a sua conservação.

Se, por um lado, é a qualidade e as características destas águas que possibilitam a ocorrência desta elevada riqueza faunística, também é delas que provêm os maiores perigos à sua sobrevivência. Mesmo sem grande valor comercial, estas espécies estão quase todas ameaçadas, sendo as mais problemáticas, para além do Saramugo, a Boga-de-boca-arqueada e o Caboz-de-água-doce. Para esta situação têm contribuído as barragens, que não só impedem as migrações dos peixes para locais adequados para realizarem as posturas, como também isolam as populações em núcleos tão pequenos que as torna inviáveis. Porém, outros animais podem também constituir uma ameaça, concretamente as espécies exóticas que foram introduzidas nos cursos de água espanhóis e acabaram por aqui chegar. O Achigã, a Perca-sol e o Lagostim-vermelho, entre outros, predam as espécies dulciaquícolas indígenas, competem pelo alimento e

espaço, e podem transmitir doenças para as quais as espécies locais não têm mecanismos de defesa. Infelizmente estes e outros problemas ocorrem também em diversos cursos de água desta bacia.

Mas as águas do Vascão, e de outras ribeiras, continuam a correr como que determinadas a vencer esses obstáculos e a concluir a sua viagem, ao confluírem no rio Guadiana. A partir daqui outras correntes ditarão a sua sorte...

---

### Caixa das informações

#### - Recomendações

- Período recomendado: De meados de Setembro a meados de Maio. São de evitar os dias de Verão e os mais quentes da Primavera;
- Atravessa a zona de caça associativa nº164.

#### - Sugestões

- Existe um percurso alternativo que parte da Mesquita e vai até ao Rio Guadiana, em frente ao Pomarão. Pode ser feito a pé ou de bicicleta;
- Festas e feiras: Festa tradicional de Mesquita (na Mesquita, sem data fixa)

#### - Contactos locais

- Alojamento: Casas Lampreia, na Mesquita (Tel.: 286 612 512); Casa do PNVG, perto da Mesquita (Tel.: 286 611 084)
- Restauração: não há

---

### Caixas das espécies

#### Flora

|                |   |
|----------------|---|
| Abrótea        | <i>Asphodelus ramosus</i>                 |
| Alecrim        | <i>Rosmarinus officinalis</i>             |
| Amendoeira     | <i>Prunus dulcis</i>                      |
| Aroeira        | <i>Pistacia lentiscus</i>                 |
| Azinhreira     | <i>Quercus rotundifolia</i>               |
| Esteva         | <i>Cistus ladanifer</i>                   |
| Eucalipto      | <i>Eucalyptus globulus</i>                |
| Figueira       | <i>Ficus carica</i>                       |
| Gaimão         | <i>Asphodelus ramosus</i>                 |
| Loendro        | <i>Nerium oleander</i>                    |
| Oliveira       | <i>Olea europaea</i> var. <i>europaea</i> |
| Pinheiro-manso | <i>Pinus pinea</i>                        |
| Poejo          | <i>Mentha pulegium</i>                    |
| Roselha        | <i>Cistus crispus</i>                     |

Rosmaninho  
Sargaços  
Tamujo  
Tojo

*Lavandula stoechas*  
*Cistus monspeliensis*  
*Securinega tinctoria*  
*Genista sp.*

## Fauna

### Peixes

Achigã  
Boga-de-boca-arqueada  
Caboz-de-água-doce  
Lagostim-vermelho  
Perca-sol  
Saramugo

*Micropterus salmoides*  
*Chondrostoma lemmingii*  
*Salaria fluviatilis*  
*Procanbarus clarkii*  
*Lepomis gibbosus*  
*Anaocypris hispanica*

### Aves

Cartaxo-comum  
Codorniz  
Coruja-das-torres  
Estorninho-malhado  
Felosa-do-mato  
Milhafre-preto  
Pato-real  
Perdiz  
Pombo-torcaz  
Rola-brava  
Rouxinol-do-mato  
Tordo-comum  
Toutinegra-de-cabeça-preta

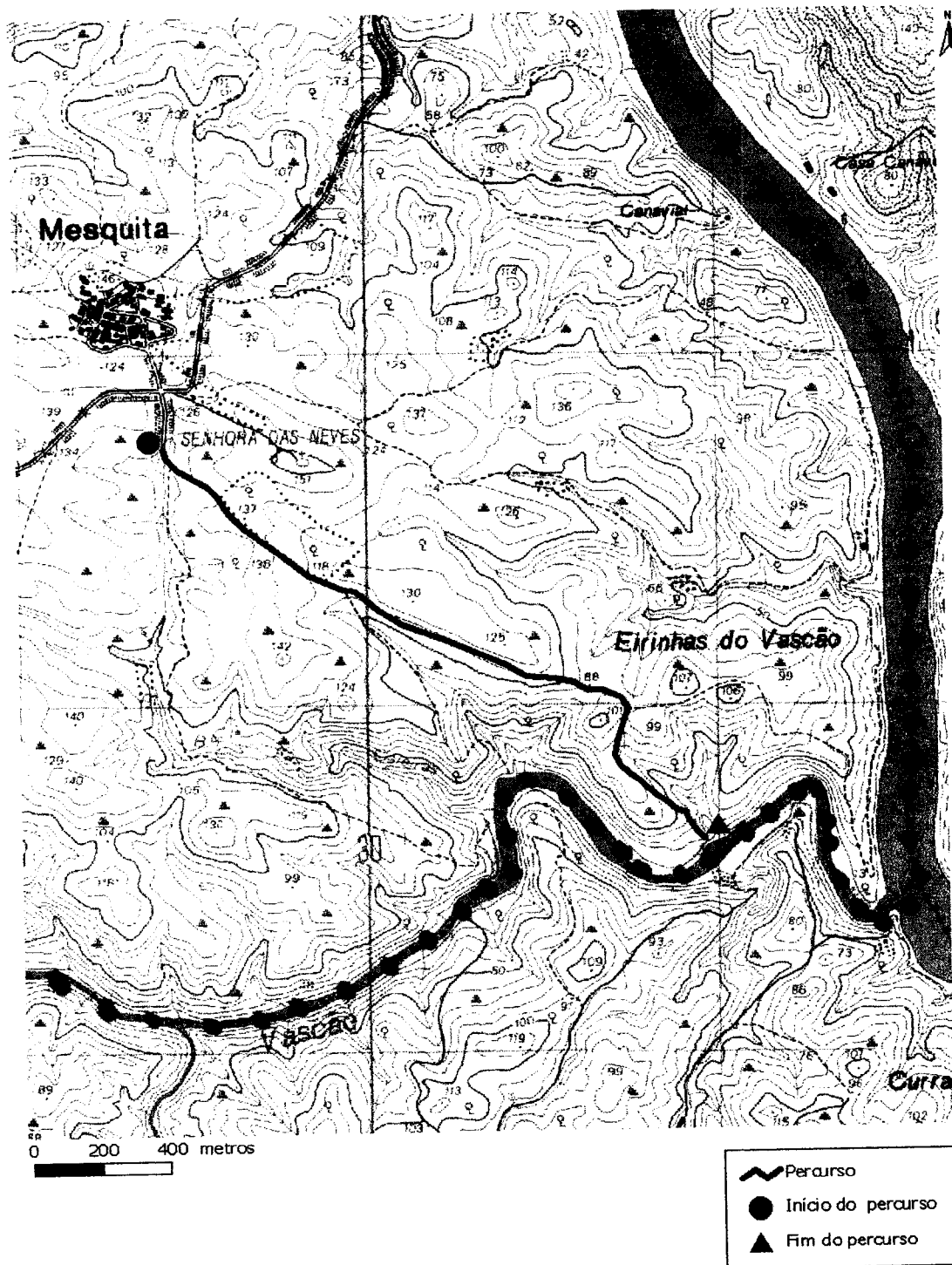
*Saxicola torquata*  
*Coturnix coturnix*  
*Tyto alba*  
*Sturnus vulgaris*  
*Phylloscopus collybita*  
*Milvus migrans*  
*Anas platyrhynchos*  
*Alectoris rufa*  
*Columba palumbus*  
*Streptopelia turtur*  
*Cercotrichas galactotes*  
*Turdus philomelos*  
*Sylvia melanocephala*

### Mamíferos

Coelho  
Geneta  
Javali  
Lebre  
Lontra  
Saca-rabos  
Texugo  
Veado

*Oryctolagus cuniculus*  
*Genetta genetta*  
*Sus scrofa*  
*Lepus europaeus*  
*Lutra lutra*  
*Herpestes ichneumon*  
*Meles meles*  
*Cervus elaphus*

## Ao ritmo das águas do Vascão



## PERCURSO 6

### **Nome: No topo da serra da Sr.<sup>a</sup> do Amparo**

**Resumo:** Uma pequena subida a um dos poucos pontos altos deste Parque, a serra da Sr.<sup>a</sup> do Amparo, e onde podemos percorrer quilómetros sem nos cansarmos, até onde a nossa vista alcançar.

### **Características do percurso:**

- localização: a partir de Mértola deve seguir em direcção a Serpa tomando a N265 e, perto de Moreanes, vire à esquerda na direcção de Corvos. Após 2 km, encontra do lado direito uma placa com a indicação de Qt<sup>a</sup> do Rebelo e Sr.<sup>a</sup> do Amparo, que corresponde ao início do percurso. Estacione o carro e continua o caminho a pé, seguindo pelo caminho da direita.
- locais de partida e chegada: base da serra da Sr.<sup>a</sup> do Amparo – subida – regresso ao local de partida
- extensão: 3 km (subir e descer)
- duração: cerca de 50 minutos (subir e descer)
- desnível: moderado
- piso: terra batida, por vezes com algum cascalho
- tipo de percurso: linear

### **Descrição do percurso:**

A contrastar com a planície que estamos acostumados a encontrar no Alentejo, existem nesta região alguns pontos elevados, nos quais se inclui a serra da Sr.<sup>a</sup> do Amparo. Não sendo a elevação mais imponente, posição ocupada pela serra da Alcaria Ruiva (com os seus 370 metros), a Sr.<sup>a</sup> do Amparo é contudo um elemento singular na paisagem da margem esquerda do Guadiana.

O nosso percurso é de curta extensão, mas a lentidão do passo pode ser justificada pela inclinação do terreno e pelos pormenores que vamos encontrar ao longo do caminho. As Estevas cobrem o solo desta elevação, à qual se juntam outros arbustos como o Sargaço, o Rosmaninho e, pontualmente, a Pereira-brava. O aroma libertado por este *bouquet* de flores campestres atrai vários seres alados, desde as inofensivas borboletas até às menos desejáveis abelhas. A apicultura é uma actividade em expansão nesta região, mas não há motivo para temer as dolorosas picadas dos seus intervenientes,

pois não iremos encontrar colmeias no nosso caminho.

Aos poucos, a estrada, as povoações e as árvores vão-se tornando mais pequenas, até que se estendem sob os nossos pés. É sinal que chegámos ao topo!

À nossa espera encontra-se a capela da Sr.<sup>a</sup> do Amparo, em que no seu interior aloja a Santa com o mesmo nome, e que, segundo a lenda, foi alvo de injúrias em tempos passados tendo um castigo recaído sob os filhos daqueles que um dia a maltrataram. Abrigados pela sombra da capela, os nossos olhares percorrem tranquilamente o horizonte. A atenção pode ser interrompida pelo pairar de um Peneireiro que, incansavelmente, bate as asas à espera da melhor oportunidade para capturar a presa detectada no meio da vegetação. A identificação não é tarefa fácil, embora só tenhamos duas possibilidades: o Peneireiro-das-torres ou o Peneireiro-vulgar ❶.

Este ponto alto constitui um miradouro privilegiado para a contemplação e interpretação da paisagem. Os povoados concentram-se em aglomerados de pequena dimensão, de onde se destaca Moreanes. A área envolvente correspondia, na sua generalidade, a zonas agrícolas, especialmente monoculturas de Aveia e Trigo ❷, conhecidas por searas mas cuja designação mais correcta é pseudo-estepe cerealífera ❸/❹. Face à ausência de árvores e arbustos, os animais que aí ocorrem tiveram que desenvolver uma série de adaptações por forma a conseguir sobreviver neste inóspito ambiente ❺. Com o abandono das práticas agrícolas muitos desses terrenos estão a ser ocupados por matos e por áreas florestadas, colocando em risco a sobrevivência das espécies que deles dependem ❻.

Se nos voltarmos para Norte, vemos uma plantação de pinheiros-mansos perto da base da serra, seguida de um pomar de Amendoeiras, provavelmente plantado como uma alternativa às culturas tradicionais comuns. Mais atrás, destacam-se dois afloramentos rochosos, os Guizos Pequeno e Grande, e à esquerda destes um pomar de Alfarrobeiras. Para Este, atrás de Moreanes, surge Santana de Cambas localizada perto da ribeira de Chança, e se desviarmos o olhar ligeiramente para Norte visualizamos a Mina de S. Domingos. A Sul, encontram-se áreas agrícolas, muitas delas abandonadas ❻, e pontualmente bolsas de montado. Perto da base da serra encontramos uma pequena lagoa, cujas águas são um autêntico oásis para os animais que aqui habitam. Por fim, a Oeste localiza-se a povoação dos Corvos, tendo por trás um relevo que se vai tornando mais acidentado à medida que se aproxima do Guadiana.

Depois desta rotação de quase 360° é tempo de regressar à base, mas sem esquecer o que aprendemos nas "alturas".

---

## **Caixa da interpretação**

### **● Descobertas a fazer**

Se o sol não ofuscar o nosso olhar, podemos tentar distinguir o Peneireiro-vulgar do Peneireiro-das-torres, mas a sua identificação só será possível se estivermos na presença de machos, pois nesta última espécie o macho apresenta o dorso alaranjado quase liso.

### **● Dizeres populares para divulgar**

*Uma senhora ia moldar o Trigo com o marido, mas como não gostava de trabalhar dizia assim:*

*Pita dá farinhita*

*Joio dá moio (era a medida do cereal e equivalia a 60 alqueires. Cada alqueire são 20l)*

*Seceirão dá pão*

*Azurra o burro*

*Ladra o cão*

*É meio dia de cabrão*

*Vamos embora marido*

*Que já mondámos o Trigo*

### **● Habitats a explorar**

Estepe cerealífera é um termo usado para designar o habitat resultante do cultivo extensivo de cereais, o qual surgiu à custa da destruição da vegetação inicial, nomeadamente matagal e bosque mediterrânico. A produção de cereais já vinha a ser apoiada desde 1899, por uma lei que protegia a cultura nacional do Trigo através do estabelecimento de restrições à sua importação; contudo, o auge da expansão deste tipo de cultura ocorreu com a implementação da "Campanha do Trigo", entre os anos 30 e 50 do séc. XX, que tinha como objectivo aumentar a produção deste cereal no país. Para isso, incentivou-se a população a estabelecer-se em zonas interiores, dando-lhes condições para a produção de Trigo.

Este tipo de agricultura consiste num sistema tradicional de rotação de culturas e está adequado ao tipo de solos e clima da região. Cada rotação demora entre 3 a 5 anos, ao



longo dos quais se plantam os cereais (searas<sup>9</sup>), em seguida deixa-se a terra a repousar (pousio), servindo de pasto ao gado e, no último ano, prepara-se a terra para a sementeira (alqueive). Depois o ciclo repete-se.

A alternância de culturas faz com que a paisagem se transforme num autêntico mosaico de cores, às quais correspondem os vários tipos de uso de solo. Deste modo, criou-se uma paisagem peculiar que favoreceu o aparecimento de condições ecológicas próprias e extremamente importantes. As estepes cerealíferas são, assim, um sistema construído pelo Homem, que se tornou no habitat prioritário para muitas espécies altamente especializadas e dependentes da sua manutenção.

#### ❹ **Curiosidades para desvendar**

O termo estepe deriva da palavra russa *stepi*, que significa ausência de árvores. Esta é uma característica das estepes naturais, que apenas existem na Europa Central e na Rússia, onde predominam as plantas herbáceas. Há cerca de 10 a 11 mil anos atrás também existiram estepes naturais em Portugal. Nessa altura as aves típicas das estepes, conhecidas como aves estepárias, estenderam a sua área de distribuição e chegaram ao nosso país. Depois destas estepes terem desaparecido, estas aves tiveram que se adaptar a outro habitat, tendo escolhido os campos de cereais (searas) pois assemelhavam-se às verdadeiras estepes. É por isso que estes campos são conhecidos como estepes cerealíferas. No entanto, não podemos esquecer que estas não são as verdadeiras estepes e, por isso, há quem prefira denominá-las por pseudo-estepes cerealíferas. Actualmente, estas aves dependem deste habitat para continuar a ocorrer no nosso país.

#### ❺ **Histórias para contar**

Num meio tão exposto como este, as presas tiveram que desenvolver diversas técnicas de fuga e dissimulação. Deste modo, possuem pelagens ou plumagens que se confundem com o pasto, permitindo assim enganar o predador; por outro lado, a capacidade de corrida também está bastante desenvolvida nalguns animais, em que o exemplo mais típico é a Lebre. Nas aves, verifica-se que as crias conseguem seguir os pais pouco tempo depois do nascimento, tornando-se menos vulneráveis à predação do que se permanecerem no ninho.

---

<sup>9</sup> As searas consistem em monoculturas anuais, em que no primeiro ano se cultiva Trigo, sendo geralmente substituídas por Cevada ou Aveia no segundo ano, e têm em comum o facto de não serem regadas (de sequeiro) e ocuparem grandes extensões de terreno.

Algumas destas curiosas características estão na base de inúmeras histórias, nas quais a Lebre é uma das principais personagens. Quem não se lembra da fábula entre ela e a Tartaruga, em que a Lebre perdeu a aposta por causa da exagerada confiança na sua capacidade de corrida! E o facto de, em algumas crenças, a Lebre ser considerada um animal tímido, que nunca fecha os olhos, mesmo quando dorme (provavelmente é uma forma de estar alerta aos predadores, diríamos nós agora!)

### ● **Informações a reter**

A estepe cerealífera é um habitat muito importante para algumas espécies raras e ameaçadas, especialmente as aves, das quais se destacam a Abetarda, o Sisão, o Cortiçol-de-barriga-preta e o Peneireiro-das-torres. Estas aves estão ameaçadas em Portugal e também em muitos dos países onde ocorrem, pois os problemas que conduziram a essa situação são comuns nos vários locais. Os principais factores que colocam em risco a sobrevivência destas espécies estão relacionados com a intensificação, industrialização e maximização da produção agrícola nas melhores terras, e também com o abandono dos campos menos apropriados para o cultivo agrícola. Por isso, é a acção do Homem que irá determinar o futuro dos sistemas extensivos tradicionais de cereal e, conseqüentemente, da sobrevivência das aves que deles dependem.

### ● **Pensamentos para meditar**

É interessante pensar que a estepe cerealífera é um habitat altamente intervencionado, que surgiu com o objectivo de satisfazer as necessidades primárias do homem, mas que acabou por satisfazer também as necessidades de várias espécies que aí ocorrem. Actualmente, estão-se a introduzir alterações neste habitat com o objectivo de aumentar a produção do sistema agrícola, mas cujos efeitos estão a colocar em perigo as espécies que aí vivem, e que acabarão por desaparecer se essas alterações permanecerem. Será que, em nome do aumento da produtividade, o Homem pode justificar o desaparecimento de espécies que dependem de um habitat que ele próprio criou?

-----

### **Caixa das informações**

#### - Recomendações

a) Período recomendado: todo o ano, mas preferencialmente em dias com boa

visibilidade;

b) O percurso realiza-se perto da zona de caça turística nº33.

- Sugestões

a) Festas e feiras: Nossa Senhora do Amparo (Corvos, Maio – sem data fixa); Festa Tradicional de Moreanes (Moreanes, 1º fim-de-semana de Agosto); Festa tradicional de Corvos (Corvos, 15 de Agosto); Feira do Mercado “O Pago” (Mina de S. Domingos, 4º dia de cada mês)

- Contactos locais

- Alojamento: Casa do Guizo, no Monte do Guizo (Tel.: 286 655 171); Pensão S. Domingos, em S. Domingos (Tel.: 286 647 187)

- Restauração: Café “O Romão” (Corvos, Tel.: 286 616 891); Café JB (Moreanes, 286 655 333); Café-Restaurante “Alentejo” (Moreanes, Tel.: 286 655 133); Café-Restaurante “A Paragem” (Corvos, Tel.: 286 616 140); Café “Central”, na Mina de S. Domingos (Tel.: 286 647 290)

-----  
**Caixas das espécies**

**Flora**

|                |                             |
|----------------|-----------------------------|
| Alfarrobeira   | <i>Ceratonia siliqua</i>    |
| Amendoeira     | <i>Prunus dulcis</i>        |
| Cevada         | <i>Hordeum vulgare</i>      |
| Esteva         | <i>Cistus ladanifer</i>     |
| Pereira-brava  | <i>Pyrus bourgaeana</i>     |
| Pinheiro-manso | <i>Pinus pinea</i>          |
| Rosmaninho     | <i>Lavandula stoechas</i>   |
| Sargaços       | <i>Cistus monspeliensis</i> |
| Trigo          | <i>Triticum aestivo</i>     |

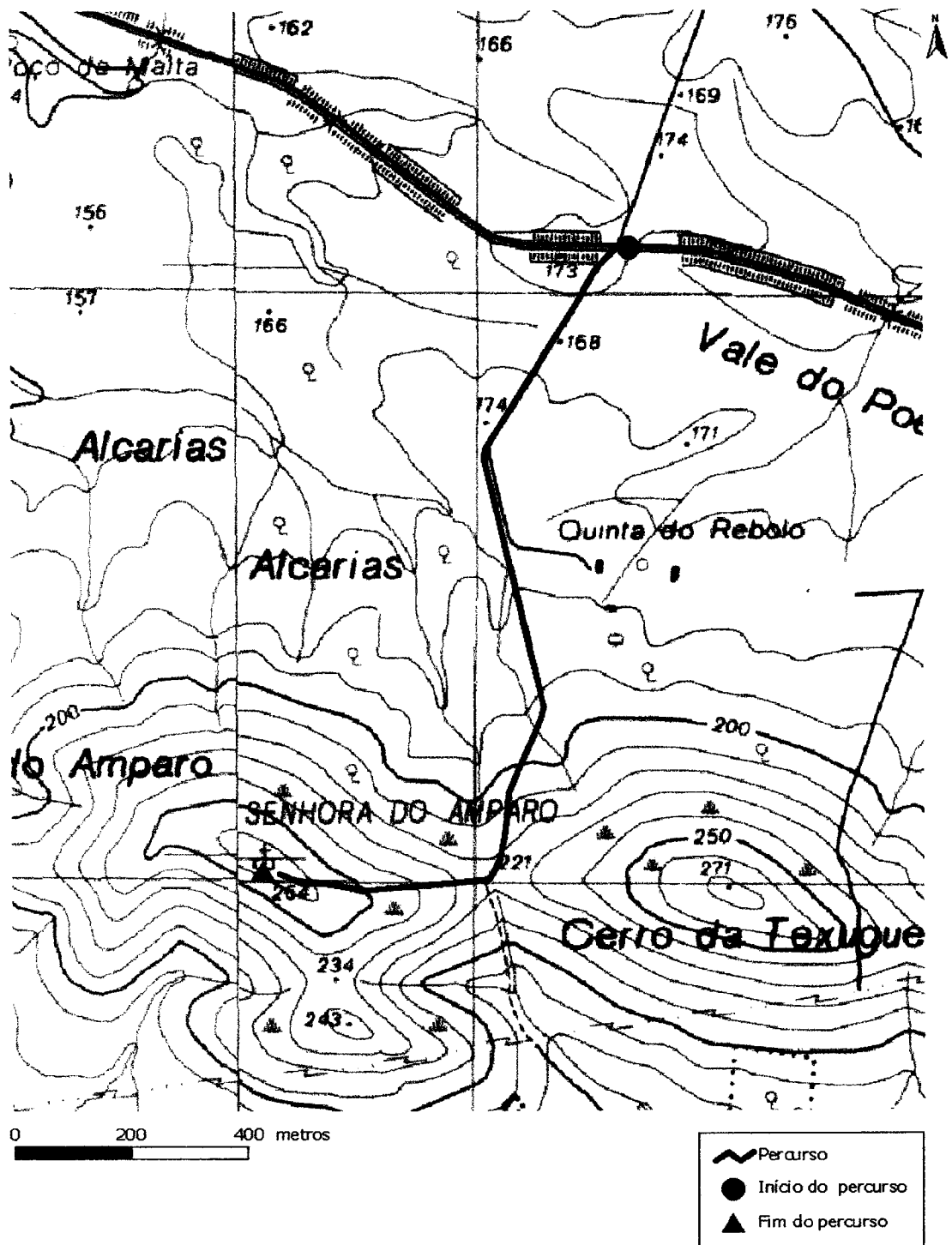
**Fauna**

|                           |                             |
|---------------------------|-----------------------------|
| <b>Aves</b>               |                             |
| Abertarda                 | <i>Otis tarda</i>           |
| Cortiçol-de-barriga-preta | <i>Pterocles orientalis</i> |
| Peneireiro-das-torres     | <i>Falco naumanni</i>       |
| Peneireiro-vulgar         | <i>Falco tinnunculus</i>    |
| Sisão                     | <i>Tetrax tetrax</i>        |

**Mamíferos**

|       |                        |
|-------|------------------------|
| Lebre | <i>Lepus europaeus</i> |
|-------|------------------------|

# No topo da Serra da Sra. do Amparo



## PERCURSO 7

### **Nome: Um percurso ribeirinho**

**Resumo:** um pequeno passeio ao longo da ribeira de Oeiras à descoberta das flores campestres, tendo como companhia as aves e o barulho das águas que sulcam o seu caminho em direcção ao rio Guadiana.

### **Características do percurso:**

- localização: a partir de Mértola seguir pelas N122 em direcção a Vila Real de Santo António. Na primeira bifurcação seguir pela N267 na direcção de Almodôvar. Entre na povoação dos Namorados e continue pela estrada da direita. Passe junto a Moreanes e, logo a seguir, encontra a Água Santa. Pode estacionar a seguir à ponte, perto do café. Fica distante de Mértola cerca de 8,5 km
- locais de partida e chegada: Água Santa da Morena (café) – Cerro Alto – Água Santa da Morena
- extensão: 4 km (ida e volta)
- duração: 1h10 (ida e volta)
- desnível: plano
- piso: terra batida e alguns troços com pedras
- tipo de percurso: linear

### **Descrição do percurso:**

Antes de iniciarmos o percursos podemos passar algum tempo a interpretar a paisagem que nos rodeia e a descobrir, por exemplo, o polvorinho<sup>10</sup> - testemunho da época em que neste local se exploravam as minas a céu aberto à procura de minério, nomeadamente sulfato de bário e manganês. As mesas e os bancos colocados perto da ponte são já de tempos mais recentes, e servem para receber todos aqueles que procuram este local em busca de sossego, que pode ser complementado com alguns banhos nesta ribeira de águas limpas – a Ribeira de Oeiras ①. Por esta altura é provável que já se tenha apercebido do cheiro que paira no ar. Se ainda tiver dúvidas sobre a sua origem, peça um copo de água e o seu sabor confirmará que estamos na presença de águas sulfurosas, cujas propriedades deram o nome a este lugar: Água Santa da Morena ②.

---

<sup>10</sup> Casinha isolada no alto do cerro e que servia para se guardar a pólvora usada para fazer explodir a rocha.

Se quiser começar a andar siga a estrada de alcatrão na direcção oposta à que veio e observe o açude construído a alguns metros a jusante da ponte, e que funciona como represador e regulador do caudal desta ribeira no Verão evitando a secagem deste pego. Cria-se assim um espelho de água que permite manter a tradição deste local para os banhistas, funcionando também como bebedouro para muitos animais.

Continuando o caminho, e logo a seguir à curva, encontramos uma estrada de terra batida à direita e é por aí que prosseguimos.

A calma deste lugar torna-se ainda mais envolvente à medida que nos afastamos da estrada asfaltada. Aos poucos começam a surgir os primeiros Zambujeiros e, se fizermos o passeio entre Maio e Setembro, veremos os Abelharucos a voarem agilmente sobre as nossas cabeças, com as suas cores de arco-íris. A presença de vegetação ribeirinha, onde os Loendros e os Juncos são apenas algumas das espécies presentes, não deixam dúvidas que estamos perto de um curso de água. Aqui ocorre uma fauna variada cuja observação depende da época do ano, da hora do dia e da sorte do visitante. Escondido nesta vegetação encontra-se o Guarda-rios, cujas cores metálicas podem facilitar a sua detecção. O Rouxinol-bravo também utiliza estas zonas e o seu canto sonoro será um bom aliado para o identificarmos. Mas também outras aves, não típicas deste habitat, podem ser aqui encontradas, como os Pardais-comuns, os Estorninhos e os Chapins-rabilongos.

Nas águas desta ribeira nadam vários peixes, como a Boga do Guadiana, os Barbos e o Achigã, e mesmo a Lontra 🐾 faz desta Ribeira a sua casa. De noite e ao fim do dia a ribeira recebe ainda a visita de outras espécies que vêm aqui beber e comer, como o Javali.

Concentrando a nossa tenção no caminho iremos encontrar uma bifurcação, mas ignoramos a estrada do lado esquerdo para continuarmos a andar ao longo da ribeira. Mais à frente, o percurso torna-se mais pedregoso, sinal que indica a aproximação ao chamado Porto das Hortas, local onde é possível atravessar para a outra margem 📍, nos meses mais secos.

A partir daqui cada um escolhe o seu caminho, mas sempre com cuidado para não pisar desnecessariamente a vegetação. Com a ajuda de um guia de campo, ou de algum companheiro mais conhecedor, podemos tentar descobrir as inúmeras espécies de flora que nos rodeiam: Erva de São Roberto, Margaça, Marroio, Soagem, Gaimão, Silva, entre muitas outras. Se esta sugestão for difícil de concretizar, e não tiver pressa para terminar o percurso, participe num pequeno jogo que de certeza irá gostar 🎮.

Quando estiver cansado de olhar para baixo, erga o olhar para cima pois talvez esteja no local certo para ver a Ermida de S. Barão, que se eleva na serra com o mesmo nome. Considerado o mais importante Santuário de Mértola, agora abandonado, era o local onde gentes de diferentes paragens celebravam e honravam S. Barão, o santo que detinha a capacidade de operar os mais díspares milagres.

Depois de passar ao pé do portão da zona de caça, faltará muito pouco para terminar o percurso. Aproveite então para se sentar um pouco e saborear a tranquilidade deste lugar ⑥. Quando voltar, e se o calor apertar, compense este pequeno esforço com um banho perto do local da partida, seguido de um merecido petisco. Se quiser pode ainda aproveitar a época termal, de Junho a Setembro, para curar alguns dos seus males com os poderes destas águas ⑦, mas siga a crença local e faça-o por altura do S. João ⑧.

-----

## **Caixa da interpretação**

### **① Habitats para explorar**

Com origem numa nascente da Serra do Caldeirão, distante cerca de 42 kms deste local, as águas da Ribeira de Oeiras só terminam a sua viagem daqui a 13 kms, quando desaguarem no Rio Guadiana, junto à vila de Mértola. Se no Inverno o seu caudal facilmente percorre este trajecto, o panorama altera-se na época estival, quando a Ribeira fica reduzida a pequenos pegos dispersos que persistem em esperar pela chegada das chuvas. Os peixes que circulam livremente nestas águas na altura do Inverno ficam retidos nesses pegos durante o Verão, que se tornam assim nos últimos redutos de água doce capazes de assegurar a sua sobrevivência. Esta concentração piscícola atrai até este local vários predadores, que nesta altura têm a vida facilitada...

### **② Histórias para contar**

A Água Santa da Morena deve o seu nome à existência de uma nascente de água com propriedades terapêuticas e à proximidade com a povoação da Morena.

Já vem de longe a procura deste local como estância termal. Quando as Minas de S. Domingos ainda laboravam, os seus trabalhadores deslocavam-se para aqui no Verão afim de gozar o período de férias. Chegavam de carroça e instalavam-se em abrigos improvisados com a vegetação das redondezas. Aí colocavam os haveres e mantimentos que os iriam manter durante a temporada das férias. Mais tarde, já nos anos 50 do século XX, os donos deste local registaram a exploração das águas e, aos poucos, melhoraram as condições do alojamento para, de forma modesta, receber os visitantes

que aqui chegam em busca de tratamento, convívio e lazer.

#### ④ **Informações para reter**

Portugal é um dos principais refúgios da Lontra, uma espécie ameaçada na Europa devido sobretudo à crescente poluição do meio aquático e à construção de barragens. Os rios são um dos principais habitats deste animal, que encontra aí alimento e abrigo. De hábitos discretos e nocturnos, a sua presença é essencialmente detectada pelas pegadas e pelos dejectos, depositados por exemplo em pedras junto da água. Quando frescos estes excrementos possuem um característico odor a peixe, não deixando dúvidas sobre o alimento favorito da Lontra! Uma das técnicas utilizadas para capturar estes petiscos é nadar por baixo deles, no ângulo morto da visão do peixe, para assim obter bons resultados. Para este sucesso muito contribuem as suas características morfológicas, que reflectem a sua adaptação ao meio aquático: cauda que actua como leme, orelhas e narinas com sistema de oclusão que evita a entrada de água quando mergulha, patas com membranas interdigitais, etc. Para além disso, tira também partido das margens dos cursos de água ao construir aí as suas tocas, aproveitando por vezes os refúgios abandonados por outros animais, como o Texugo. E é nesta harmonia que a Lontra vai vivendo nas nossas águas, que constituem um dos últimos santuários europeus para esta espécie tão emblemática.

#### ⑤ **Descobertas para fazer**

Sabe em que margem da ribeira se encontra? Encontre a resposta observando a direcção em que as águas correm!

#### ⑥ **Descobertas para fazer**

Divirta-se a encontrar plantas que tenham as folhas com as seguintes características:

- a) folhas serradas (desenho)
- b) folha lanceoladas (em forma de lança)
- c) folhas opostas (estão colocadas frente a frente, em relação ao caule) (desenho)
- d) folhas oblongas (desenho)
- e) folhas com pêlos
- f) folhas recortadas

A única regra deste jogo é não colher nenhuma planta!

#### ⑦ **Pensamento para meditar**

Quanto "vale" um momento de descanso, num lugar como este?



### 7 **Curiosidades para desvendar**

Estas águas são recomendadas para tratamento de problemas ósseos e musculares (em banhos), para o sistema digestivo (por ingestão) e para o sistema respiratório (por inalação).

### 8 **Dizeres populares para divulgar**

É na noite de S. João (santo Baptista de Cristo) que os banhos são mais eficazes e purificadores, pois este santo é associado às purificações pela água.

---

### Caixa das informações

#### - Recomendações

- Período recomendado: todo o ano;
- O percurso realiza-se perto da zona de caça turística nº33.

---

### Caixas das espécies

#### Flora

|                     |                                     |
|---------------------|-------------------------------------|
| Erva de São Roberto | <i>Geranium robertianum</i>         |
| Gaimão              | <i>Asphodelus ramosus</i>           |
| Junco               | <i>Juncus sp.</i>                   |
| Loendro             | <i>Nerium oleander</i>              |
| Margaça             | <i>Chamaemelum sp.</i>              |
| Marroio             | <i>Marrubium vulgare</i>            |
| Silva               | <i>Rubus ulmifolius</i>             |
| Soagem              | <i>Echium sp</i>                    |
| Zambujeiro          | <i>Olea europea var. sylvestris</i> |

#### Fauna

|                  |                                       |
|------------------|---------------------------------------|
| <i>Peixes</i>    |                                       |
| Achigã           | <i>Micropterus salmoides</i>          |
| Barbo            | <i>Barbus sp.</i>                     |
| Boga-do-Guadiana | <i>Chondrostoma willkommii</i>        |
| <i>Aves</i>      |                                       |
| Abelharuco       | <i>Merops apiaster</i>                |
| Chapim-rabilongo | <i>Aegithalos caudatus</i>            |
| Estorninhos      | <i>Sturnus vulgaris e S. unicolor</i> |
| Guarda-rios      | <i>Alcedo atthis</i>                  |
| Pardal-comum     | <i>Passer domesticus</i>              |
| Rouxinol-bravo   | <i>Cettia cetti</i>                   |

*Mamíferos*

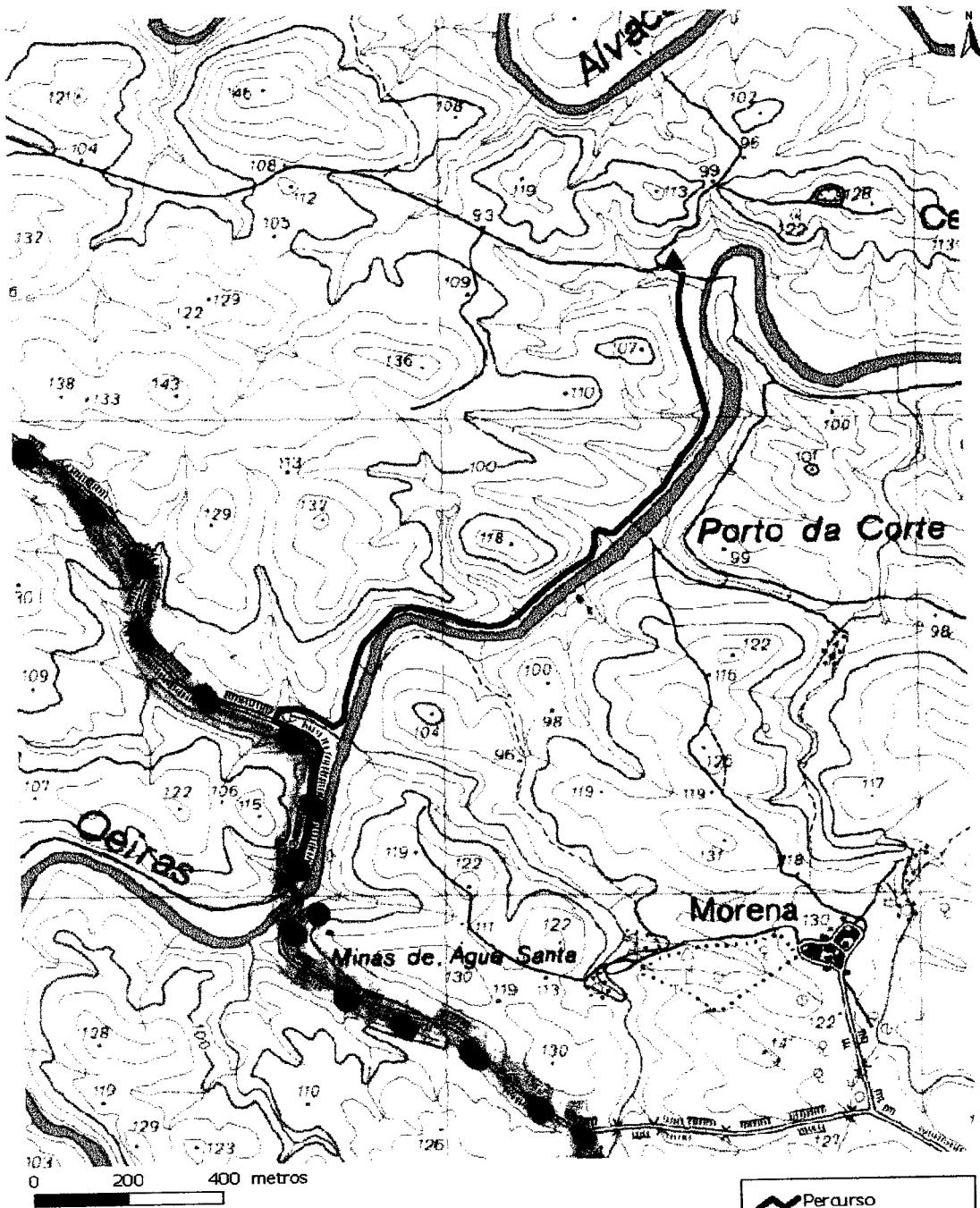
Javali

Lontra

*Sus scrofa*

*Lutra lutra*

## Um percurso ribeirinho



- Percurso
- Início do percurso
- Fim do percurso

## PERCURSO 8

### **Nome: Na rota do minério**

**Resumo:** Ao longo do antigo caminho de ferro que ligava a Mina de São Domingos à aldeia do Pomarão, iremos recriar o trajecto utilizado para o transporte do minério que, durante mais de um século, foi explorado neste subsolo ❶. Toda a paisagem envolvente está fortemente associada à actividade mineira que deixou para trás marcas que teimam em perdurar.

### **Características do percurso:**

- localização: Mina de São Domingos, situada na margem direita do Guadiana e distante 17 kms de Mértola
- locais de partida e chegada: Mina de S. Domingos (antigo caminho de ferro) – Santana de Cambas – Mina de S. Domingos
- extensão: 13 kms (ida e volta)
- duração: 4 horas (ida e volta)
- desnível: suave
- piso: terra batida
- tipo de percurso: linear

### **Descrição do percurso:**

O nosso percurso inicia-se em São Domingos, aldeia que cresceu no advento da industrialização, impulsionada pelos trabalhos mineiros renascidos no fim do século XIX. De carácter rural, esta aldeia transformou-se num polo de extracção de minério ❷, onde tudo foi construído de raiz para suportar esta actividade. A mobilização de inúmeros operários implicou a construção de habitações nas proximidades deste local, muitas das quais ainda persistem. A contrastar com a simplicidade dessas casa, tem-se a zona das moradias dos administradores e do antigo palácio dos Ingleses ❸, utilizado por um dos directores da empresa. O seu acesso estava impedido aos operários, à excepção dos Domingos, em que podiam assistir à actuação da banda musical que tocava no coreto. A exploração deste sítio leva-nos a descobrir impressionantes pormenores, mas o nosso entusiasmo tem que ser refreado pois começa a fazer-se tarde e temos que prosseguir o caminho.

Ao olharmos em redor, e depositando a nossa atenção na vegetação, apercebemo-nos rapidamente da monotonia da paisagem, resultante da grande mancha de Eucaliptos

que rodeia este local. A plantação deste vasto eucaliptal ④ tinha como objectivo fornecer madeira para alimentar os fornos da fundição de minério, e também limitar a acção dos gases, fumos e poeiras libertadas no decorrer dos trabalhos.

Continuando o percurso na companhia destas árvores, conhecidas como *blue gum* na sua terra de origem, caminhamos silenciosamente como que a tentar escutar as histórias que este lugar tem para contar. A vontade de parar pode ser muita, mas a precaução leva-nos a prosseguir, pois de outro modo seremos surpreendidos pelos raios de sol mais intensos que anunciam a chegada das horas de maior calor.

Não passará despercebida a aproximação à Achada do Gamo, local onde foi construído um edifício para as máquinas de moagem do minério, actualmente transformado num cenário surpreendentemente intrigante, podendo mesmo ser classificado de "lunar". As sombras das árvores escasseiam ⑤, mas os edifícios abandonados revelam-se apropriados para um breve momento de reflexão acerca da paisagem envolvente.

Por curiosidade, refira-se que este é um dos poucos lugares do país onde podemos observar Andorinhões-cafre com regularidade. Para além disso, é comum verem-se Peneireiros, Andorinhas-daúricas e Gralhas-de-nuca-cinzenta, cujos sons estridentes contrastam com o silêncio do local.

Surpreendente é o facto da proximidade do eucaliptal a áreas de montado proporcionar condições para a ocorrência de Veados. Estes animais costumam movimentar-se entre estas duas áreas, encontrando refúgios tranquilos nos eucaliptais e uma alimentação variada, constituída por bolotas, ervas diversas, frutos e rebentos de árvores e arbustos, nos montados. Se quisermos arranjar um bom motivo para parar, podemos sugerir permanecer quietos uns instantes, para tentar escutar a brama dos machos na altura do acasalamento (mas esta desculpa só funciona entre os finais de Agosto e finais de Setembro).

Apesar da possibilidade da sua detecção ser muito aliciante o percurso tem que prosseguir e depressa voltamos a estar envolvidos pela paisagem circundante. As lagoas, com as suas águas silenciosas e multicolores, deixam adivinhar os perigos que escondem, resultantes do processo de separação e preparação do minério ⑥. Contudo, algumas foram poupadas a este destino, e a Tapada Grande é o melhor exemplo, com as suas águas puras destinadas para fins meramente recreativos.

Indiferente a este cenário de abandono e aos problemas circundantes, ocorre nesta zona uma espécie que, admiravelmente, consegue sobreviver e tirar proveito deste tipo de meio, a *Erica andevalensis* (não há nome comum em português). Descoberta pela primeira vez em 1980, na região de Andaluzia, esta planta ocorre apenas aqui e nas minas do Rio Tinto, tornando-a um endemismo ibérico. Consegue suportar valores de PH muito ácidos, e o seu notável mecanismo de tolerância faz dela um modelo para estudos sobre a recuperação da vegetação em zonas degradadas.

Depois desta novidade inesperada, começamos a vislumbrar no horizonte as primeiras casas de Santana de Cambas, e com elas aproxima-se o final do percurso. Deixamos assim para trás os primeiros quilómetros percorridos pelo minério, numa viagem que terminava a cerca de 10 kms a sul deste local, na aldeia do Pomarão. E com um pensamento 🕒 na memória é tempo de procurar um lugar abrigado para descansar!

---

### **Caixa da interpretação**

#### **🕒 Dizeres populares para divulgar**

Ó Alentejo tu tens  
Desde o pão até ao sol  
No exterior a verdura  
E no interior mineral

#### **🕒 Histórias para contar**

Esta zona está inserida na chamada Faixa Piritosa<sup>11</sup> Ibérica, que se estende ao longo de 250 kms, desde Grândola até Sevilha, e contém grandes concentrações de metais como o ferro, o cobre e o enxofre. Foi esta riqueza de metais que levou à instalação de vários complexos mineiros nesta faixa, onde a Mina de São Domingos é um desses casos.

O interesse por este local remonta à Época Antiga, durante a qual os romanos exploraram esta mina durante 4 séculos, aproximadamente. Enganados pelo brilho amarelo da pirite, procuravam basicamente ouro e prata, mas a presença destes metais nobres era muito diminuta, tendo a pirite ficado conhecida como o "ouro dos tolos".

---

<sup>11</sup> A pirite é uma rocha formada por ferro e enxofre, à qual podem estar associados outros metais, como o cobre, chumbo, zinco, ouro, prata e também arsénio.

No século XIX, mais precisamente em 1853/4, foram redescobertos os filões de cobre, e a concessão feita à Sociedade espanhola "La Sabina" passou para as mãos da empresa britânica Mason and Barry. Então, a partir de 1857/8, as minas ganharam nova vida e São Domingos tornou-se no maior e mais importante complexo industrial mineiro do seu tempo, em Portugal. A "reanimação" desta exploração transformou esta pacata e recôndita povoação alentejana num importante polo industrial, que chegou a empregar mais de 2.000 mineiros.

A exploração do cobre começou por ser feita a céu aberto, para depois dar lugar às escavações das galerias. Este metal era posteriormente exportado, indo abastecer vários locais e mercados de destino. Para se otimizar todo este circuito, a empresa montou uma das primeiras linhas ferroviárias do país, numa extensão de 17 Km, que ligava a Mina de S. Domingos a um ponto onde o rio fosse navegável, o Pomarão. Daqui o minério era transportado até Vila Real de Santo António, tendo-se para o efeito procedido ao melhoramento das condições de navegabilidade deste troço do rio. Já no alto mar, o minério era colocado em navios de maior tonelagem que faziam o percurso para o destino de exportação. A título de curiosidade refira-se que Londres recebeu mais de 80% do minério aqui explorado.

A mina deixou de laborar em 1967 e o seu encerramento implicou novamente uma mudança na vida desta povoação. Assistiu-se ao êxodo da população para as grandes cidades, e aqueles que ficaram depositaram novamente esperança no sector primário.

Os testemunhos da mina têm vindo a desaparecer, fruto de saques e da degradação rápida, e da memória desses tempos restam apenas edifícios e instalações deteriorados. Os filões de cobre podem-se ter esgotado, mas o interesse por este lugar não acabou! Cada vez mais turistas são atraídos para aqui, pela singularidade destas ruínas e pela história que encerram e, actualmente, está-se a assistir a um "novo renascer" destas minas.

### ● **Curiosidades para desvendar**

O antigo Cemitério dos Ingleses destinava-se a sepultar a população inglesa que aqui habitava. Os sepultamentos eram feitos com terra que vinha directamente de Inglaterra para que, segundo a crença, os corpos pudessem ser enterrados em solo inglês.

### ● **Habitats a explorar**

O Eucalipto é uma espécie australiana que foi introduzido em Portugal, em 1829, sobretudo pela qualidade da sua madeira, apropriada para a produção de pasta

celulósica, e pelas elevadas produtividades resultantes do seu rápido crescimento. Aliado a estas características, tem-se ainda o facto de ser uma árvore que se desenvolve em locais bastante desfavoráveis.

Sendo uma forma de uso do solo com fins produtivos, não se destina a preservar os valores naturais do espaço envolvente, pelo que, inevitavelmente, tem impactos sobre o mesmo que serão mais ou menos gravosos consoante as condições do meio e a intensidade da exploração. Estes impactos começam logo com a preparação da terra, em que toda a vegetação pré-existente é removida para evitar a competição com as plântulas de Eucalipto nas primeiras fases de crescimento. Deste modo, está-se a "simplificar" o ecossistema, ou seja, diminui-se o número de espécies de fauna e de flora que dele fazem parte, bem como o número de interacções que se estabelecem entre elas.

Quando é plantado em zonas com baixa precipitação, o Eucalipto desenvolve um vasto sistema radicular superficial que absorve em grande parte a água de infiltração, reduzindo a sua disponibilidade subterrânea. Isto vai limitar o crescimento da vegetação herbácea e arbustiva, fazendo com que o solo fique mais exposto à erosão. Por sua vez, a pouca diversidade florística que consegue nascer à sua volta impede o aparecimento de um elevado número de espécies da fauna, empobrecendo este meio.

### ● **Descobertas a fazer**

- Por certo já reparou que não consegue encontrar boas sombras no eucaliptal! Porque será? Durante o dia, as páginas das folhas dos Eucaliptos dispõem-se paralelamente aos raios solares incidentes, o que faz com as árvores projectem pouca sombra.

### ● **Informações a reter**

A mina encerra graves problemas a nível ambiental, tanto no interior desta unidade como numa área mais vasta. Os antigos locais de extracção do minério e os materiais depositados à superfície constituem áreas de libertação de metais pesados, representando importantes fontes de poluição. O maior problema coloca-se nas áreas onde a pirite está exposta ao ambiente, dado que, em contacto com o oxigénio e com a água, a pirite sofre um processo químico (drenagem ácida), em que liberta metais pesados.

Pela acção da chuva, estes metais acabam por atingir os aquíferos, sendo também arrastados pelos antigos canais até à Ribeira do Mosteirão, um dos afluentes da Ribeira do Chança que, por sua vez, tem ligação ao Rio Guadiana. Estas água matam qualquer



forma de vida que encontrem à sua frente, e são também uma ameaça para a saúde pública.

### ● **Pensamentos para meditar**

Tendo em conta os problemas que este local encerra, e a dificuldade em encontrar soluções para os mesmos, será que as minas devem atrair ou afastar os visitantes?

-----

### **Caixa das informações**

#### - Recomendações

a) Período recomendado: De meados de Setembro a meados de Maio. São de evitar os dias de Verão e os mais quentes da Primavera.

#### - Sugestões

a) O percurso pode terminar em Santana de Cambas, reduzindo-se a extensão do mesmo para metade, mas para isso é aconselhável arranjar transporte;

b) Não perca a oportunidade de visitar a aldeia do Pomarão. Se optar por continuar o percurso a pé, leve alguém que conheça o caminho pois há troços que estão obstruídos. Equipe-se devidamente pois tem pela frente cerca de 10 kms;

b) Festas e feiras: Feira do mercado "O Pago" (Mina de S. Domingos, 4º dia de cada mês); Festa tradicional de Santana (Santana de Cambas, último fim-de-semana de Julho); Festa tradicional de S. Domingos (Mina de S. Domingos, 15 de Agosto); Festa tradicional de Salgueiros (Salgueiros, 15 de Agosto).

#### - Contactos locais

- Alojamento: Casa do Guizo, no Monte do Guizo (Tel.: 286 655 171); Pensão S. Domingos, em S. Domingos (Tel.: 286 647 187)

- Restauração: Café "Central", na Mina de S. Domingos (Tel.: 286 647 290); Sociedade Recreativa do Pomarão, no Pomarão (Tel.: 286 655 276)

-----

### **Caixas das espécies**

#### **Flora**

-  
Eucalipto

*Erica andevalensis*  
*Eucalyptus globulus*

## Fauna

### Aves

Andorinha-dáurica

*Hirundo daurica*

Andorinhão-cafre

*Apus caffer*

Gralha-de-nuca-cinzenta

*Corvus monedula*

Peneireiros

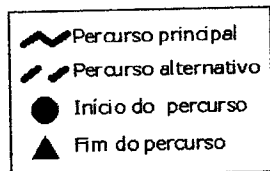
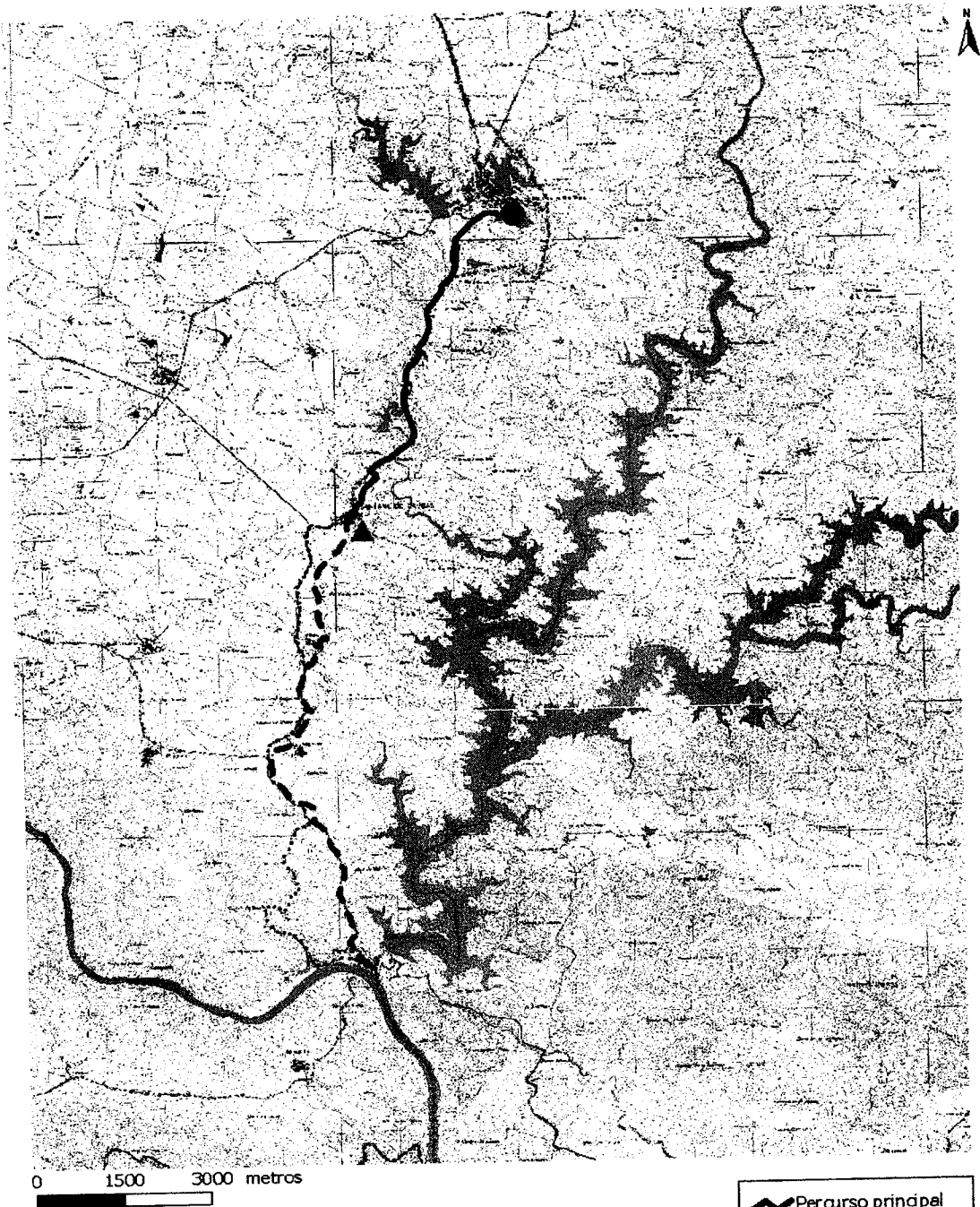
*Falco naumanni* e *Falco tinnunculus*

### Mamíferos

Veado

*Cervus elaphus*

## Na rota do minério



#### **4.5. Discussão**

Os textos dos percursos foram concebidos por forma a proporcionar um enquadramento geral dos valores presentes nesta Área Protegida. Considera-se que a abordagem em sub-temas confere uma dinâmica à leitura, e permite ainda ajustar-se às motivações dos seus utilizadores. Não se espera que no final de cada percurso o visitante consiga apreender toda a informação disponível, mas cremos que através desta divisão por sub-temas ele irá reter as partes que mais lhe interessaram.

O facto dos textos focarem essencialmente a componente biológica pode ser uma limitação, tanto mais que se defende que a interpretação ambiental não se resume a isso. Contudo, também se considera que actualmente existe uma escassez de informação disponível aos visitantes sobre esta temática, comparativamente a outras, como por exemplo os aspectos culturais.

A utilização destes textos por parte de guias ou dos visitantes apresenta vantagens, mas também se assinalam algumas limitações. Assim, se os mesmos forem utilizados pelos guias, considera-se que serão uma boa ferramenta de trabalho pois facilitam a preparação da actividade, tendo ainda a vantagem da mensagem ser adaptada aos vários tipos de público. No entanto, a sua eficácia depende das capacidades técnicas dos guias. Se os textos forem disponibilizados directamente aos visitantes apresenta a vantagem de chegarem a um maior número de pessoas. Por outro lado, esta situação tem como principais desvantagens o facto da mensagem ser divulgada da mesma forma sem adequação ao tipo de público e respectivos interesses, não sendo também possível o esclarecimento de dúvidas.

Infelizmente, a interpretação é muitas vezes subestimada e considerada apenas uma ponta da actividade turística, em vez de ser parte integrante da mesma. Nenhum recurso natural pode ser gerido eficazmente sem o apoio dos seus utilizadores e isto dificilmente acontecerá se os mesmos não compreenderem o seu valor. Em Portugal essa situação é tanto mais real, quando há necessidade de se explicar os propósitos da própria conservação às populações locais que, muitas vezes, vêem-na como um obstáculo ao desenvolvimento. Um forte apoio do público para com os objectivos das APs é, assim, um dos principais requisitos para a sua gestão, pois é daqui que virá a vontade política, o apoio financeiro e, em última análise, os funcionários necessários para a concretização dos seus objectivos. Por esta razão, é essencial que as APs se

envolvam seriamente na mudança de atitudes dos seus visitantes, e reconheçam a interpretação ambiental como um forte contributo para essa mudança.

No entanto, seria ingénuo considerar a interpretação ambiental como sendo isenta de defeitos. A interpretação tem um papel em satisfazer as expectativas do visitante e uma má interpretação pode resultar numa experiência frustrada que conduzirá à diminuição do interesse pela AP. Por isso, é necessário que qualquer programa de interpretação ambiental seja planeado de acordo com os objectivos que se pretendem atingir e adequado a cada tipo de público, sendo fundamental a sua monitorização e avaliação periódicas (Weiring *et al.*, 2000).

## **5. GESTÃO DOS PERCURSOS PEDESTRES**

A implementação dos percursos pedestres propostos não deve ser vista como uma actividade isolada, mas antes integrada num contexto mais amplo, materializado no Enquadramento Estratégico de Turismo de Natureza definido para o PNVG. Esse Enquadramento assenta numa série de linhas orientadoras relativamente aos princípios e às actividades propostos para o Parque, mas não aborda a sua operacionalização. O Programa de Execução e Plano de financiamento do POPNVG (Biodesign *et al.*<sup>4</sup>, 2001) aborda de forma sumária este aspecto, apresentando as tipologias de acções, os períodos de execução, os financiamentos e os agentes envolvidos, sendo outros aspectos deixados para o futuro Plano Operacional de Gestão.

Assim, e como forma de contribuir para a operacionalização da referida estratégia, concretamente ao nível da implementação dos percursos pedestres, focam-se seguidamente alguns tópicos considerados relevantes.

### **5.1. Infra-estruturas**

Durante a elaboração do diagnóstico dos percursos classificaram-se as infra-estruturas existentes ao longo dos mesmos, agrupando-as ao nível de infra-estruturas de acolhimento e restauração, de protecção, de animação e de apoio. Após a análise desses resultados, constata-se que relativamente à restauração, os percursos pior servidos são os de Corte Pequena, Mesquita, Corte Gafo de Baixo e Água Santa da Morena. O interesse em dinamizar este tipo de infra-estruturas nesses locais vai depender da sua procura pelos visitantes, pelo que nesta altura não é possível avançar-se com nenhuma proposta concreta.

Quanto à questão da segurança, nenhum dos percursos propostos oferece grandes riscos. Contudo há que minimizar os eventuais problemas que possam ocorrer, pelo que se aconselha a colocação de barreiras de protecção no percurso da Mina, em redor das lagoas ou, pelo menos, nas proximidades do caminho. Para além disso, a descida aos canais, do lado de Corte Gafo de Baixo, poderá ser um problema, sugerindo-se o melhoramento do seu acesso.

Nas infra-estruturas de animação foram incluídas aquelas que, de alguma forma, estão relacionadas com a prática desta actividade, nomeadamente os observatórios, a

sinalização, os painéis interpretativos, etc. Assim, por um lado temos as que são apenas aconselháveis do ponto de vista da valorização para os percursos, como um observatório de aves na Tapada Grande e um painel interpretativo da paisagem na Serra da Sr.<sup>a</sup> do Amparo; por outro lado, há as estruturas recomendáveis e das quais a sinalização é um ponto fulcral. Defende-se que a sinalização a adoptar seja simples e desenhada de forma enquadrar-se no ambiente envolvente. Sugere-se que no início de cada percurso se coloque um painel contendo o mapa do percurso e as principais características do mesmo, a sua numeração e um pequeno texto sobre o Parque. No final de cada percurso pode ser colocado um outro painel, mais pequeno que o primeiro, referindo o final do percurso e um pequeno texto a agradecer a participação dos visitantes. A meio, devem-se colocar sinais de indicação de caminho apenas quando houver dúvidas no trajecto. Convém ter atenção que quanto maior o número de sinalética, maior a probabilidade das mesmas serem vandalizadas.

Os percursos foram desenhados para actividades de animação e de interpretação ambiental, no entanto, considera-se que os mesmos podem também ter interesse para a prática de pedestrianismo (desporto de natureza). A Federação Portuguesa de Campismo (FPC), na qualidade de entidade responsável pela implementação deste desporto, incentiva à sinalização dos percursos de acordo com as marcas e códigos internacionalmente conhecidos. Logo, a sua adopção deverá ser uma decisão do Parque.

Por fim, e relativamente às infra-estruturas de apoio, assinalam-se dois aspectos que são importantes e não estão presentes em quase nenhum dos percursos: sanitários e caixotes do lixo. O primeiro pode ser problemático para os percursos mais longos, levando a que os participantes façam as suas necessidades no "mato"; relativamente ao segundo, apenas se aconselha a sua implementação se for assegurado um serviço regular de recolha do lixo nesses locais.

Outra limitação encontrada em quase todos os percursos foi o acesso aos mesmos, pois torna-se difícil para o visitante que não disponha de veículo próprio deslocar-se até alguns dos locais propostos, devido à inexistência de transportes alternativos regulares, talvez com excepção dos táxis.

Por fim, outra necessidade ao nível deste tipo de infra-estruturas são Centros de Apoio ao visitante, pois apenas Mértola possui um Posto de Turismo.

## 5.2. Divulgação

Para os oito percursos pedestres definidos no capítulo anterior foram elaborados textos com a descrição e a interpretação dos mesmos, sugerindo-se que essa informação seja compilada sob a forma de pequenas brochuras individuais. As brochuras visam oferecer aos guias e aos visitantes material para aprofundarem os seus conhecimentos sobre os percursos, tendo-se o cuidado de não utilizar uma linguagem demasiado técnica para facilitar a sua compreensão. Por outro lado, considera-se que o aspecto visual é muito importante e por isso espera-se que a sua edição resulte num produto atractivo e prático de manusear.

Quando se implementam percursos espera-se que estes sejam utilizados pelo público a que se destinam, neste caso os turistas. Para isso, é necessário definir-se uma estratégia de divulgação dos mesmos que envolva a entidade gestora, os utilizadores e a população local.

Tal como referido anteriormente, as brochuras sugeridas no âmbito deste trabalho são um importante complemento aos percursos e, portanto, não devem ser dissociadas dos mesmos. Deste modo, sugere-se que as brochuras sejam disponibilizadas nos postos de turismo de Mértola e Beja, na sede do Parque, nas Associações locais de Mértola e Beja, na loja do ICN, e ainda, se possível, nos pontos de restauração e alojamentos situados perto dos percursos. Para além disso, pode-se fazer referência às mesmas nas páginas da Internet das várias entidades envolvidas, por exemplo Câmara, Parque, Região de Turismo, etc.

Antes de se implementar e divulgar os percursos é importante que a população local seja informada dessa intenção pois, embora os percursos decorram sempre por caminhos públicos, há alguns que passam por zonas de caça e propriedades privadas.

Outro aspecto a ter em conta é que estas brochuras foram desenhadas também para os guias, sendo por isso importante informá-los da sua existência. Uma oportunidade para fazê-lo é quando as empresas turísticas solicitam autorização para realizar as actividades na área do Parque. Para estes casos, sugere-se que as brochuras sejam disponibilizadas gratuitamente, pois serão um valioso contributo para melhorar as suas actividades e uma forma de se apoiar o seu trabalho. Espera-se com esta medida conseguir uma maior colaboração por parte dos operadores turísticos, nomeadamente para a questão da monitorização dos percursos.



### 5.3. Monitorização

A implementação de qualquer estratégia turística irá sempre provocar impactos no meio, e embora os percursos pedestres não sejam, por si só, os principais gerados desses impactos, a verdade é que também irão contribuir para que isso suceda. Embora se deseje que esses impactos sejam positivos, como a contribuição para a economia local, uma maior consciência por parte do público para a necessidade de preservar esses valores, entre outros, reconhece-se que, infelizmente, os aspectos negativos costumam prevalecer.

Deste modo, e uma vez aceite o princípio que o aumento do número de visitantes gera impactos, um programa de uso recreativo não pode prescindir de um sistema de monitorização dos mesmos. Se não se conhecer os impactos destas actividades sobre o meio ambiente e nas populações locais, então não se pode avaliar o sucesso das iniciativas (Drumm *et al.* s.d.; Strasdas, 2002). Embora isto seja um facto aceite por quem trabalha neste domínio, a verdade é que a monitorização raramente é considerada, talvez porque uma das dificuldades é saber como fazê-lo! Esta é uma questão para a qual ainda não se chegou a nenhuma conclusão, embora sejam vários os métodos utilizados para o efeito (WWF-Brasil, 2001). Destes, destacam-se três dos mais difundidos (Seabra, 2000):

- a) Capacidade de carga de visitação recreativa em Áreas Protegidas
- b) Monitorização de impacto de visitação (MIV)
- c) Limite aceitável de mudança (LAC)

No primeiro caso, pretende-se estimar o limite máximo de visitantes com base na estimativa da quantidade de utilização que uma área pode suportar. Na prática, este método não tem resultado dada a dificuldade de se estimar esse valor devido à complexidade de inter-relações que é necessário considerar. Para além disso, começou-se a perceber que não é suficiente estimar o número de visitantes, pois aquilo que estes fazem, quando o fazem e muitas outras circunstâncias, são frequentemente mais importantes para determinar os impactos dessa visitação. Por outras palavras, parece não haver uma correlação directa entre o número de visitantes e os efeitos negativos sobre o solo, a vegetação, a fauna ou a população local (Drumm *et al.* s.d.), pelo que se tem defendido a adopção de outras metodologias.

Nos dois outros métodos, embora diferentes, têm em comum o facto de se pré-

estabeleceram os impactos considerados aceitáveis e seleccionarem-se os indicadores para a sua monitorização. Sempre que esses impactos ultrapassam o limite aceitável são implementadas medidas para corrigir essa situação. Deste modo, pode-se dizer que a grande diferença entre o primeiro método e os dois últimos, é que em MIV e em LAC a determinação da capacidade de carga é uma das soluções encontradas para diminuir o impacto, verificado durante a monitorização, e não um objectivo por si mesmo. Mas também estes dois métodos têm limitações, normalmente associadas à complexidade da sua implementação e manutenção.

Para além disso, todos estes métodos são relativamente recentes pelo que não houve ainda tempo para se comprovar a sua eficácia. Portanto, em algumas situações opta-se por arranjar soluções experimentais que integrem aspectos das várias metodologias, e que vão sendo ajustadas posteriormente.

Independentemente das metodologias adoptadas para a monitorização, defende-se que estas deverão ter em consideração a interligação de vários factores, nomeadamente a conservação dos ecossistemas, as expectativas dos visitantes e os aspectos culturais (Seabra, 2000). Para além disso, qualquer método que venha a ser adoptado terá que ser simples, prático, acessível e adequado à área em questão. No entanto, e segundo (Strasdas, 2002), a minimização dos impactos não depende apenas das técnicas utilizadas, sendo também necessário:

- a) ter-se um bom conhecimento sobre os recursos naturais do Parque
- b) existir capacidade técnica, financeira e logística para implementar essas medidas
- c) haver cooperação por parte dos visitantes e da população local para o cumprimento das regras

É também importante definir as obrigações de cada entidade envolvida, nomeadamente ao nível da manutenção das infra-estruturas, da monitorização dos impactos sobre o meio e sobre as populações, e proceder-se à avaliação do sucesso das próprias actividades (saber se elas estão a atingir os objectivos a que se propõem), etc.

De acordo com o Enquadramento Estratégico para 2000-2006 (ICN, s.d.), o papel do Parque nas actividades de animação deverá circunscrever-se à regulação, promoção e informação das mesmas. Relativamente às actividades de desporto de natureza, as entidades promotoras dessas actividades serão responsáveis pela manutenção dos espaços desportivos planeados para o desenvolvimento das diferentes modalidades, nomeadamente ao nível da limpeza, sinalização e edição de guias. Deste modo, e

relativamente ao presente trabalho, há que definir se os percursos pedestres se inserem nas actividades de animação, de interpretação ou de desporto de natureza (Anexo I), pois a sua resposta irá ter implicações sobre quem é que irá mantê-los e monitorizá-los.

Se actualmente não há forma de controlar o acesso aos locais onde os visitantes vão, então a capacidade de carga é inútil; para além disso, se não há conhecimento sobre os visitantes e os demais utilizadores das áreas abrangidas pelos percursos, torna-se difícil definir qualquer medida de controlo; por outro lado, a monitorização é inviável se não houver recursos humanos e meios financeiros e logísticos para fazê-lo. Logo, e sem colocar de lado a necessidade de se colmatar algumas das falhas atrás apontadas, provavelmente a solução mais viável para a monitorização dos percursos passa pelo envolvimento da população local e/ou dos guias que os utilizam.

Por fim, convém realçar que não foi propósito deste capítulo avançar com “fórmulas” para resolver os problemas expostos, tanto mais que se considera que pela sua complexidade as soluções devem provir das várias entidades envolvidas e não serem uma imposição de apenas uma das partes. No entanto, espera-se ter contribuído para evidenciar alguns dos pontos que não podem ser esquecidos nas decisões que venham a ser tomadas.

## 6. CONCLUSÕES

Ao longo dos anos têm-se realizados vários trabalhos no Parque Natural do Vale do Guadiana que avançam com propostas de percursos, embora muito poucos estejam divulgados. No entanto, o Enquadramento Estratégico para o Turismo de Natureza desta Área Protegida, definido para o período 2000-2006, refere os percursos pedestres como uma das actividades a promover e, assim, pretendeu-se com este trabalho contribuir para a sua implementação nesse âmbito.

Os percursos pedestres são uma actividades turística em franca expansão, um pouco por todo o país. Quando se decide implementar um percursos pedestre há que conciliar uma série de factores, quer para salvaguardar os interesses locais (do ponto de vista social, ambiental e económico), quer para corresponder às motivações dos visitantes. Verifica-se, no entanto, não existirem regras definidas que auxiliem essa análise, pelo que houve necessidade neste estudo de se criar uma metodologia com vista à definição de critérios e respectivos descritores para a selecção dos percursos.

As Áreas Protegidas são assim classificadas por conterem valores que importa conservar. Se a sua importância é reconhecida e apoiada por muitos visitantes, outros desconhecem esses valores e, muitas vezes, criticam a adopção de certas medidas que condicionam a realização de algumas actividades. É um problema complexo e de difícil resolução, contudo, considera-se que há medidas relativamente fáceis de serem adoptadas ou incentivadas e que poderão contribuir favoravelmente, nomeadamente a sensibilização do público, por exemplo através da interpretação ambiental.

Assim, e no caso dos percursos pedestres propostos, aprofundaram-se alguns aspectos observáveis ao longo dos mesmos, por forma a proporcionar ao visitante uma percepção mais completa do meio envolvente. É claro que esta medida, por si só, não irá alterar a atitude dos visitantes, no entanto pode ser um contributo. Para se conhecer a sua eficácia é necessário proceder-se a um estudo aprofundado sobre a visitaçao do Parque, o qual deve ser realizado antes da implementação do referido Enquadramento Estratégico.

Outro dos assunto abordados no presente estudo foi a questão da gestão dos próprios percursos, quer na fase da implementação quer em relação à sua manutenção. Um percurso "deixado ao abandono", principalmente numa Área Protegida, é uma péssima

imagem para a mesma, pois está a contrariar a mensagem de conservação da natureza que se pretende transmitir a quem a visita.

O desenvolvimento da componente turística nesta área é desejável desde que devidamente gerida. O Parque Natural do Vale do Guadiana, à semelhança de muitas outras Áreas Protegidas nacionais, carece de meios humanos, logísticos e financeiros, pelo que a implementação desse Enquadramento Estratégico terá que envolver outros agentes externos. No entanto, isto não deve ser visto apenas como uma forma de colmatar essa necessidade, mas antes como uma oportunidade para esses agentes se envolverem, não só ao nível das tomadas de decisão, mas também na partilha das responsabilidades.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E BIBLIOGRAFIA

### Referências bibliográficas

- ADPM. 1994. *Percursos Temáticos – Mértola*. Associação de Defesa do Património de Mértola (Ed.). folheto;
- ADPM<sup>1</sup>. 2000. *Percursos de Mértola. À Volta de Mértola, Entre o Rio e o Montado, Entre Serras*. Associação de Defesa do Património de Mértola. Mértola;
- ADPM<sup>2</sup>. 2000. *Monte do Vento: Educação ambiental – turismo da natureza*. Associação de Defesa do Património de Mértola (Ed.). folheto;
- ADPM<sup>3</sup>. 2000. *Ciclo do Pão - Percursos de Mértola*. Associação de Defesa do Património de Mértola (Ed.). folheto;
- Alves, A. 1990. *Proposta de uma Rede Global de Recreio para o Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros*. Trabalho de fim de curso de Arquitectura Paisagista. Universidade de Évora. Évora;
- Bernardo, A. 1996. *As Noites na Raia*. Prova de Aptidão Profissional do curso de Técnicos de Turismo Ambiental e Rural. Escola Profissional Bento de Jesus Caraça. Mértola;
- Biodesign, Hidroprojecto e Status<sup>1</sup>. 2001. *Plano de Ordenamento do Parque Natural do Vale do Guadiana: 1ª fase – Estudos de Caracterização, Diagnóstico e Pré Proposta de Ordenamento*. Relatório. Instituto da Conservação da Natureza / Parque Natural do Vale do Guadiana (Ed.);
- Biodesign, Hidroprojecto e Status<sup>2</sup>. 2001. *Plano de Ordenamento do Parque Natural do Vale do Guadiana: Relatório*. Instituto da Conservação da Natureza / Parque Natural do Vale do Guadiana (Ed.);
- Biodesign, Hidroprojecto e Status<sup>3</sup>. 2001. *Plano de Ordenamento do Parque Natural do Vale do Guadiana: Regulamento*. Instituto da Conservação da Natureza / Parque Natural do Vale do Guadiana (Ed.);
- Biodesign, Hidroprojecto e Status<sup>4</sup>. 2001. *Plano de Ordenamento do Parque Natural do Vale do Guadiana: Programa de Execução e Plano de Financiamento – versão preliminar*. Instituto da Conservação da Natureza / Parque Natural do Vale do Guadiana (Ed.);
- Burnay, M. 2002. Turismo Sustentável e Ecoturismo em Portugal *in* Congresso Internacional de Ecoturismo 2002. Alcanena. Resumos: 5-8 p.;
- CMA, ICN e DGDR. 2002. *A Declaração de Alcanena*. Conclusões do Congresso Internacional de Ecoturismo;

- Cruz, C. 1999. *Itinerários de interpretação ambiental a nível regional (Alentejo)*. Dissertação de Mestrado em Gestão de Recursos Biológicos. Universidade de Évora. Évora;
- Cruz, C. 1999. *Percursos no Parque Natural do Vale do Guadiana*. Relatório no âmbito do Programa Interreg III. Não publicado;
- Decreto-Lei n.º47/99, de 16 de Fevereiro (I Série A, n.º 39, 805-818 p.);
- DGP. 1987. *Recursos Genéticos – Raças autóctones: espécies ovina e caprina*. Direcção Geral de Pecuária. Lisboa;
- DRAA-Alentejo. 1997. *Zonas de Interesse Ambiental do Alentejo. Coleção de Percursos Pedestres na Natureza*. Direcção Regional do Ambiente – Alentejo. Évora. folheto do complexo do Vale do Guadiana;
- Drumm, A. e A. Morre. S.d. *Ecotourism – A Series for Conservation Planners and Managers*. The Nature Conservancy. Vol. II. USA. Não publicado;
- EPBJC. s.d. *A via romana. Mértola – Mina de S. Domingos*. Escola Profissional Bento de Jesus Caraça, Campo Arqueológico de Mértola, Câmara Municipal de Mértola, Parque natural do Vale do Guadiana. Folheto;
- EUROPARC. 1998. *The European charter for sustainable tourism in protected areas*;
- FA. 2001. *Portugal pé-ante-pé. 24 Caminhadas pela Natureza. Da Serra d'Arga ao Sotavento Algarvio*. Guia de Percursos Naturais. Bertrand Editora e Forum Ambiente. Lisboa;
- FPC. 2001. *Percursos Pedestres – Normas para implementação e marcação*. Centro de Estudo e Formação Desportiva (Ed.). Federação Portuguesa de Campismo;
- ICN. s.d. *Turismo da Natureza – Enquadramento Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo de Natureza nas Áreas Protegidas*. Instituto da Conservação da Natureza. Ministério das Cidades, Ordenamento do Território e Ambiente. CDRom;
- Isaacs, J. 2000. The limited potential of ecotourism to contribute to wildlife conservation. *Wildlife Society Bulletin*. 28(1): 61-69 p.;
- Mateus, R. 2001. O turismo cultural – impactos a nível local. O caso de Mértola. *Revista Municipal*, 3(1º semestre): 34-42 p.;
- Matos, L. e J. Cancela. 1993. *Caracterização Biofísica do Troço Médio do Vale do Guadiana (Região de Mértola)*. Associação de Defesa do Património de Mértola (ADPM);
- Oliveira, M. 1994. *Ecomuseu do Guadiana em Mértola: Sua Implementação numa Perspectiva de Desenvolvimento Integrado*. Relatório de fim de curso de Arquitectura Paisagista. Universidade de Évora;
- Oliveira, R. 1996. *Contributos para a Preservação e Valorização do Património Natural do Troço Médio do Vale do Guadiana*. Associação de Defesa do Património de Mértola (Ed.);

- Pena, A.; Gomes, L. e Cabral, J. 1985. *Fauna e Flora de Mértola: Uma Perspectiva Ecológica do Concelho*. Cadernos do Campo Arqueológico de Mértola Nº3;
- Resolução do Conselho de Ministros n.º112/98, de 25 de Agosto (I Série B, n.º 195, 4348–4350 p.);
- Romba, C. e V. Barbosa. 1999. *Percursos em Redor de Mértola*. Prova de Aptidão Profissional do Curso de Técnicos de Turismo Ambiental e Rural. Escola Profissional Bento de Jesus Caraça. Mértola;
- Romba, F. 1996. *Percursos de Natureza no Perímetro Florestal de Mértola*. Prova de Aptidão Profissional do curso de Técnicos de Turismo Ambiental e Rural. Escola Profissional Bento de Jesus Caraça. Mértola;
- Strasdas, W. 2002. *The Ecotourism Training Manual for Protected Area Managers*. German Foundation for International Development (DSE) e Centre for Food, Rural Development and the Environment (ZEL). Germany. Zschortau;
- Travassos, D.; Cuiça, P. e J. Mota. 2000. *Açores - Percursos Naturais*. Direcção Regional de Turismo dos Açores (Ed.);
- UNEP. 2001. *UNEP Manual for the International Year of Ecotourism*. IYE 2002;
- Wearing, S. e J. Neil. 2000. *Ecotourism: Impacts, Potentials and Possibilities*. Butterworth Heinemann, Oxford;
- WTO/UNEP. 1994. *Guidelines: Development of National Parks and Protected Areas for Tourism*. World Tourism Organisation / United Nations Environment Programme. Technical Report. Series nº13. Madrid;
- WWF-Brasil. 2001. *Uso Recreativo do Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha: Um Exemplo de Planeamento e Implementação*. (Sylvia Mitraud - Coord.). WWF Brasil. Vol. 8;
- Zúquete, A. e P. Henriques. 2001. *Parque Natural do Vale do Guadiana*. Instituto da Conservação da Natureza. Brochura das Áreas Protegidas;

### **Internet**

- Bugalho, J. *Sobre o Turismo de Natureza, a Agricultura e a Conservação dos Recursos Naturais*. [www.naturlink.pt/canais/artigo.asp?artigo=5690&1lingua=1](http://www.naturlink.pt/canais/artigo.asp?artigo=5690&1lingua=1)
- Seabra, 2000. *Por um Turismo do Cuidado – Discussões acerca dos Estudos de Capacidade de Suporte Ecoturístico*.  
[redebonda.cbj.g12.br/ielusc/turismo/IVentbl/trab\\_area08\\_05.html](http://redebonda.cbj.g12.br/ielusc/turismo/IVentbl/trab_area08_05.html)
- Veiga, C. *O impacto ambiental do Turismo*. [www.ualg.pt/esgnh/revistas/rev-1/impacto.htm](http://www.ualg.pt/esgnh/revistas/rev-1/impacto.htm)



**Bibliografia**

- Aas, G. e A. Riedmiller. 1999. *Árvores de Folha Caduca*. Everest Editora, Lda.;
- Alves, H. 1997. *Mina de S. Domingos. Génese, Formação Social e Identidade Mineira*. Estudos e fontes documentais para a História de Mértola– 3. Campo Arqueológico de Mértola;
- Assoc. Odiana. 1999. *Roteiro Turístico do Baixo Guadiana*. Associação Odiana (Ed.);
- Cabral, F. e G. Telles. 1999. *A Árvore em Portugal*. Assírio & Alvim. Lisboa;
- Caetano, L. 2000. *Caracterização da Apicultura na Área do Parque Natural do Vale do Guadiana*. Trabalho de fim de curso de Engenharia Técnica de Produção Vegetal. Escola Superior Agrária de Beja, Instituto Politécnico de Beja. Beja;
- Campos, I. 2001. *A Água Santa da Morena*. Direcção Regional do Ambiente e Ordenamento do Território – Alentejo. Évora. Folheto;
- Candeais<sup>1</sup>, M. 2002. *Levantamento e Preparação de um Caderno de Candidatura de Árvores Existentes na Área do Parque Natural do Vale do Guadiana a Árvores de Interesse Público*. Relatório de Estágio II do curso de Engenharia Agro-Florestal. Escola Superior Agrária de Beja, Instituto Politécnico de Beja. Beja;
- Candeias<sup>2</sup>, M. 2002. *Levantamento da População de Grou-comum (Grus grus) Invernantes na Área do Parque Natural do Vale do Guadiana e Áreas Limítrofes*. Relatório de Estágio I do curso de Engenharia Agro-Florestal. Escola Superior Agrária de Beja, Instituto Politécnico de Beja. Beja;
- Cardoso, A. 2000. *Aves do Parque Natural do Vale do Guadiana*. Parque Natural do Vale do Guadiana, Instituto da Conservação da Natureza;
- CBA. 2000. *Salvemos os Peixes do Guadiana – Principais ameaças à sua sobrevivência*. Centro de Biologia Ambiental (Ed.). Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Folheto;
- CEAI. 2001. *Roteiros com as Aves do Alentejo*. Centro de Estudos da Avifauna Ibérica (Ed.);
- CEM e ADPM. 1999. *Saberes e Dizeres*. Conselho Escolar de Mértola e Associação de Defesa do Património de Mértola. Beja;
- CL. 1991. *Botânica II*. Círculo de Leitores;
- CL. 1995. *O Grande Livro da Natureza*. Círculo de Leitores;
- Coelho, I. 1996. O montado, a economia e o desenvolvimento do Alentejo. *Silva Lusitana*. Lisboa. 4(1): 39-48 p.;
- Correia, C. e A. Cidadão. 1991. *Portugal Animal*. Círculo de Leitores / Publicações D. Quixote;

- Costa, F. 1991. *Maravilhoso Guadiana. As grandezas, as misérias, o mistério*. Centro Cultural Caridadense 1º de Maio (Ed.). Reguengos;
- Dias, M.; Pinto, J.; Carvalho, A e S. Muzavor. 2001. *As artes de pesca do Baixo Guadiana*. Universidade do Algarve;
- Elias, G.; Reino, L.; Silva, T.; Tomé, R. e P. Geraldès (Coords.). 1998. *Atlas das Aves Invernantes do Baixo Alentejo*. Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves. Lisboa;
- Ferreira, D. 1992. Problemas florestais no Alentejo: a crise do montado e a eucaliptização. *Finisterra*. XXVII, 53-54: 25-62 p.;
- Garcia, J. 1982. *Navegabilidade e Navegação no Baixo Guadiana*. Linha de Acção de Geografia do Mediterrâneo e das Ilhas Atlânticas. Centro de Estudo Geográficos. Caderno nº2. Lisboa;
- Garcia, R. 1998. As Minas que Envenenam o Alentejo. *Pública*. nº109: 18-26 p.;
- Gonçalves, D. 1996. *Livro de poesia - Desde o pão até ao sol*. Câmara Municipal de Mértola. Mértola;
- Grilo, R. 1996. Historial da Velha Mina. *Casa Decoração*. Janeiro 96: 94-102 p.
- Guita, R. 1999. *Engenheiros Hidráulicos Tradicionais*. Instituto da Conservação da Natureza e Parque Natural do Vale do Guadiana (Ed.);
- ICN. 1999. *Saramugo - Uma Espécie em Extinção*. Instituto da Conservação da Natureza (Ed.). Ministério do Ambiente. Folheto;
- INAMB. 1989. *O Eucalipto em Portugal. Na Óptica de um Desenvolvimento Sustentável*. Instituto Nacional do Ambiente;
- ISA. 1990. *Impactos Ambientais e Sócio-económicos do Eucalipto em Portugal*. Departamento de Engenharia Florestal, Instituto Superior de Agronomia. Lisboa;
- LPN. 1999. *Castro Verde: Um Olhar sobre a Planície*. Liga para a Protecção da Natureza. Lisboa;
- Macdonald, D. e P. Barrett. 1999. *Collins Field Guide - Mammals of Britain and Europe*. Harper-Collins Publishers. Guia Fapas. Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens e Câmara Municipal do Porto (Ed.);
- Martínez, S. s.d. Mértola: Um Porto Antigo do Mediterrâneo. *Portos Antigos*;
- Melo, C. 2002. *Estudo Etnobotânico no Parque Natural do Vale do Guadiana*. Relatório de Projecto do curso de Engenharia Agro-Florestal, ramo Desenvolvimento Rural. Escola Superior Agrária de Beja, Instituto Politécnico de Beja. Beja;
- Monteiro, P. 1999. *Guia de Percursos do Tejo Internacional*. Cadernos QUERCUS. Série D. n.º 05. Rosmaninhal;
- Nicolai, J. 1997. *Aves Canoras*. Círculo de Leitores;
- Nicolai, J. 1998. *Aves de Rapina Diurnas e Nocturnas*. Círculo de Leitores;

- Oliveira, R. 1996. *Contributos para a Preservação e Valorização do Património Natural do Troço Médio do Vale do Guadiana*. Associação de Defesa do Património de Mértola (Ed.);
- Oliveira, R. e I. Baptista. 2001. *Guadiana Vivo: Uma abordagem Participada ao Planeamento e Gestão do Parque Natural do Vale do Guadiana*. ADPM - Associação de Defesa do Património de Mértola (Ed.);
- Pena, A. 1998. *Roteiro Natural*. Região de Turismo da Planície Dourada;
- Reis, S. 2001. *Seleção do Habitat de Caça do Francelho-das-torres (Falco naumanni, Fleisher 1818) na Colónia de Mértola*. Relatório para o Parque Natural do Vale do Guadiana. Instituto da Conservação da Natureza;
- Rodrigues, J. 2002. Montados de azinho. *DGF – Informação*. nº12: 21-22 p.;
- Rogado, L. 2001. *Peixes do Parque Natural do Vale do Guadiana*. Parque Natural do Vale do Guadiana, Instituto da Conservação da Natureza;
- Torres, N. e R. Guita. 2000. *Ervas e Cheiros: Espécies Aromáticas e Medicinais do Concelho de Mértola*. Escola C+S de Mértola (Ed.). Mértola.

### **Internet**

- António, N. A Árvore mais mediática.  
[www.naturlink.pt/canais/Artigo.asp?iArtigo=2070&iLingua=1](http://www.naturlink.pt/canais/Artigo.asp?iArtigo=2070&iLingua=1)
- António, N. Ficha da Esteva.  
[www.naturlink.pt/canais/Artigo.asp?iArtigo=1648&iLingua=1](http://www.naturlink.pt/canais/Artigo.asp?iArtigo=1648&iLingua=1)
- Bingre, P. Rosmaninho em Portugal.  
[www.naturlink.pt/canais/Artigo.asp?iArtigo=2089&iLingua=1](http://www.naturlink.pt/canais/Artigo.asp?iArtigo=2089&iLingua=1)
- Borralho, R. Plano Zonal de Castro Verde.  
[www.naturlink.pt/canais/Artigo.asp?iArtigo=1301&iLingua=1](http://www.naturlink.pt/canais/Artigo.asp?iArtigo=1301&iLingua=1)
- Bugalho, J. A Esteva.  
[www.naturlink.pt/canais/Artigo.asp?iArtigo=1627&iLingua=1](http://www.naturlink.pt/canais/Artigo.asp?iArtigo=1627&iLingua=1)
- Consejería de Medio Ambiente. Árboles y arbustos de Andalucía: Lentisco (*Pistacia lentiscus* L.)  
[www.juntadeandalucia.es/medioambiente/educacion\\_ambiental/arboles\\_arbustos/lentisco.html](http://www.juntadeandalucia.es/medioambiente/educacion_ambiental/arboles_arbustos/lentisco.html)
- Cruz, N. A Ficha da Azinheira.  
[www.naturlink.pt/canais/Artigo.asp?iArtigo=167&iLingua=1](http://www.naturlink.pt/canais/Artigo.asp?iArtigo=167&iLingua=1)
- DGD Rural. Carne de Porco Alentejano.  
[www.dgdr.min-agricultura.pt/produtos/p32%20carne%20Porco%20alentejano.html](http://www.dgdr.min-agricultura.pt/produtos/p32%20carne%20Porco%20alentejano.html)
- FCTUC. Minas de S. Domingos.

[www.terravista.pt/meiapraia/1244/introdu%C3%A7%C3%A3o.htm](http://www.terravista.pt/meiapraia/1244/introdu%C3%A7%C3%A3o.htm)

- Horto-Information. Erica andevalensis.

[www.horto-info.com/Horto/Notícias/030203/Not12.htm](http://www.horto-info.com/Horto/Notícias/030203/Not12.htm)

- ICN-Áreas Protegidas-Vale do Guadiana

[www.icn.pt/areas\\_protegidas/guadiana/entrada.htm](http://www.icn.pt/areas_protegidas/guadiana/entrada.htm)

- Infoagro. El cultivo del Pistacho.

[www.infoagro.com/frutas/frutos\\_secos/pistacho.htm](http://www.infoagro.com/frutas/frutos_secos/pistacho.htm)

- Leitão, N. As Aves dos Pinhais.

[www.naturlink.pt/canais/Artigo.asp?iArtigo=2147&iLingua=1](http://www.naturlink.pt/canais/Artigo.asp?iArtigo=2147&iLingua=1)

- Naturlink. Paisagem alentejana.

[www.naturlink.pt/canais/Artigo.asp?iArtigo=7849&iLingua=1](http://www.naturlink.pt/canais/Artigo.asp?iArtigo=7849&iLingua=1)

- Otero, S. A família das orquídeas.

[www.naturlink.pt/canais/Artigo.asp?iArtigo=2026&iLingua=1](http://www.naturlink.pt/canais/Artigo.asp?iArtigo=2026&iLingua=1)

- Pereira, M. Lontras

[www.planeta.clix.pt/Lontras/Pagina1/Trabalho.htm](http://www.planeta.clix.pt/Lontras/Pagina1/Trabalho.htm)

- Projecto Piracema "Classificação e história das orquídeas"

[geocities.yahoo.com.br/piracemaecologia/galeriaorquidea1.html](http://geocities.yahoo.com.br/piracemaecologia/galeriaorquidea1.html)

- Terras da Beira. Lontra.

[www.freipedro.pt/tb/280900/opin4.htm](http://www.freipedro.pt/tb/280900/opin4.htm)

- Verde Verdugo. Lontra

[www.cientic.com/cn\\_novidades\\_set02.html](http://www.cientic.com/cn_novidades_set02.html)

## **ANEXOS**

## ANEXO I

### RESUMO DA REGULAMENTAÇÃO DE PASSEIOS PEDESTRES

A prática de actividades de Turismo de Natureza a nível nacional e, concretamente, no Parque Natural do Vale do Guadiana (PNVG) é alvo de regulamentação e gestão por parte de diversos instrumentos legais, dos quais se destacam:

- a) Programa Nacional de Turismo de Natureza (Dec. Reg. Nº18/99, de 27/08)
- b) Plano de Ordenamento do Parque Natural do Vale do Guadiana (POPNVG) – em fase de aprovação
- c) Enquadramento Estratégico do Turismo de Natureza no PNVG
- d) Carta de Desporto de Natureza do PNVG – em elaboração

Relativamente aos percursos pedestres, constata-se a utilização nesses documentos de diferentes termos e conceitos, facto que dificulta a sua compreensão e posterior aplicação.

#### **a) Programa Nacional de Turismo de Natureza**

A componente de animação ambiental inclui as modalidades de animação, interpretação ambiental e desporto de natureza, definindo-se para cada uma delas as respectivas actividades contempladas:

##### *· Animação*

- **rotas temáticas**
- expedições panorâmicas e fotográficas
- **passeios a pé**, de barco, a cavalo, de bicicleta
- passeios em veículos de todo o terreno
- entre outros

Dos vários requisitos mencionados, destaca-se o facto dos **passeios a pé**, ..., terem que respeitar os trilhos e a sinalização existente, bem como as limitações estabelecidas quanto ao número de actividades ou visitantes em relação a alguns locais e/ou época do ano.

### • **Interpretação ambiental**

- centros de interpretação
- **percursos interpretativos** (caminho ou trilho devidamente sinalizado que tem como finalidade proporcionar ao visitante, através do contacto com a natureza, o conhecimento dos valores naturais e culturais da AP)
- entre outros

Os percursos interpretativos têm que indicar o teor, a extensão, a duração, o número máximo de participantes por grupo e por dia e os meios de transporte permitidos ou aconselháveis e serem obrigatoriamente acompanhados por guias de natureza, ou em alternativa por pessoal com formação adequada. No entanto, até à formação dos guias de natureza, os percursos interpretativos podem ser acompanhados por profissionais cujas habilitações sejam reconhecidas pelo ICN.

• **Desporto de natureza** (aquele cuja prática aproxima o homem da natureza de uma forma saudável e seja enquadrável na gestão das áreas protegidas e numa política de desenvolvimento sustentável)

- pedestrianismo
- BTT
- escalada
- entre outros

A sua realização será condicionada pela Carta de Desporto de Natureza definida para cada AP, que deverá conter as regras e orientações relativas a cada modalidade desportiva, incluindo, designadamente, os locais e as épocas do ano em que as mesmas devem poder ser praticadas, bem como a respectiva capacidade de carga.

O Programa Nacional de Turismo de Natureza impõe ainda que as actividades e serviços de animação ambiental na suas diferentes modalidades sejam acompanhadas por guias de natureza, os quais devem possuir formação profissional adequada.

### **b) Plano de Ordenamento do PNVG - Regulamento**

O POPNVG tem a natureza de regulamento administrativo e constitui um Plano Especial de Ordenamento do Território. Para efeitos da aplicação desse Regulamento, destacam-se as seguintes definições:

• **Actividades Recreativas** - actividades de desporto de natureza ou de desporto motorizado, quando realizadas em regime individual ou colectivo, desde que não envolvam iniciativas de mobilização de público

• **Desporto de Natureza** – compreende as actividades e os serviços de carácter desportivo ou recreativo, de água, de ar ou de terra, habitualmente praticadas em espaços naturais ao ar livre e que não necessitam de obras especiais para a sua prática, nomeadamente: pedestrianismo, montanhismo, orientação, escalada, *rappel*, espeleologia, balonismo, parapente, asa delta sem motor, bicicleta-todo-o-terreno, hipismo, canoagem, remo, vela, *surf*, prancha à vela, mergulho, *rafting*, *hidrospeed*, e ainda outros desportos e actividades de lazer cuja prática não se mostre nociva para a conservação de natureza

Pela leitura destas definições, parece não haver referência ao termo percurso/passeio pedestre ou interpretativo, pelo que, ou não foram considerados ou estão abrangidos nas actividades de lazer e, portanto, incluídos no Desporto de Natureza.

**Capítulo das Disposições Gerais**, sob o Artigo dos **actos e actividades a promover**, tem-se que:

- Segundo a sua natureza, as actividades recreativas podem ocorrer em vários locais do PNVG, salvaguardando-se as densidades, as capacidades de carga e a compatibilidade entre actividades, conforme deverá ser definido na Carta de Desporto de Natureza e nos critérios para a boa execução das diferentes actividades desportivas e recreativas a desenvolver pelo PNVG e que deverão ser adequadamente divulgados;

- a delimitação dos percursos associados às actividades recreativas deverá privilegiar a educação ambiental, a divulgação e reconhecimento dos valores naturais e do património cultural construído, bem como a fruição de valores locais com sejam a gastronomia, artesanato, produtos de excepção, entre outros, contribuindo desta forma para o desenvolvimento social e económico local;

- compete ao PNVG apoiar a definição, divulgação, sinalização e gestão dos percursos estabelecidos, podendo recorrer ao apoio das entidades que considere convenientes ou que se encontrem mais aptas para o efeito.



Pela sua leitura, entende-se que as actividades recreativas (onde se pressupõe estarem incluídos os passeios pedestres e de interpretação) serão regulamentadas pela Carta de Desporto de Natureza do Parque, que será ainda desenvolvida. Os percursos associados a estas actividades deverão privilegiar os diversos valores da região.

Ainda nesse Capítulo, são definidos os **actos e as actividades sujeitos a autorização ou a parecer da Comissão Directiva do Parque**, verificando-se que foram incluídas as actividades de desporto de natureza e, separadamente, a prática de actividades desportivas ou recreativas. Pela análise da listagem mais pormenorizada dessas actividades, verifica-se não haver referência a passeios a pé ou interpretativos, o que leva supor não ser necessário autorização da Comissão Directiva do Parque para a práticas destas duas actividades.

No **Capítulo do Regime de Protecção**, sob os artigos das Disposições Específicas para as várias tipologias (Protecção Parcial e Complementar), há restrições à prática de certas actividades desportivas e recreativas em algumas dessas classes de zonamento, mas esses condicionantes não se aplicam aos passeios a pé ou interpretativo. Deste modo, supõe-se que a sua realização possa ocorrer em qualquer área do Parque.

No **Capítulo dos Usos e Actividades**, sob o Artigo das **actividades recreativas**, o Regulamento prevê o seguinte:

- na área do PNVG admite-se a prática de actividades de desporto de natureza e de desporto motorizado em regime individual, ou seja, envolvendo indivíduos ou reduzido número de participantes, desde que não envolvam a iniciativa de mobilização do público, nelas se incluindo os passeios e a estadia em contacto com a natureza, de acordo com as regras expressas nas disposições gerais e específicas definidas no regulamento.

- mais uma vez se refere que, segundo a sua natureza, as actividades recreativas podem ocorrer em vários locais do PNVG, salvaguardando-se as densidades, as capacidades de carga e a compatibilidade entre actividades, conforme deverá ser definido na Carta de Desporto de Natureza e nos critérios para a boa execução das

diferentes actividades desportivas e recreativas a desenvolver pelo PNVG e que deverão ser adequadamente divulgados.

Pela sua leitura, conclui-se que se admite a prática de passeios em contacto com a natureza em vários locais do Parque, e cujas normas **de realização serão definidas na Carta de Desporto de Natureza**

Por fim, e ainda no âmbito deste capítulo, o Artigo dos **percursos**, refere que:

- compete ao PNVG estabelecer percursos para passeios pedestres, entre outros
- os percursos referidos serão reconhecidos pelo PNVG, em colaboração com as associações desportivas das modalidades referidas
- na definição dos percursos serão considerados eixos que não colidam com os valores e interesses de Conservação da Natureza.
- a delimitação dos percursos deverá privilegiar a educação ambiental, a divulgação e reconhecimento dos valores naturais e do património cultural construído, bem como a fruição dos valores locais como sejam a gastronomia, artesanato, produtos de excepção, entre outros, contribuindo desta forma para o desenvolvimento social e económico local
- os percursos referidos deverão ser articulados temporal e espacialmente com outras actividades de animação susceptíveis de ocorrer na área do PNVG, nomeadamente com a realização de festas e romarias, percursos temáticos de património cultural (romano, igrejas, entre outros)
- compete ao PNVG apoiar a definição, divulgação, sinalização e gestão dos percursos estabelecidos, podendo recorrer ao apoio das entidades que considere convenientes ou que se encontrem mais aptas para o efeito

Deste modo, pode-se dizer que o Parque tem interesse em estabelecer percursos pedestres, desde que os mesmos não colidam com os interesses de conservação da natureza, aconselhando-se que privilegiem a divulgação e o reconhecimento dos valores existentes nesta AP e contribuam para o desenvolvimento local.

### **c) Enquadramento Estratégico do Turismo de Natureza no PNVG**

Logo no início deste documento, são referidas, de forma geral, as várias potencialidades para o Turismo da Natureza no PNVG, e onde se inclui os percursos a definir pelo

Parque para serem implementados, assim como a criação de brochuras explicativas sobre os mesmos.

Sob a modalidade de Animação está contemplado o estabelecimento de percursos pedestres, incluindo a sua divulgação através da edição de material informativo e da sua sinalização no terreno através de leitores de paisagem e painéis informativos. Por sua vez, os percursos interpretativos são referidos como uma das actividades a implementar na modalidade de Interpretação Ambiental.

Contudo, salvaguarda-se a necessidade da implementação destas actividades estar em conformidade com o Plano de Ordenamento do Parque e com as classes de zonamento nele definidas.

## ANEXO II

### DIAGNÓSTICO DOS PERCURSOS SUGERIDOS EM FUNÇÃO DOS CRITÉRIOS CONSIDERADOS E RESPECTIVOS DESCRITORES

1. N.º percurso:
2. Itinerário: breve descrição do percurso, locais por onde passa
3. Localização: indicação relativa ao acesso ao percurso, com base no mapa de estradas nacional e em pontos de referência
4. Distância: comprimento do percurso, desde o local de partida até ao local de chegada, estimado com base num conta-quilómetros.
5. Outros: bibliografia, contactos úteis

#### ***Crítérios e respectivos descritores adoptados para a exclusão de percursos (ou troços de percursos) inapropriados***

##### *a) Propriedade*

- 1 - Área livre
- 2 - Área livre mas com acesso condicionado (ex. terrenos de caça)
- 3 - Área privada sem oposição ao acesso
- 4 - Área privada com oposição ao acesso (exclusão)

##### *b) Segurança*

- 1 - Seguro
- 2 - Relativamente seguro (sazonalmente - caça; crianças necessitam de acompanhamento)
- 3 - Relativamente perigoso (carece de medidas de gestão)
- 4 - Muito perigoso (exclusão)

##### *c) Vulnerabilidade (fauna e flora prioritárias)*

- 1 - Habitat resistente à pressão humana
- 2 - Alguns pontos vulneráveis, mas salvaguardáveis com *designs* apropriados dos percursos
- 3 - Vulnerável, mas salvaguardável com medidas de gestão
- 4 - Muito vulnerável (exclusão)

d) *Caminhos (acessos)*

- 1 - Caminhos, carreiros ou estradas de terra batida ou empedradas, em boas condições
- 2 - Caminhos, carreiros ou estradas de terra batida ou empedradas já utilizados mas que actualmente se encontram em más condições ou já não existem, mas com possibilidade de recuperação
- 3 - Sem caminhos
- 4 - Caminhos muito acidentados ou estradas asfaltadas (exclusão), salvo durante pequenos troços do percurso, ou para aceder ao percurso principal

e) *Cooperação*

- 1 - Importância do projecto reconhecida/apoiada
- 2 - Desconhecimento de eventuais conflitos
- 3 - Existem outros planos para a zona mas são compatíveis com a implementação do percurso
- 4 - Outros interesses prioritários para a zona (exclusão)

***Outros critérios a ter em consideração na escolha dos percursos***

f) *Diversidade da paisagem* (ambiente urbano/industrial, agrícola, florestal/matagal, ribeirinho)

- 1 - Ocorrência de 4 tipos de habitats
- 2 - Ocorrência de 3 tipos de habitats
- 3 - Ocorrência de 2 tipos de habitat
- 4 - Ocorrência de 1 tipo de habitat

g) *Património* (cultural, natural – biológico, natural – geológico, construído)

- 1 - Ocorrência de 4 tipos de património
- 2 - Ocorrência de 3 tipos de património
- 3 - Ocorrência de 2 tipos de património
- 4 - Ocorrência de 1 tipo de património

h) *Visitação do local*

- 1 - Sem visitação
- 2 - Pouco visitado
- 3 - Visitado temporariamente
- 4 - Visitado frequentemente

i) *Declive*

- 1 – Fácil (plano ou suave)
- 2 – Moderado (suave a moderado)
- 3 – Difícil (moderado a acentuado)
- 4 – Extenuante (íngreme)

j) *Perturbação*

- 1 - Ausente
- 2 – Moderada (temporária)
- 3 – Localizado perto de áreas com perturbação
- 4 – Localizado em áreas com muita perturbação

l) *Infra-estruturas*

- 1 – Infra-estruturas adequadas
- 2 – Infra-estruturas insuficientes, mas com possibilidade de serem melhoradas
- 3 - Infra-estruturas inexistentes, mas o local oferece condições para a sua implementação
- 4 – Infra-estruturas insuficientes ou inexistentes e o local não oferece condições para o seu melhoramento

Observação: Descrição das infra-estruturas de acolhimento, de apoio, de animação e de protecção.

m) *Interligação com outras actividades*

- 1 – Já ocorrem actividades na área com possibilidade de interligação
- 2 – Não existem actividades na área mas é possível a sua implementação
- 3 – Ocorrem actividades na área, mas de âmbitos distintos do turismo de natureza
- 4 – Sem interesse para outras actividades

n) *Desenvolvimento local*

- 1 – O percurso passa por zonas com condições para se contribuir para o desenvolvimento local
- 2 – O percurso localiza-se nos arredores de locais onde é possível a adopção de medidas que contribuam para o desenvolvimento local
- 3 – Os locais perto do percurso não dispõem de condições para que se possa contribuir para o desenvolvimento local
- 4 – O percurso não passa por locais onde seja possível contribuir-se para o desenvolvimento local